



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

POLLYANA MACÊDO DE JESUS

**NOTÍCIAS DE VIAGEM POR ENTRE VILAS E ALDEIAS DE
INDÍGENAS SUBLEVADOS NA BAHIA COLONIAL: EDIÇÃO
SEMIDIPLOMÁTICA, EDIÇÃO INTERPRETATIVA E GLOSSÁRIO**

**SALVADOR
2022**

POLLYANA MACÊDO DE JESUS

**NOTÍCIAS DE VIAGEM POR ENTRE VILAS E ALDEIAS DE
INDÍGENAS SUBLEVADOS NA BAHIA COLONIAL: EDIÇÃO
SEMIDIPLOMÁTICA, EDIÇÃO INTERPRETATIVA E GLOSSÁRIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Linha de Pesquisa: Linguística Histórica, Filologia e História da Cultura Escrita.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliana Correia Brandão Gonçalves

SALVADOR
2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MACÊDO DE JESUS, POLLYANA
NOTÍCIAS DE VIAGEM POR ENTRE VILAS E ALDEIAS DE
INDÍGENAS SUBLEVADOS NA BAHIA COLONIAL: EDIÇÃO
SEMIDIPLOMÁTICA, EDIÇÃO INTERPRETATIVA E GLOSSÁRIO /
POLLYANA MACÊDO DE JESUS. -- SALVADOR, 2022.
147 f.

Orientador: ELIANA CORREIA BRANDÃO GONÇALVES.
Dissertação (Mestrado - MESTRADO EM LÍNGUA E
CULTURA) -- Universidade Federal da Bahia, INSTITUTO
DE LETRAS (UFBA), 2022.

1. Filologia. 2. Edição de Textos. 3. Glossário. 4.
História Social dos Povos Indígenas. 5. Bahia Colonial.
I. CORREIA BRANDÃO GONÇALVES, ELIANA. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

POLLYANA MACÊDO DE JESUS

**NOTÍCIAS DE VIAGEM POR ENTRE VILAS E ALDEIAS DE INDÍGENAS
SUBLEVADOS NA BAHIA COLONIAL: EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA, EDIÇÃO
INTERPRETATIVA E GLOSSÁRIO**

**Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da
Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Língua e Cultura.**

Aprovada em 17 de outubro de 2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Eliana Correia Brandão Gonçalves

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Orientadora

Prof. Dr. Phablo Roberto Marchis Fachin

Universidade de São Paulo - USP

Profa. Dra. Norma Suely da Silva Pereira

Universidade Federal da Bahia – UFBA

*À Safira, minha queridona, a estrela que mais
cintila no céu!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me sustentou até aqui, segurou a minha mão em momentos de medo e me ajudou a caminhar mesmo quando eu não vi o chão, me permitindo descobrir forças que eu não sabia que tinha.

Aos meus pais, Virgínia e Roque, e ao meu irmão, Rodson, por serem minha fortaleza na terra e meu coração fora de mim.

A Leonardo, pela compreensão de sempre, por ser meu ninho de paz, amor e um exemplo de generosidade. D. Soraia, Sr. Jesuino e Artur, por me acolherem com tanto carinho.

Ao GEFILL, grupo de pesquisa do qual faço parte, pelas trocas e aprendizados. Em especial à Tamires e Adriana, as quais estavam junto comigo e com a nossa coordenadora, Eliana Gonçalves, lá no início, e com quem pude dividir as dificuldades e alegrias do mundo acadêmico.

Aos meus professores do ILUFBA, por todos os ensinamentos que me propiciaram chegar até aqui.

Aos meus professores do PPGLinC, que tanto contribuíram para a construção deste trabalho e me ajudaram a vivenciar dias mais leves durante a pandemia.

Em especial a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Eliana Correia Brandão Gonçalves, pelas lições acadêmicas e de vida, pelas palavras de ânimo e ponderações pertinentes da forma mais generosa, pelas horas de conversa, pelos momentos de riso e por me fazer enxergar o que eu não conseguia sobre mim mesma.

Aos professores da Banca Examinadora, Prof. Dr. Phablo Roberto Marchis Fachin e Profa. Dra. Norma Suely da Silva Pereira, por aceitarem fazer parte e por contribuírem tão gentilmente para este trabalho.

RESUMO

Neste estudo, são apresentadas as edições semidiplomática e interpretativa do manuscrito do século XVIII, *Notícia da Viagem, e Jornadas, que fêz o Capitão Domingos Alves Branco Muniz Barreto Entre os Índios sublevados nas Villas, e Aldêas das Comarcas dos Ilhéus, e Norte na Capitania da Bahia*, que registra as notícias da passagem do Capitão Muniz Barreto por diversas vilas da Bahia. O estudo é acrescido de breves considerações sobre a história social da Bahia e da análise de aspectos da escrita do documento, considerando a abordagem paleográfica, além da composição de um produto lexicográfico – um pequeno glossário, elaborado a partir de unidades lexicais selecionadas no documento, com o intuito de conhecer um pouco mais a respeito dos usos da língua a partir das escolhas do autor. A pesquisa está inserida na área da Filologia, mas se articulou, na perspectiva interdisciplinar, com a Historiografia, a Paleografia e a Lexicografia. O documento editado registra aspectos culturais e os modos de vida das populações indígenas que viviam naquelas regiões, suas vivências e suas formas de resistência, por meio de sublevações, diante das violências e das injustiças que marcavam o cotidiano da Bahia Colonial e da América Portuguesa. Desse modo, ainda que sua intenção fosse apenas vangloriar-se de seus feitos para a Coroa, a história contada pelo Capitão Muniz Barreto não deixa de revelar as narrativas de luta daqueles povos. Nesse sentido, a pesquisa filológica, com o documento *Notícia da Viagem*, também contribui para a discussão sobre a história colonial, as memórias indígenas – colocando em foco a construção de narrativas que são passadas para nós ao longo do tempo – e para reafirmar a importância da preservação e acessibilidade à documentação histórica, por meio da Filologia.

Palavras-chave: Filologia. Edição de Textos. Glossário. História Social dos Povos Indígenas. Bahia Colonial.

ABSTRACT

In this study are presented the semi-diplomatic and interpretive editions of the 18th century manuscript *Notícia da Viagem, e Jornadas, que fêz o Capitão Domingos Alves Branco Muniz Barreto Entre os Índios sublevados nas Villas, e Aldêas das Comarcas dos Ilhéus, e Norte na Capitania da Bahia*, which records the news of Captain Muniz Barreto's passage through several villages in the state of Bahia, Brazil. The study is supplemented by brief considerations about the social history of Bahia and an analysis of aspects regarding the writing of the document, considering the paleographic approaches, in addition to a lexicographical product - a small glossary, put together from selected lexical units of the document, aiming for a better understanding about the uses of language based on the author's choices. This research is inserted within the area of Philology, although articulated in an interdisciplinary perspective with Historiography, Paleography and Lexicography. The edited document records aspects concerning the culture and ways of life of distinct indigenous populations who used to live in those regions, their experiences and their forms of resistance, through uprisings, in the face of acts of violence and injustice that marked the daily life of Colonial Bahia and Portuguese America. Thus, even though the author's intention was merely to boast about his achievements for the Crown's sake, the story told by Captain Muniz Barreto does not fail to reveal the narratives of struggle of those peoples. In this sense, the philological research, with the document *Notícia da Viagem*, also contributes to the discussion about colonial history, indigenous memories – focusing on the construction of narratives that are passed on to us, over time – and to reaffirm the importance preservation and accessibility to historical documentation through the Philology.

Keywords: Philology. Text Editing. Glossary. Indigenous Peoples' Social History. Colonial Bahia.

LISTA DE ABREVIATURAS

adj.	adjetivo
adv.	advérbio
Alz.	Alvez
BND	Biblioteca Nacional Digital
BNRJ	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
cf.	conferir
f.	fólio
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
L.	Linha
p.	página
prep.	preposição
PPGLinC	Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
r.	recto
s. f.	substantivo feminino
s. m.	substantivo masculino
UFBA	Universidade Federal da Bahia
test.	testemunho
v.	verso
v.	verbo

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Reprodução do fólio 1r. da Notícia da Viagem	23
Imagem 2: Reprodução do fólio 1v. da Notícia da Viagem	25
Imagem 3: Reprodução do fólio 2r. da Notícia da Viagem	26
Imagem 4: Reprodução do fólio 2v. da Notícia da Viagem	28
Imagem 5: Reprodução do fólio 3r. da Notícia da Viagem	30
Imagem 6: Reprodução do fólio 3v. da Notícia da Viagem	32
Imagem 7: Reprodução do fólio 4r. da Notícia da Viagem	34
Imagem 8: Reprodução do fólio 4v. da Notícia da Viagem	36
Imagem 9: Reprodução do fólio 5r. da Notícia da Viagem	38
Imagem 10: Reprodução do fólio 5v. da Notícia da Viagem	40
Imagem 11: Reprodução do fólio 6r. da Notícia da Viagem	42
Imagem 12: Reprodução do fólio 6v. da Notícia da Viagem	44
Imagem 13: Reprodução do fólio 7r. da Notícia da Viagem	46
Imagem 14: Reprodução do fólio 7v. da Notícia da Viagem	48
Imagem 15: Reprodução do fólio 8r. da Notícia da Viagem	50
Imagem 16: Reprodução do fólio 8v. da Notícia da Viagem	52
Imagem 17: Reprodução do fólio 9r. da Notícia da Viagem	54
Imagem 18: Reprodução do fólio 9v. da Notícia da Viagem	56
Imagem 19: Reprodução do fólio 10r. da Notícia da Viagem	58
Imagem 20: Reprodução do fólio 10v. da Notícia da Viagem	60
Imagem 21: Reprodução do fólio 11r. da Notícia da Viagem	62
Imagem 22: Reprodução do fólio 11v. da Notícia da Viagem	64
Imagem 23: Reprodução do fólio 12r. da Notícia da Viagem	66
Imagem 24: Reprodução do fólio 12v. da Notícia da Viagem	68
Imagem 25: Reprodução do fólio 13r. da Notícia da Viagem	70
Imagem 26: Reprodução do fólio 13v. da Notícia da Viagem	72
Imagem 27: Reprodução do fólio 14r. da Notícia da Viagem	74
Imagem 28: Reprodução do fólio 14v. da Notícia da Viagem	76
Imagem 29: Reprodução do fólio 15r. da Notícia da Viagem	78
Imagem 30: Reprodução do fólio 15v. da Notícia da Viagem	80
Imagem 31: Reprodução do fólio 16r. da Notícia da Viagem	82

Imagem 32: Reprodução do fólio 16v. da Notícia da Viagem	84
Imagem 33: Reprodução do fólio 17r. da Notícia da Viagem	86
Imagem 34: Reprodução do fólio 17v. da Notícia da Viagem	88
Imagem 35: Planta da Vila de Abrantes	108
Imagem 36: Carimbo BIBLIOTECA NACIONAL 11Rio de Janeiro	117
Imagem 37: Carimbo BIBLIOTHECA NACIONAL SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS RIO DE JANEIRO	117
Imagem 38: Carimbo DA REAL BIBLIOTHECA	118
Imagem 39: Anotações de mãos não identificadas	118
Imagem 40: Reclame encontrado no f. 2r.	119
Imagem 41: Reclame encontrado no f. 2v.	120
Imagem 42: Reclame encontrado no f. 4r.	120
Imagem 43: Reclame encontrado no f. 4v.	120

SUMÁRIO

1 PALAVRAS INICIAIS	12
2 A FILOGIA E A EDIÇÃO DE TEXTOS	15
3 EDIÇÃO DA NOTÍCIA DA VIAGEM	18
3.1 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA	19
3.1.1 Critérios da edição	21
3.2 EDIÇÃO INTERPRETATIVA.....	90
3.2.1 Critérios da edição	91
3.2.2 Edição Interpretativa da <i>Notícia da Viagem</i>	93
4 BREVE PANORAMA DA SITUAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NA BAHIA DO SÉCULO XVIII	104
4.1 O DIRETÓRIO POMBALINO E OS ALDEAMENTOS INDÍGENAS	105
4.2 OS “ÍNDIOS SUBLEVADOS” E O CAPITÃO MUNIZ BARRETO.....	110
5 ASPECTOS DA ESCRITA DO DOCUMENTO	113
5.1 ANÁLISE PALEOGRÁFICA	113
5.2 O GÊNERO TEXTUAL EM FOCO	121
6 A ELABORAÇÃO DE PRODUTOS LEXICOGRÁFICOS A PARTIR DE EDIÇÕES	123
6.1 A ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO	126
6.2 O GLOSSÁRIO DA <i>NOTÍCIA DA VIAGEM</i>	129
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	142

1 PALAVRAS INICIAIS

Há certas afirmativas que, por mais que pensemos que não há mais a necessidade de se fazê-las, são ainda urgentes e necessárias de serem feitas. Uma dessas afirmativas é a de que a história de povos minoritários e subalternizados, há muito, sofre com o apagamento e/ou silenciamento. Atualmente, séculos após a chegada dos colonizadores em terras brasileiras, os povos indígenas ainda sofrem com violências contra as suas culturas, contra seus modos de vida, suas terras e seus corpos. Por isso, infelizmente, ainda há a necessidade de reafirmar que a história de luta dos povos originários já dura mais de cinco séculos.

Nesse sentido, interessou a mim, pessoalmente, a realização desta pesquisa em uma tentativa de recuperar e de conhecer um pouco mais sobre minha ancestralidade indígena e a história de meus antepassados. Ademais, interessou também o desejo de contribuir para a sociedade, fazendo com que narrativas pouco conhecidas possam circular, por meio de produtos editoriais, somando forças ao coro para que as vozes desses povos não continuem sendo silenciadas, sobretudo através do labor filológico de reconstituir textos fidedignos por meios de edições criteriosas¹.

O documento histórico intitulado *Notícia da Viagem, e Jornadas, que fêz o Capitão Domingos Alves Branco Muniz Barreto Entre os Índios sublevados nas Villas, e Aldêas das Comarcas dos Ilhéus, e Norte na Capitania da Bahia*², corpus deste trabalho, encontra-se no Setor de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e está disponibilizado no Acervo Digital do site da Biblioteca Nacional Digital. Apesar de não apresentar assinaturas ou datação específica de sua realização no próprio corpo do texto, o documento tem sua escrita atribuída ao Capitão Muniz Barreto e datação divulgada, no Acervo da Biblioteca Nacional, como sendo posterior ao ano de 1792.

O documento editado possui dezessete fólios escritos em recto e verso, além de cinco mapas (também chamados na *Notícia da Viagem* de Plantas) que o acompanham, mas que são indicados no site da BND como estampas. Conforme explicitado já no título, o documento registra notícias destinadas à Coroa, relativas ao período em que o Capitão Muniz Barreto esteve viajando pelas regiões conhecidas por Comarca dos Ilhéus e Norte na Capitania da Bahia.

¹ Cabe mencionar que o interesse pela área e pela temática surge em decorrência de três anos atuando como bolsista de Iniciação Científica, participando de projetos financiados por agências de fomento à pesquisa e coordenados pela Prof.^a Dr.^a Eliana Brandão, no Grupo de Estudos Filológicos e Lexicais – GEFILL. Esta pesquisa teve, inclusive, o apoio de bolsa FAPESB.

² Em virtude da extensão de seu título, o documento será chamado aqui como *Notícia da Viagem*.

A *Notícia da Viagem* narra as passagens do Capitão Muniz Barreto por diversas vilas e aldeias baianas, apresentando vestígios relevantes para a história social e geográfica da Bahia Colonial. O manuscrito editado registra aspectos culturais e os modos de vida das populações indígenas que viviam naquelas regiões, suas vivências e suas formas de resistência, inclusive, por meio das sublevações – visto que esta era a razão primeira das viagens do Capitão Muniz Barreto – diante das violências e injustiças que marcavam o cenário da Bahia Colonial.

Nesta pesquisa documental, de caráter descritivo e de natureza qualitativa e exploratória, são apresentadas as edições semidiplomática e interpretativa do manuscrito do século XVIII, *Notícia da Viagem*. O estudo é acrescido de breves considerações sobre a história social da Bahia e da análise de aspectos da escrita do documento, considerando a abordagem paleográfica, além da composição de um produto lexicográfico – um pequeno glossário, elaborado a partir de unidades lexicais selecionadas no documento, com o intuito de conhecer um pouco mais a respeito dos usos da língua do texto e das escolhas do autor. A pesquisa está inserida na área da Filologia, mas se articulou na perspectiva interdisciplinar, com a Historiografia, a Paleografia e a Lexicografia.

Esta dissertação está constituída de sete seções. Na primeira seção, *Palavras Iniciais*, é delineado o percurso da pesquisa, suas motivações e uma breve apresentação do *corpus*, justificando sua escolha e apresentando a estratégia teórico-metodológica utilizada na pesquisa.

Na seção dois, *A Filologia e a edição de textos*, discute-se a relação da Filologia com os textos antigos e a necessidade de elaborar edições criteriosas que sirvam para outros estudos, além de apresentar algumas reflexões relacionadas à prática de edição de textos.

Na seção três, *Edição da Notícia da Viagem*, são apresentadas as edições semidiplomática e interpretativa do *corpus* da pesquisa, precedidas de seus respectivos critérios de transcrição e edição de documentos.

A seção quatro, que tem por título *Breve panorama da situação dos povos indígenas na Bahia do século XVIII*³, explicita breves apontamentos acerca do período em questão, a respeito de povos indígenas, de que maneira viviam sob o sistema de aldeamentos e dos lugares percorridos pelo Capitão Muniz Barreto no final do século XVIII.

Na seção cinco, são analisados *Aspectos da escrita do documento*, sobretudo no âmbito paleográfico, onde se propõe uma discussão inicial a respeito da datação do documento e da estrutura do texto.

³ A organização das seções desta maneira foi sugerida pela Banca Examinadora no Exame de Qualificação e acatada pela autora.

Na seção seis, *A elaboração de produtos lexicográficos a partir de edições*, consta o glossário do documento, acompanhado de uma breve discussão a respeito das tipologias dos produtos lexicográficos.

Na seção sete, *Considerações finais*, são apresentadas reflexões sobre os principais resultados obtidos durante a realização da pesquisa. Por fim, são listadas as *Referências* utilizadas para a elaboração da Dissertação.

2 A FILOLOGIA E A EDIÇÃO DE TEXTOS

Editar um texto implica uma série de escolhas que precisam estar amparadas em critérios teóricos e metodológicos. A partir destas escolhas, inclusive do tipo de edição a ser desenvolvida, o editor se responsabiliza por não retirar do texto os sentidos que estes carregam. O trabalho de edição se faz pensando nos aspectos linguísticos, históricos e sociais dos sujeitos que escreveram os textos, bem como pensando nos objetivos a serem alcançados através destas edições.

A Filologia, ciência que se ocupa do estudo dos textos, busca compreender, entre outras coisas, as configurações da sua produção e transmissão. Nesse sentido, o texto como documento histórico carrega elementos que fazem seu conteúdo e sua forma terem igual relevância. O *quê* se diz é tão importante quanto o *como* se diz. A época em que os documentos foram escritos e as mãos que os escreveram são elementos que precisam fazer parte dos estudos realizados pelo editor.

Em se tratando de documentos manuscritos, é possível que quanto mais distante de nossa época, maiores serão também as dificuldades com as quais os editores se depararão. Isso ocorre em decorrência do desgaste do suporte, do tipo caligráfico encontrado, da diferença no uso das palavras em relação à língua atual etc. Nesse contexto, a Filologia oferece ferramentas não só para a leitura e transcrição desses textos, mas também para que se possa investigar o texto em sua totalidade, considerando ainda a parte da história dos textos, que pode ser posterior ao momento em que deixam os seus autores e passam a circular. Neste momento, o documento já não é mais do autor/escritor, ele passa a fazer parte do universo da leitura. Suas interpretações agora o acompanham e os resultados poderão ser distintos a depender das mãos por onde ele passar.

Deste modo, é válido destacar que todas as análises desenvolvidas nas edições da *Notícia da Viagem* foram amparadas nestes fundamentos e possibilitadas por meio do texto escrito, objeto de estudo da Filologia que, vinculada à História e outras áreas afins, “permite repensar os documentos históricos tanto na sua materialidade, através dos usos linguísticos, quanto em sua imaterialidade, estabelecida pela construção simbólica dos sentidos” (JESUS; GONÇALVES, 2020, p. 238-239), além de fornecer ferramentas que possibilitam leituras no resgate à memória que essa documentação detém.

Os documentos históricos não são, portanto, um emaranhado de informações velhas e ultrapassadas, não se tratam apenas de conjuntos de palavras, mas de elos entre os séculos, ligaduras entre a história, a língua, os eventos narrados e o povo, os quais estão em

permanente construção e mudança e estabelecendo diálogos entre o presente e o passado. Os documentos são resultados das leituras e interpretações as mais variadas, que são influenciadas pelas diferentes perspectivas dos sujeitos, ainda que, de maneira inconsciente, e pelas circunstâncias sociais em que estão ou estavam inseridos. Nessa conjuntura, para Gonçalves (2018, p. 155-156), a Filologia “tem atentado cada vez mais para as condições sociais e culturais de produção das fontes escritas, para o papel social que os sujeitos ocupam e para os usos linguísticos por eles adotados”.

Segundo Lara e Fachin (2021),

Uma vez escrito, dependendo da qualidade da tinta e do papel ou das condições de reprodução do arquivo digital, um texto parece durar para sempre. Ledo engano. As letras não se desenham nem as canetas e teclas se movimentam sozinhas. Precisam de gente para acioná-las e para decifrar as informações que carregam – e seus sentidos podem mudar com o tempo. Aspectos materiais do suporte e da escrita, bem como a autoria e o contexto em que foi produzido, são tão importantes para seus significados quanto sua circulação e transmissão. Os textos têm muitas vidas. (LARA; FACHIN, 2021, p. 51)

Levando em consideração os pressupostos da Filologia, além das particularidades do documento analisado, é que chegamos à necessidade de editar a *Notícia da Viagem*. Antes, porém, é necessário recordar que, “para que uma produção editorial seja organizada para fins linguísticos, é preciso pensar no resgate e na interpretação de diversos registros escritos produzidos pelos grupos, ao longo de sua história, e na pluralidade de usos da língua na escrita” (GONÇALVES, 2018, p. 155-156). Assim, faz-se necessário discutir aspectos pertinentes no que diz respeito ao trabalho de edição.

Segundo Cambraia (2005, p. 63-64), constitui um *testemunho* cada registro de um texto escrito “que pode ter sido fixado pelo próprio autor (*testemunho autógrafo*), por outra pessoa mas com supervisão do autor (*testemunho idiógrafo*) ou ainda por outra pessoa sem supervisão do autor (*testemunho apógrafo*)”. Os dois primeiros casos podem ainda ser classificados como *originais*, “pois registram efetivamente a vontade do autor em função do controle exercido pelo próprio de forma direta (test. autógrafo) ou indireta (test. idiógrafo)”. O terceiro caso, para ele, seria uma *cópia*.

Para escolher um determinado tipo de edição, deve-se analisar as peculiaridades do texto a ser editado, visto que cada tipo tem características particulares e distintas. Assim, é necessário observar com mais atenção dois importantes aspectos: o público-alvo da edição e a existência de edições realizadas anteriormente. Para Cambraia (2005, p. 91), os tipos de edição podem ser distribuídos em duas grandes classes, quanto à forma de estabelecimento do texto: “as edições *monotestemunhais* (baseadas em apenas um testemunho de um texto) e as

edições *politestemunhais* (baseadas no confronto de dois ou mais testemunhos de um mesmo texto)”. No caso da *Notícia da Viagem*, trata-se então de um documento de tradição monotestemunhal, visto que há, até o que se sabe, apenas um testemunho desse texto.

No que tange à edição *fac-similar*, também chamada de *fac-símile*, *fac-similada* ou *mecânica*, Cambraia (2005, p. 91) a considera aquela que está baseada, “em princípio, no grau zero de mediação, porque, neste tipo, apenas se reproduz a imagem de um testemunho através de meios mecânicos, como fotografia, xerografia, escanerização, etc.” Contudo, vale destacar que a reprodução pelos meios citados pode sofrer alterações, quer seja de recortes, cores e outras, o que configura sim algum grau de mediação.

Esse tipo de edição é interessante, pois permite o acesso ao texto, fazendo com que o testemunho possa ser consultado mais facilmente e os interessados tenham liberdade para interpretá-lo. No entanto, se o texto possuir tipo caligráfico de difícil leitura, terá de vir acompanhada por um outro tipo de edição, ou será destinada apenas aos que possuem habilidade na prática filológica-paleográfica.

Ademais, Cambraia (2005, p. 92) pontua que “para que uma edição *fac-similar* cumpra, de fato, sua função de possibilitar o acesso ao testemunho de interesse, (...) é necessário que tenha sido realizada com o máximo de rigor e respeito ao modelo, fato que nem sempre se verifica”. Isto posto, é válido reiterar que não tivemos acesso ao manuscrito físico, apenas ao digital e, por isso, não apresentaremos aqui uma *Edição Fac-similada*, mas as reproduções efetuadas por meio de *prints* do arquivo pdf., ao qual tivemos acesso.

3 EDIÇÃO DA NOTÍCIA DA VIAGEM

O documento histórico *Notícia da Viagem* é um manuscrito atribuído ao Capitão Muniz Barreto e escrito no final do século XVIII. Suas narrativas contam a respeito de algumas populações indígenas, que viviam na Comarca dos Ilheus e norte da Capitania da Bahia, por meio dos registros que o Capitão Muniz Barreto fazia sobre sua viagem. O objetivo do capitão era relatar a situação daqueles povos que, segundo ele, estavam sublevados, além de enaltecer-se para a Coroa pelo modo como ele apaziguou a situação e convenceu os indígenas a retornarem aos seus aldeamentos.

O manuscrito possui 17 fólios escritos em recto e verso, com exceção do primeiro, e não possui muitos empecilhos físicos para a sua leitura, como manchas ou rasgaduras. Encontra-se sob a guarda da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e sua cópia digitalizada integra o Acervo Digital, sendo possível consultá-lo através do site da Biblioteca Nacional Digital. O cuidado e a rigidez aplicados pela instituição de guarda são de fundamental importância para a conservação do documento, visto que ele tende a se desgastar a cada vez que é manuseado. Assim, a digitalização e a disponibilização na internet auxiliam não somente os pesquisadores, por não precisarem se dirigir até a BNRJ, como também à integridade do documento. Em contrapartida, alguns aspectos do documento não podem ser observados pela tela de um computador, impossibilitando algumas análises que poderiam ser feitas em consulta ao documento físico.

Se à instituição de guarda cabe a conservação do documento em sua materialidade, aos pesquisadores cabem o resgate, a conservação e a divulgação de outros aspectos, como a língua do texto, os eventos históricos narrados e os discursos presentes no texto, por exemplo. Desse modo, as edições aqui apresentadas buscam fomentar a discussão acerca da temática indígena, resgatar vestígios da língua portuguesa em épocas passadas e auxiliar os pesquisadores interessados nas narrativas constantes no documento. A relação entre a Filologia e a História se justifica, segundo Santos (2016), pois

No Brasil, os estudos filológicos tiveram início no começo do século XX e eram realizados por profissionais e eruditos que não tinham, necessariamente, formação na área de letras. Considerando que os principais estudiosos e editores eram historiadores, seria natural que existissem numerosos trabalhos de edição de textos que tinham como objetivo atingir, igualmente, historiadores. Sendo historiadores, as edições não tinham como objetivos as questões de análise linguística, o que só viria acontecer por volta dos anos 60 (SANTOS, 2016, p. 10).

Considerando, portanto, os pressupostos teórico-metodológicos da Filologia abordados anteriormente e considerando que o *corpus* deste trabalho é um documento histórico escrito

há mais de um século, cuja leitura apresenta dificuldades para aqueles que não são hábeis na prática filológica, julgou-se necessário elaborar dois produtos editoriais. O primeiro, uma *Edição Semidiplomática*, que foi pensada com o intuito de possibilitar a leitura para aqueles que se interessam pelos aspectos linguísticos, não sendo necessário recorrer ao documento modelo. Como segundo produto, a *Edição Interpretativa* foi pensada para atender ao público mais amplo, não especialista, que se interessa pelo conteúdo do texto, como os historiadores e bibliotecários, por exemplo.

3.1 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA

A escolha de realizar uma edição semidiplomática se deu por ser este o tipo que melhor atende às necessidades e aos objetivos da pesquisa, sobretudo à descrição e à análise do léxico. Desse modo, tendo em vista que se pretende desenvolver estudo linguístico a partir do texto editado *Notícia da Viagem* e considerando que se trata de um manuscrito de fins do século XVIII, cuja língua apresentada no documento já se mostra com certas diferenças em relação à língua portuguesa atual, é fundamental preservar as características linguísticas para o público especialista. A seguir, traremos algumas definições desse tipo de edição, que já está bastante difundida atualmente.

Cambraia (2005), sobre este tipo de edição, afirma:

Também chamada eventualmente de *semidiplomática*, *paradiplomática* ou *diplomático-interpretativa*. Pode-se dizer que há, neste tipo, um grau médio de mediação, pois, no processo de reprodução do modelo, realizam-se modificações para o tornar mais apreensível por um público que não seria capaz de decodificar certas características originais, tais como os sinais abreviativos (CAMBRAIA, 2005, p. 95).

Para Gonçalves (2020a)

A edição semidiplomática é um produto editorial de mediação intermediária, que conserva as características linguísticas do texto – como a ortografia e a pontuação – além de sua constituição gramatical e lexical. A edição semidiplomática pode ser antecedida da edição fac-similar, reprodução mecânica do documento, e pode vir acompanhada de outro produto editorial de caráter modernizador, com o fim de dinamizar a leitura do texto para o público não especializado, a exemplo da edição interpretativa, em textos com tradição monotestemunhal, e da edição crítica, em textos com tradição politestemunhal. Normalmente, nesse tipo de edição, as abreviaturas são desdobradas com grifo – itálico, negrito ou sublinhado – por se constituírem como dificuldades para a leitura de textos do passado (GONÇALVES, 2020a, p. 82-83).

Fachin (2009), por sua vez, destaca que:

quem objetiva estudos de língua escrita tem dado preferência a trabalhos que tenham como base edições conhecidas como semidiplomáticas, pois, além de conservarem o

estado de língua da época em que os documentos foram produzidos e o hábito de escrita de seus escribas, facilitam a sua leitura ao passar os caracteres manuscritos para os tipográficos e, principalmente, desenvolver as abreviaturas e indicar os problemas decorrentes de deteriorações diversas (FACHIN, 2009, p. 251).

Para Borges e Souza (2012), a edição semidiplomática

situa-se entre a interpretativa e a diplomática, sendo sua prática marcada pela ação menos interventiva que a interpretativa e mais interventiva que a diplomática. Comumente, faz-se pela intervenção do editor no sentido de desenvolver as abreviaturas (BORGES; SOUZA, 2012, p. 32).

Observa-se que há um certo consenso entre os estudiosos em relação a este tipo de edição, assim, podemos concluir que a edição semidiplomática se caracteriza como um produto editorial que conserva aspectos linguísticos de uma determinada época, apresentando grau baixo de mediação e que tem o intuito de acessibilizar a leitura do texto àqueles pouco ou nada acostumados com a língua, com os recursos caligráficos e as abreviaturas do passado.



É imprescindível, pois, que a edição esteja baseada em critérios que precisam deixar o leitor ciente das escolhas do editor. Sendo assim, “o filólogo-editor deve deixar à vista, nas normas de transcrição, tudo o que modificou. Dessa forma, o leitor sempre poderá recuperar o(s) modelo(s) por meio de uma transcrição que segue rigorosamente normas explícitas” (TOLEDO NETO, 2020, p. 194). Para Marcotulio (*et alii*, 2018), porém,

não há, como ponto de partida, regras rígidas e preestabelecidas para a elaboração desse tipo de edição filológica. O filólogo toma uma série de decisões em função do público que deseja atingir. Como os critérios variam de edição a edição, é fundamental que o historiador da língua tenha conhecimento das normas utilizadas na edição dos textos com os quais pretende trabalhar, de modo que seus interesses sejam contemplados (MARCOTULIO *et alii*, 2018, p. 89).

O cuidado devido destinado às normas de edição, de acordo com Xavier (2011, p. 716), resulta em uma “aplicação rigorosa das normas que são adequadas a um determinado tipo de edição” e que “tem como meta conferir objetividade ao texto editado, evitando que o filólogo se funde tão somente em suposições para o estabelecimento do texto. Ademais, tende a impedir a realização de edições arbitrárias, muito dissidentes e sem cientificidade.” Para tanto, cabe ao editor a fidelidade ao texto e às suas peculiaridades, obedecendo aos critérios pré-estabelecidos, dos quais tratarei a seguir, a exemplo das marcas de ortografia e respeitando “as fronteiras entre palavras, quando não as há, visando à preservação de praticamente todas as características do documento” (ANDRADE; FAÇANHA, 2011, p. 179).

3.1.1 Critérios da edição

Para transcrição e edição do documento foram utilizadas as *Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos* (2001) e *Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos - Edição Semidiplomática* (2020), estabelecidas pelo PHPB, fazendo-se as adequações necessárias ao *corpus* de pesquisa. Com base nessas normas, foram firmados os seguintes critérios de transcrição:

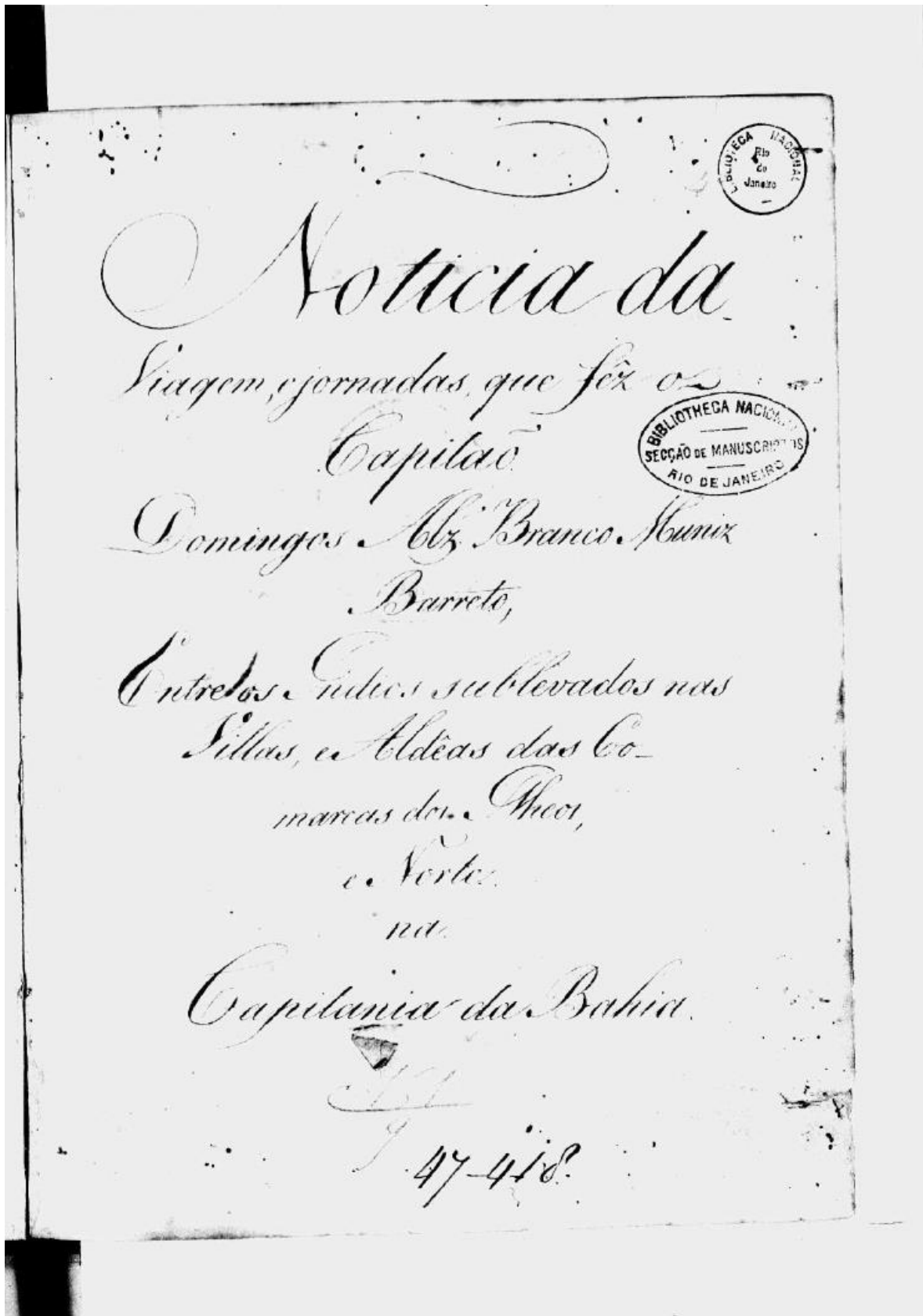
1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura. Ex.: *Capitania*.
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: "eVillas"; "aAldêa"; "porisso". A análise será feita da seguinte maneira:
 - a) se as palavras estiverem ligadas pelo mesmo traçado, ainda que haja uma distância entre elas, serão transcritas juntas;
 - b) caso as palavras não possuam ligaduras, serão transcritas separadas, mesmo que estejam muito próximas uma da outra.
4. A pontuação original será rigorosamente mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escrevente entre as palavras, será marcado: (espaço)⁴. Exemplo: "Aldêa de Massaraõ dupiô. (espaço) Os Indios *que* achei nes-|ta".
5. A acentuação original será mantida. Exemplos: "Parocho"; "Lugár".
6. Os sinais de separação de sílaba ou de linha, usados pelos autores de diversos documentos, serão mantidos como no documento de base. Exemplos: "; "atira- | mos" e "atira= | mos".
7. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no documento. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.
8. Será realizada a padronização dos alógrafos de acordo com o alfabeto atual. Ex.: **f** e **s** serão transcritos como **s**;  e  serão transcritos como **r**.
9. As letras ramistas v, u, i e j serão mantidas como no manuscrito.
10. O sinal de nasalização ou til, quando com valor de m e n, será mantido.

⁴ Serão utilizados parênteses em substituição aos colchetes, a fim de não causarem dúvidas na leitura, visto que o *scriptor* já os utiliza em seu texto.

11. Intervenções de terceiros no documento devem aparecer em nota de rodapé informando-se a localização. Exemplo: Nota 6 “Acima da linha 78 consta um carimbo com o escrito “BIBLIOTHECA NACIONAL SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS RIO DE JANEIRO”.
12. Intervenções do editor não de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando houver dúvida sobre a decifração de alguma letra, parte de ou vocábulo inteiro, o elemento em questão será posto entre parênteses e em itálico. Exemplos: “*edois canivet(e)s, que me agradeceraõ*”; “*administrar lhes (opasto espiritual, por seacharem)*”.
13. Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor com a indicação entre parênteses: (ilegível).
14. A divisão das linhas do documento será preservada, ao longo do texto, de maneira justalinear. As linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta linha. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor e será feita de maneira contínua por documento.
15. A indicação do fólho receberá a marcação entre barras verticais com o respectivo número e indicação de frente ou verso⁵. Exemplo: ||f. 1r||
16. Não serão desenvolvidos os números ordinais. Ex: “Mappa Numero 1^o”; “Planta Numero 3^o”
17. A disposição do texto será justificada à esquerda, iniciando os parágrafos com leve recuo, com exceção do fólho 1r. que encontra-se centralizado. Para trazer mais fidelidade ao texto, alguns parágrafos terão um espaço maior entre si, a fim de assemelharem-se à disposição do texto no documento base.

⁵ Percebe-se, no documento, que não consta numeração de páginas realizada pelo *scriptor* nem pela Instituição de Guarda. No entanto, nas edições, será feita esta indicação, utilizando-se o recurso estabelecido no critério.

Imagem 1: Reprodução do fôlio 1r. da *Notícia da Viagem*



|| f. 1r. ||

Noticia da⁶
 Viagem, ejornadas, que fêz o
 Capitão⁷
 Domingos Alvez⁸ Branco Muniz
 5 Barreto,
 Entre os Índios sublevados nas
 Villas, eAldêas das Co-
 marcas dos Ilheos,
 e Norte
 10 na
 Capitania da Bahia.⁹

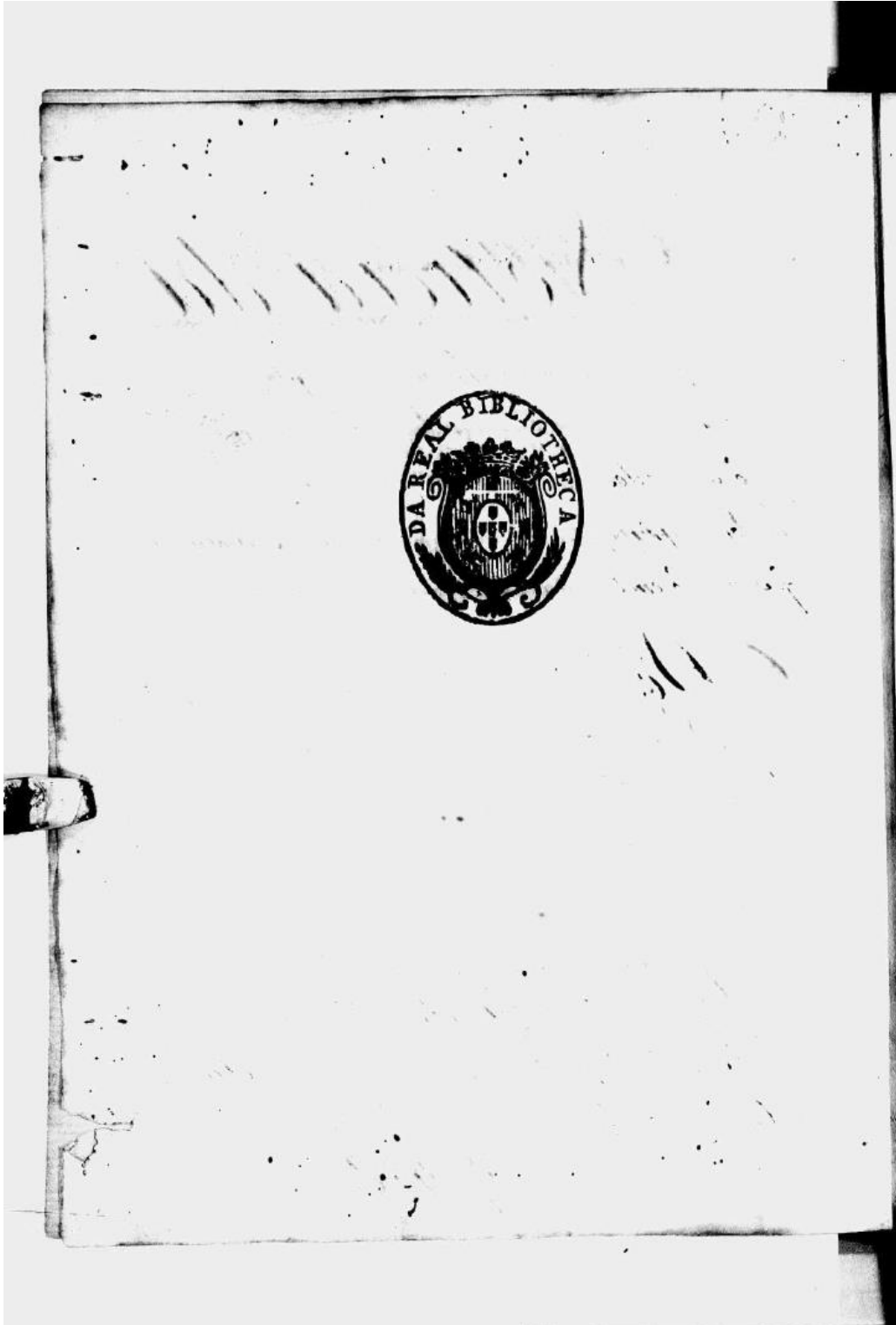
⁶ Acima da linha 1 consta um carimbo com o escrito: “BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro”.

⁷ À altura da linha 3 consta um carimbo com o escrito “BIBLIOTHECA NACIONAL SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS RIO DE JANEIRO”.

⁸ A abreviatura Alz. também era amplamente utilizada para Alvarez, no entanto, verificou-se em outros documentos atribuídos ao mesmo *scriptor* que, neste caso, trata-se de Alvez.

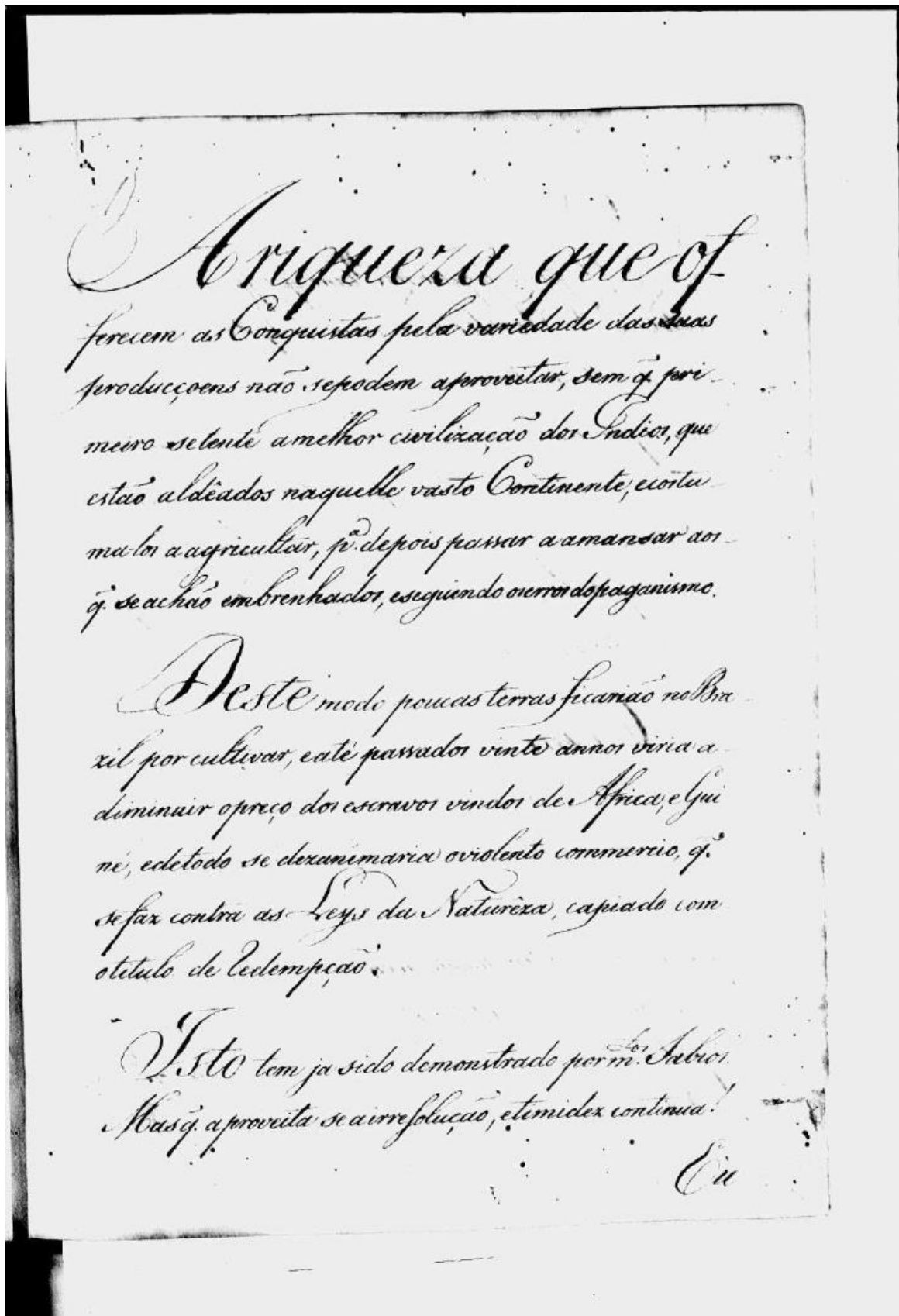
⁹ Abaixo da linha 11 há uma anotação de terceiro, que se encontra ilegível, e outra em que constam os números 47-418.

Imagem 2: Reprodução do fólio 1v. da *Notícia da Viagem*¹⁰



Fonte: Biblioteca Nacional Digital

¹⁰ O fólio 1v. encontra-se em branco, possuindo apenas um carimbo, no qual consta o escrito “DA REAL FAZENDA”. Este carimbo é identificado como “Carimbo da Real Biblioteca Portuguesa – Casa do Infantado” por SOUZA (2017, p. 459). Para saber mais, consultar: SOUZA, Maria Izabel E. D.. A Coleção de livros de horas da Real Biblioteca Portuguesa. In: XXXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte ARTE EM AÇÃO, 2017, Campinas. Anais do XXXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, 2017.

Imagem 3: Reprodução do fólio 2r. da *Notícia da Viagem*

|| f. 2r. ||

A riqueza que of-
 ferecem as Conquistas pela variedade das suas
 producçoens não sepodem aproveitar, sem *que* pri-
 15 meiro se tente a melhor civilizaçã dos Indios, que
 estão aldêados naquelle vasto Continente, ecostu-
 ma-los a agricultural, *para* depois passar a amansar aos-
que se achaõ embrenhados, eseguindo os erros do paganismo.

Deste modo poucas terras ficariaõ no Bra-
 20 zil por cultivar, eaté passados vinte annos viria a-
 diminuir o preço dos escravos vindos de Africa, e Gui-
 né, edetodo se dezanimaria o violento commercio, *que*
 sefaz contra as Leys da Naturêza, capiado com
 o titulo de redempção.

25 Isto tem ja sido demonstrado por *muitos* Sabios
 Mas *que* aproveita se a irresoluçã, etimidez continua!

Eu

Imagem 4: Reprodução do fôlio 2v. das da Notícia da Viagem

O At ja indigui no Plano q. Offendi ao Prin-
 cipe A. Venker no anno de 1788, e q. denovo au-
 pex do Throno Me torno a entregar segunda Copia com
 mais prudentes reflexões, e modo de se pôr em prati-
 ca com brandura este necessario beneficio, p. desterrar
 a oppressão em que vivem milhares de desgraçados ho-
 mens, q. todos se podem empregar em serviço da pu-
 blica utilidade.

Como pois esta inaccão não provem de ig-
 norancia, mas sim de desprezo, seria temeridade que-
 rer eu vencer com raxões, talvez muito menos apropria-
 das, vigorozas, aquillo as forças mais agigantadas do
 que as minhas tem suado tributarías. Mas nem porif-
 se se a frouxará em eu xela p. deixar de escrever com pureza
 e q. observei entre esta infeliz gente nas Comarcas de Moscú e
 Norte, duas das seis q. formão o governo da Cap. da Sibéria.

Ode

|| f. 2v. ||

Eu ja indiquei no Plano *que* offereci ao Principe Nosso Senhor no anno de 1788, *eque* denovo aos
 30 péz do Throno lhe torno a entregar segunda Cópia com
 mais prudentes reflexões, o modo de se pôr em practica
 a combrandura este necessario beneficio, *para* desterrar
 a oppressão em que vivem milhares de desgraçados ho-
 mens, *que* todos se podem empregar em serviço da pu-
 35 blica utilidade.

Como pois esta inacção não provem de ignorancia, mas sim de desprezo, seria temeridade querer eu vencer com razões, talvez muito menos apropriadas, evigorozas, aquillo *aque* forças mais agigantadas do-
 40 que as minhas tem ficado (*tribu*)tarias. Mas nem por isso se afrouxará o meu zêlo *para* deixar de escrever compurêza
 o *que* observei entre esta infeliz gente nas Comarcas dos Ilheos, e
 Norte, duas das seis *que* formão o govêrno da Capitania da Bahia.

O des

Imagem 5: Reprodução do fólio 3r. da *Notícia da Viagem*

Descontentamento geral em q̃ hoje vi-
 vem todos os Indios aldeados no Brazil, q̃ são duas
 partes menor daquelles, que no seu descobrimento se en-
 tregaram espontaneamente na Saffallagem da Coroa Por-
 tuguesa, e q̃ pelas muitas violencias, injusticas, e Capti-
 veiros com elles practuados naquelles mesmos tempos
 em q̃ se lhes pregava a conversão, tornasão a ferocizar
 as brentas p̃ encapir de deshumanos, e ferozes Senhores,
 e oppressores, diminuiu a muito pequeno numero as
 Aldeas, e Villas, e a inda a população das q̃ existem
 na Cidade da Bahia, de q̃ particularmente me pro-
 pinto afallar, p̃ q̃ se possa tirar hũa certa, e infali-
 vel consequencia, q̃ não se precavendo por hũa parte
 os abusos, e vicios oppositos á moral Santa do Evan-
 gho, e por outra os obstaculos, q̃ impedem as comodidades re-
 lativas á agricultura, e ao Commercio dos Indios, e ra hũ
 dado tempo, q̃ só por tradiçãõ se possa saber cluq̃ar em

|| f. 3r. ||

45 O descontentamento geral em *que* hoje vi-
 vem todos os Indios aldêados noBrazil, *que* são duas
 partes menos daquelles, que no seu descobrimento se en-
 tregaraõ espontaneamente na Vassallagem daCoroa Por-
 tugueza, *equê* pelas muitas violencias, injustiças, ecapti-
 50 veiros com elles practicados naquelles mesmos tempos
 em *que* se lhes pregava aconversaõ, tornaraõ aprocurar
 as brenhas *para* escapar de deshumanos, eferozes Senhores,
 e oppressôres, diminuiu a muito pequeno numero as-
 Aldêas, eVillas, eainda apopulação das *que* existem
 55 naCidade daBahia, *deque* particularmente mepro-
 ponho afallar, *para que* sepossa tirar huã certa, einfali-
 vel consequencia, *que* não seprecavendo por huã parte
 os abuzos, evicios oppostos á moral Santa do Evange-
 lho, epor outra os obstaculos, *que* impedem as coñodidades re
 60 lativos á agricultura, eao Commercio dos Indios, vira hũ
 dado tempo, *que* só por tradição sepossa saber olugar, em

Imagem 6: Reprodução do fólio 3v. da *Notícia da Viagem*

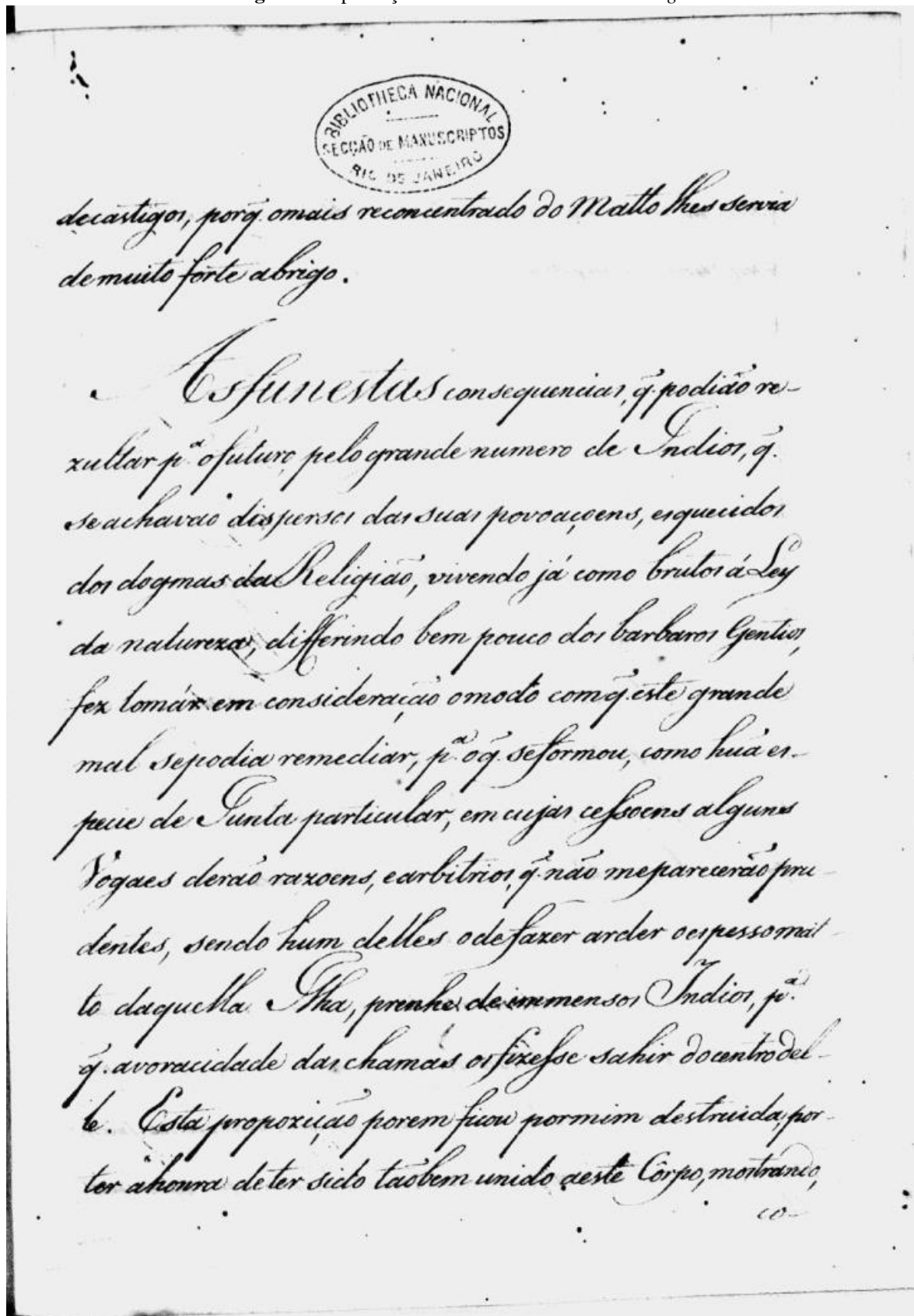
em q' foram situadas as villas, e Aldeias, q' hoje existem,
como passo a mostrar.

Tendo continuado a desordem, não só pelos
motivos, que fiao ponderados, mas ainda pela inconstancia,
e inerteza q' he natural entre esta gente, dixeram
tao muitos Indios, e ainda familias inteiras de algumas
villas da Comarca dos Theos, refugiando se na
Illa de Quicpe, q' fica fronteira a barra de Camamu,
sem q' porem levantassem povoaçao alguma a borda
do Mar, mas sim palhoças concentradas pelo espelho,
e frondoso Matto, q' se vê naquelle Illa, sahindo de
te coito em tempos mais serenos a fazer muitos insultos,
e furto aos moradores da terra firme, sem queressem
de modo algum cederem ás persuacoens dos seus Officiaes
maiores, e respectivos Ministros p' voltarem a suas
Aldeias, nem menos poderem ser obrigados por força de

|| f. 3v. ||

em *que* foraõ situadas as villas, eAldêas, *que* hoje existem;
como passo amostrar.

Tendo continuado adesordem, não só pelos
65 motivos, que ficaõ ponderados, mas ainda pela incons-
tancia, eincerteza *que* hé natural entre esta gente, dizer-
taraõ muitos Indios, eainda familias inteiras de al-
guas Villas daComãrca dos Ilheos, refugiandose na-
Ilha de Quiepe, *que* fica fronteira á barra do Camamú,
70 sem *que* porem levantassem povoação alguã á borda
do Már, mas sim palhoças concentradas pelo espesso,
efrondozo Matto, *que* sevê naquella Ilha, sahindo des-
te coito em tempos mais serenos afazer muitos insultos,
efurtos aos moradores da terra firme, sem quererem
75 de modo algum cederem ás persuaçoens dos seus Offici-
aes maiores, erespectivos Ministros *para* voltarem ás suas
Aldêas, nem menos poderem ser obrigados por força de

Imagem 7: Reprodução do fôlio 4r. da *Notícia da Viagem*

|| f. 4r. ||

decastigos, porque o mais reconcentrado do Matto lhes servia¹¹
de muito forte abrigo.

80 As funestas consequências, *que* podia re-
zultar *para* o futuro pelo grande numero de Indios, *que*
se achavao dispersos das suas povoaçoens, esquecidos
dos dogmas da Religiaõ, vivendo já como brutos á Ley
da natureza, differindo bem pouco dos barbaros Gentios,
85 fez tomár em consideraçaõ o modo com *que* este grande
mal se podia remediar, *para* o *que* se formou, como huã es-
pecie de Junta particular, em cujas cessoens alguns
Vogaes deraõ razoens, earbitrios, *que* não me pareceraõ pru-
dentes, sendo hum delles o defazer arder o espesso mat-
90 to daquella Ilha, prenhe de immensos Indios, *para*
que avoracidade das chamas os fizesse sahir do centro del-
le. Esta propoziçaõ porem ficou pormim destruida, por-
ter a honra de ter sido taõbem unido aeste Cõrpo, mostrando,

co-

¹¹ Acima da linha 78 consta um carimbo com o escrito “BIBLIOTHECA NACIONAL SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS RIO DE JANEIRO”.

Imagem 8: Reprodução do fólho 4v. da Notícia da Viagem

como mostra, que semelhante arbitrio seria muito dan-
 noxo á Navegação, ainda não fallando na despesa
 em q. ficaria os Indios, por q. consumidas que forem as
 altas Carroas, q. de muito longe se avistão naquelle
 Ilha, naufragariao muitas embarcações no baixo,
 q. circulação, e ainda muitos barcos, q. navegão p. abar-
 ra do Camamu, e outros barcos de Rio, q. se comuni-
 cao com omes, e q. por não usarem de agulha, q. lhes
 mostra os rumos, lhes servem os troncos de balizas.

Asprovadas estas razões, e outras m.
 q. offereci, mostrando mais, q. só hua consideravel
 brandura, emuito modificado geito, poderico reduzir
 aquella gente, quazi sublevada a mais de oito annos,
 se a sentou, que devia eu ser encarregado desta im-
 portante diligencia, sem embargo de haverem muitos
 Officiaes Militares, m. habeis, valerosos, e de prestimo,
 que

|| f. 4v. ||

95 como mostrei, que semelhante arbitrio seria muito dam-
nozo á Navegação, ainda não fallando na dezesperação
em *que* ficariaõ os Indios, porque consumidas que fossem as
altas arvores, *que* de muito longe se avistaõ naquella-
Ilha, naufragariaõ muitas embarcaçoens nos baixos,
100 *que* acirculaõ, e ainda muitos barcos, *que* navegaõ para abar-
ra do Camamú, e outros braços de Rios, *que* se communi-
caõ com omár, e *que* por não uzarem de agulha, *que* lhes-
mostre os rumos, lhes servem os troncos de balizas.

Approvadas estas razões, e outras *muitas*,
105 *que* offereci, mostrando mais, *que* só huã considerada
brandura, e muito modificado geito, poderia reduzir
aquella gente, quazi sublevada a mais de oito annos,
se assentou, que devia eu ser encarregado desta im-
portante diligencia [sem embargo de haverem muitos
110 Officiaes Militares, *muito* habeis, valerosos, e de prestimo,

que

Imagem 9: Reprodução do fólho 5r. da Notícia da Viagem

que servião, como servem na quella Capitania, capac-
 xes para esta, e outras iguaes, e arriçadas em prezas
 como com effeito me foi dada toda a authoridade para
 pôr em practica quanto eu visse era acertado, tudo por
 concessão do Ex.^{mo} Governador da quella Capitania,
 q. fez expedir as Ordens necessarias pelo illustrado, e
 prudente Ouvidor da respectiva Comarca, p.^a o auxi-
 lio, e obediencia q. me deviaõ prestar os encarregados do
 governo della, nomeando-se taõdem quatro Soldados,
 e hum Official inferior p.^a me acompanharem.

Como o Ex.^{mo} Gov.^{or} e Cap.^{ão} General tinha
 approvado a representaçãõ q. lhe fiz, de q. por modo al-
 gum devia respirar o sim. desistindo de diligencia, nem
 fazer-se publicã, p.^a q. os Indios senão p.oxessem em des-
 esperaçãõ, timidez, inquietaçãõ, divulguem, q. omni des-
 tino era de fazer algumas observações sobre a historia na-

|| f. 5r. ||

que serviaõ, como servem naquella Capitania, capazes para esta, eoutras iguais, earriscadas emprezas] como com effeito mefoi dada toda aauthoridade para
 115 pôr em practica quanto eu visse era acertado, tudo por concessão do *Excellentissimo* Governadôr daquella Capitania, que fez expedir as ordens necessarias pelo illustrado, e-prudente Ouvidor da respectiva Coãnmarca, para o auxilio, eobediencia, que me deviaõ prestar os encarregados do-
 120 governo della, nomeandose taõbem quatro Soldados, ehum Official inferior para meacompanharem.

Como o *Excellentissimo* Governadôr, eCapitaõ General tinha approvado arepresentaçãõ que lhe fiz, deque pormodo algum devia respirar ofim desimilhante diligencia, nem
 125 fazerse publica, para que os Indios se não pozessem em desesperaçãõ, timidêz, einquietaçãõ, divulguei, que omeu destino era defazer alguãs observaçoens sobre ahistoria na-

Imagem 10: Reprodução do fôlio 5v da *Notícia da Vila de*

natural naquella rica Comarca, p.^a a qual embarcando
 no dia 2 de Setembro del 1773 procurei o Prexidio do
 Morro de S. Paulo, onde depois de tomar largas informa-
 ções do Com.^{de} o Cap.^{ão} Dionizio Laurence Marques
 Official, q.^e pela sua honra, e probidade achou a guisa de
 Me comunicar o fim a que me dirigia, este pois he' que
 me deu as primeiras informações do verdadeiro estado,
 em q.^e se achavao os Indios, e do grande numero refugi-
 ado na Ilha de Quiepe, o q.^e fez que eu valendome
 das amplas Portarias, e Carta particular de Officio, q.^e
 me tinha dirigido o Ex.^{mo} Governador pedisse mais
 quatro Soldados deste Prexidio, q.^e unidos aos outros q.^e
 a cima ficão referidos, com todos embarques sem demor-
 ra a feruar a Villa de Cairu, onde prexisti alguns
 dias a fazer espalhar por todas as partes daquelle Comar-
 ca, q.^e eu vinha indagar, e feruar na Carta do mar pro-
 duções naturaes, e examinar as ervas medicinaes, q.^e

|| f. 5v. ||

natural naquella rica Comarca, *para* aqual embarcando
 no dia 2 de Setembro de 1791 procurei o Prezidio do-
 130 Morro de São Paulo, onde depois de tomar largas informa-
 çoens do Comandante o Capitão Dionizio Lourenço Marques,
 Official, *que* pela sua honra, e probidade achei capaz de
 lhe comũnicar ofim aque me dirigia, este pois hé que
 me deu as primeiras informações do verdadeiro estado,
 135 em *que* se achavaõ os Indios, edo grande numero refugi-
 ado na Ilha de Quiepe, o *que* fêz que eu valendome
 das amplas Portarias, e Carta particular de Officio, *que*
 me tinha dirigido o *Excellentissimo* Governador pedisse mais
 quatro Soldados deste Prezidio, *que* unidos aos outros *que*
 140 acima ficaõ referidos, com todos embarquei sem demo-
 ra a procurar a Villa de Cairú, onde prezisti alguns
 dias a fazer espalhar portodas as partes daquella Coõmar-
 ca, *que* eu vinha indagar, e procurar na Costa do mar pro-
 duçoens naturaes, e examinar as ervas medicinaes, *que*

Imagem 11: Reprodução do fôlio 6r. da *Notícia da Viagem*

q' entre os Indios fossem conhecidas, oq' igualmente se
em pratica se evita toda a desconfiança.

Depois desta necessaria cautella embarquei
se no Porto de Sequie, e deste marchei por terra em distan-
cia de quatro se. cinco Legoa. se a Villa de Santarem dos
Indios da qual logo fallarei mais a proposito.

Desta Villa dei ao Porto do Rio chamado
o grande, a embarcar, como embarquei se a barra de Se-
rentem, onde esperando moncao oportuna atravessei
se a Ilha de Quiepe, que ainda assim he com
grande risco, e perigo de vida [a]

So-

[a] Os Indios costumao atravessar em todo o tempo, sem
maior susto, porq' alem de serem por natureza insignes nadadores, severalm de hums chamados cabalos com q' se uingem em
toda se boiaram sobre a agua no caso de algum naufragio.

|| f. 6r. ||

145 *que* entre os Indios fossem conhecidas, *oque* igualmente puz
empractica *para* evitar toda adescnfiança.

Depois desta neceSsaria cautella embarquei
para oPorto deIequié, edeste marchei por terra em distan-
cia dequatro *para* cinco Legoas, *para* aVilla deSantarem dos-
150 Indios daqual logo fallarei mais aproposito.

Desta Villa descí ao Porto doRio chamado
o grande, a embarcar, como embarquei *para* abarra deSe-
renhem, onde esperando monção opportuna atravessei
para a Ilha de Quiepe, que aiñda assim hé com-
155 grande risco, eperigo devida [α]

Lo-

[α] Os Indios costumaõ atravessar em todo otempo, sem-
maior susto, porque alem deserem por natureza insignes nada-
dores, se valem dehuns chamados cabaços com *que* se cingem em
160 roda *para* boiarem sobre a agoa no cazo de algum naufragio.

Imagem 12: Reprodução do fôlio 6v. da *Notícia da Viagem*

Logo que desembarquei com os Soldados, mandei levantar pelos Indios Lemadores, q̄ me usou panharão hũa palhoça a borda do Mar, fazendo crer a todos, q̄ meu fim era unicamente cõ examinar as ervas medicinas daquelle Ilha, como novidade hã, emuitas de grandes prestimos, sem lhes dõr outra algũa idéa. Não deixaráõ os Indios porẽm de me advertir, q̄ pelo centro do Matto se achavãõ muitos Casas refugiados, do q̄ fingi hum grande espanto, e pedi a hum delles, que me acompanhou por quã, q̄ no caso de encontrar algum, em occasião, q̄ fossem ao Matto, q̄ persuadissem a vir saltarme, pois que queria presentear, e vestir se necessitasse.

Logo no dia seguinte me appareceu o Indio com dois dos refugiados, e com hũa India pequena. Assim q̄ os avistei com toda a brandura os fui abraçar

e hes

|| f. 6v. ||

Logo que desembarquei com os Soldados
 mandei levantar pelos Indios remadôres, *que* meacom-
 panharaõ huã palhoça aborda do Mar, fazendo crer
 atodos, *que* omeu fim era unicamente o de examinar as-
 165 ervas medicinaes daquela Ilha, como naverdade
 há, emuitas degrandes prestimos, sem lhes dár outra
 alguã idêa. Naõ deixaraõ os Indios porem de-
 me advertir, *que* pelo centro do Matto seachavaõ mui-
 tos Cazaes refugiados, do *que* fingi hum grande espanto,
 170 epedi ahum delles, que me acompanhou por guia, *que*
 no cazo de encontrar algum, em occasiaõ, *que* fossem ao-
 Matto, *que* opersuadissem avir fallarme, pois que oque-
 ria presentear, evestir se necessitasse.

Logo no dia seguinte meappareceu o In-
 175 dio com dois dos refugiados, ecom huã India pequena.
 Assim *que* os avistei com toda abrandura os fui abraçar,

elhes

Imagem 13: Reprodução do fólio 7r. da *Notícia da Viagem*

e lhes perguntei se gostariam de viver antes naquelle terra
 deixando as suas povoações, sobre oq. medtaria alguns
 annos, q. em muitas terras havia sobejá p. a sua justa
 queixa, e outras erao de pouca difficuldade. Servantes
 no meus braços por algum tempo a pequena India, q.
 era filha de hum d'elles, e acarinando a ^{suas} m.
 vexas, vesti com hum das Camizas, e saia q. por prevenção
 levava feitas para servirem em diferentes idades, e in-
 festei com brincos de pouco custo, e faida de missanga,
 e de hum roxario, e estampas de varios Santos, e ao
 Indio lhes offereci dois barrelos vermelhos, a que são
 muito inclinados, e dois canivetas, q. me agradecerão
 muito, e se despedirão. No dia successivo estando eu
 em observação das praias daquelle terra, foram ter
 ao lugar em q. me achava 16 Indios, e 10 Indias, le-
 vando-me estas de presente diferentes fructas silvestres,
 hum dos Indios dois famosos peixes da penaria q. ti-

|| f. 7r. ||

elhes perguntei se gostavaõ deviver antes naquela Ilha
 deixando as suas povoaçoens, sobre *oque* mederaõ alguãs
 180 cauzas, *que* em muitas tinhaõ razaõ sobeja *para* asua justa
 queixa, eoutras eraõ depura desconfiança. Levantei
 nos meus braços por algum tempo apequena India, *que*
 era filha dehum delles, eacarinhandoa, ebeijando-a *muitas*
 vezes, avesti com huã das Camizas, esaia, *que* porprevençaõ
 185 levava feitas para servirem em differentes idades, ea in-
 feitei com brincos depouco custo, (*enfaida*) demissanga,
 elhe dei hum roزاری, eestâmpas de devarios Santos, eaos-
 Indios lhes offereci dois barretes vermelhos, aque saõ
 muito inclinados, edois canivet(*e*)s, *que* me agradeceraõ
 190 muito, ese despediraõ. No dia successivo estando eu
 em observação das praias daquella Ilha, forão ter
 ao lugar em *que* meachava 16 Indios, e10 Indias, le-
 vandome estas deprezente differentes fructas silvestres,
 ehum dos Indios dois famosos peixes da pescaria *que* ti-

Imagem 14: Reprodução do fôlio 7v. da *Notícia da Viagem*

tinhaõ feito em a noite antecedente. Cu me agradei m.
 as offertas, e os abraçei conduxiudo atodos p.^o Sugar em
 q.^o tinha mandado levantar a minha pathoca, e nella
 entre a confitar as Indias, offerendo atodos, seq. eno-
 thiaõ mi frangas, contas, fitas, frosos D, e ao. Indio que
 me brindou com espiques hum barrile vermelho, e aoma
 is navathas, e estampas.

Farendome desentendido inteiramente,
 não só dos Crimes, que tinhaõ commetido em desampa-
 nar, sem ordem superior, as suas Aldeas, mas do nu-
 mere dos Cazas q.^o se perguntei se ainda haviaõ mais
 Indios, alem delles, embrenhados naquelle Iha,
 e respondendome que sem me couvidei logo p.^o ir ter ao
 Sugar, em q.^o se cultivavaõ abamacados, e q.^o puz em prati-
 ca com bastante detrim.^{to} por estarem abamacados mais lon-
 ge do q.^o eu pensavaõ, e não poder valerme de modo algum
 de.

|| f. 7v. ||

195 tinhaõ feito em a noite antecedente. Eu lhe agradeçi *muito*
 as offertas, eos abracei conduzindo atodos *para* oLugar em-
que tinha mandado levantar aminha palhoça, enella
 entrei a enfeitar as Indias, offerecendo atodas, seg(*un*)do esco-
 lhiaõ missangas, contas, fitas, frocos (*etcoetera*)¹², eao Indio que
 200 mebrindou com os peixes hum barrete vermelho, eaosma
 is navalhas, eestampas.

Fazendo-me desentendido inteiramente,
 não só dos Crimes, que tinhaõ coñettido em desampa-
 rar, sem ordem superior, as suas Aldêas, mas do nu-
 205 mero dos Cazaes lhes perguntei se ainda haviaõ mais
 Indios, alem delles, embrenhados naquella Ilha,
 erespodendome que sim meconvidei logo *para* ir ter ao-
 Lugar, em *que* se achavaõ abarracados, o *que* puz em practi-
 ca combastante detrimento, por estarem abarracados mais lon-
 210 ge do *que* eu pensava, enaõ podêr valerme de modo algum
 de-

¹² Abreviatura retirada de Costa (2007, p. 81). Para saber mais, conferir:
 COSTA, Renata Ferreira. *Edição semidiplomática de "Memória histórica da Capitania de São Paulo", códice E11571 do arquivo do Estado de São Paulo*. 2007. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.8.2007.tde-10012008-112512. Acesso em: 2021-11-06.

Imagem 15: Reprodução do fólio 8r. da *Notícia da Viagem*

de Carabodura, ainda, q' akawefte.

Assim que eu, com Soldados, que me accom-
panháo nos fomos avoizinhando ao Lugar, com os
os Indios, q' nos servião de guia a bradar ao seu modo
festivo com vivas, e outras ceremonias de q' usão, o qual
foi persuadir ao resto dos Rebeldes, q' ainda menão ti-
nhão apparecido, q' eubia de paz. Todos me recebe-
rão com alegria, em e conduzião p' hua grande patho-
ca, onde me offerenciao p' comer certos cereaes, q' acie-
tes, porq' a fome me obrigou a gostar deste manjar. En-
tre em conversação com elles tractando deervas me-
diundas, e de joias com muita brandura comeci a per-
suadilos, q' se retirassem daquelle quasi deserto, e q'
procurassem o povoado, e q' não temessem castigos, por-
q' eu era padrinha. Achi muita resistencia
nos Indios da Aldea de Sequirica, q' sequiravão,

|| f. 8r. ||

deCavalgadura, ainda, *que* ahouvesse.

Assim que eu, eos Soldados, que me acom-
panharaõ nos fomos avizinhando ao Lugar, comessa(*raõ*)
215 os Indios, *que* nos serviaõ de guia abradar ao seu modo
festivo com vivas, eoutras ceremonias de*que* uzaõ, o*que*
fiz persuadir ao resto dos rebeldes, *que* ainda menaõ ti-
nhaõ apparecido, *que* euhia depaz. Todos merecebe-
raõ com alegria, emeconduziraõ *para* huã grande palho-
220 ça, onde me offerecerãõ *para* comer certos cereaes, *que* acei-
tei, por*que* afome me obrigou agostar deste manjar. En-
trei em conversação com elles tractando de ervas me-
dicinaes, edepois com muita brandura comecei aper-
suadilos, *que* se retirassem daquele quazi dezerto, *eque*
225 procurassem os povoados, *eque* naõ temessem castigos, por-
que eu os apadrinharia. Achei muita rezistencia
nos Indios da Aldêa de Iequiriçá, *que* se queixavaõ

de

Imagem 16: Reprodução do fôlio 8v. da *Notícia da Viagem*

de algumas tiranias com elles praticadas, porem taes
razoens lhes dei, e tantas foiz as seguranças, q' em nome
de S. Mag. lhes prometti, q' viria' todos em procurar as
suas Aldéas. Achis grandes roçados no interior
daquelle Mattos, q' plantavao de Legumes, e cereas, p.
seu sustento, elles recomendei, q' não continuassem a des-
rubar paos, por servirem estes de baliza aos Navegan-
tes. Depois retireme, repartindo com todos algumas
coizas de pequeno custo p.^o orientar, e lhes prometti, q' quan-
do voltassem ás suas Villas, e Aldéas, nellas eu distri-
buiria por todos coizas de maior valor.

Como esta gente he bastante^{te} inconstante por
genio, em a educação, q' se lhe tem dado mandei logo
avisar ao Cap.^o Moor, e Ouvidor interino daquelle Co-
marca p.^o a promptar Canôas, q' o transportassem, antes
q' se a repundessem, de modo q' em dois dias conseguira
eu

|| f. 8v. ||

de alguãs tiranias com elles practicadas, porem taes
 230 razoens lhes dei, etantas foraõ as seguranças, *que* em nome
 de *Sua Magestade* lhes prometti, *que* vieraõ todos em procurar as-
 suas Aldêas. Achei grandes rossados no interior
 daquelles Mattos, *que* plantavaõ de Legumes, e Cereaes, *para*
 seu sustento, elhes recomendei, *que* não continuassem ader-
 235 rubar páos, por servirem estes de baliza aos Navegan-
 tes. Depois retireime, repartindo com todos alguãs
 coizas de pequeno custo *para* os interter, elhes prometti, *que* quan-
 do voltassem ás suas Villas, e Aldêas, nellas eu distri-
 buiria por todos coizas de maior valôr.

240 Como esta gente hé *bastantemente* inconstante por
 genio, emá educação, *que* se lhe tem dado mandei logo
 avizo ao *Capitão-Mor*, e *Ouvidôr* interino daquella Co-
 marca *para* apromptar Canôas, *que* os transportassem, antes
que se arependessem, de modo *que* em dois dias conseguiria

245

eu

Imagem 17: Reprodução do fólio 9r. da *Notícia da Viagem*

eu voltarem ás Villas, e Aldeas 113 Caraes, e 7 Indios
 solteiros, q' tantos erão oq' estavão alli sublevaros, se os ori-
 undos de Sequeira não tornassem a suscitar hũa especie
 de nova rebelião, pondome de má fé entre os mais ju-
 dios, oq' mejiôr aperigo depender vinda, se com novas es-
 tratagemas eu os não segurava do perdao, e de hũa nova
 reforma f.º ou seu melhoramento, e interesses com oq' en-
 tão se embarcarão; a saber: 35 Caraes, e 4 Indios da
 Villa de Santarem. 22 Caraes, e 3 Indios da Aldea
 de S. Fidelis. 56 Caraes da Aldea de Sequeira.

Dando a Deus as graças por ter consegui-
 do em tão breve tempo oclusão homens quasi sublevar-
 dos, sem fazer sangue, mandei queimar todas as patho-
 cas, q' tinhão deixado, e embarcandome depois disso p.
 a Barra de Serenhem, desta fui seguindo viagem por
 Mar, e Lioz, e jornadas de terra, p.
 as Villas, e Aldeas, q'.

|| f. 9r. ||

eu ovoltarem ás Villas, eAldêas 113 cazaes, e 7 Indios
 solteiros, *que* tantos eraõ os *que* estavaõ alli sublevados, se os ori-
 undos de Iequiriçá naõ tornassem asuscitar huã especie
 de nova rebelião, pondome de má fé entre os mais In-
 250 dios, o*que* mepôs aperigo deperder auida, se com novos es-
 tratagemas eu os naõ segurara do perdaõ, edehuã nova
 reforma *para* oseu melhoramento, einteresses com o*que* en-
 taõ se embarcaraõ; aSaber: 35 Cazaes, e4 Indios da-
 Villa deSantarem. 22 Cazaes, e 3 Indios daAldêa
 255 de Saõ Fidelis. 56 Cazaes da Aldêa deIequiriçá.

Dando aDeos as graças por ter consegui-
 do emtaõ breve tempo o reduzir homens quazi subleva-
 dos, sem fazêr sangue, mandei queimar todas as palho-
 ças, *que* tinhaõ deixado, eembarcandome depois disso *para*
 260 aBarra deSerenhêm, desta fui seguindo Viagem por
 Már, e rios, ejornadas de terra, *para* as Villas, eAldêas,

que

Imagem 18: Reprodução do fôlio 9v. da *Notícia da Viagem*

q. a cima fiação referidas. Em todas fui recebido, não só
pelo novos hospedes, mas pelos Indios, q. sempre nellas ex-
istia com muitas festas, e q. taõ bem os convidava a am-
bicio das offertas, q. experencia, e de que os outros Christãos
da do noticia, e de q. em cada hua passei, cobrirei in-
dando a mais exacta, e fiel narraçao.

Do q. pertence a Villa de San-
taem, q. contem os Mappas N.º 4.º

Chegando, como ja disse, a esta Villa procurei
o modo de Communicar particularmente a cada hua fa-
milia, a titulo de visita, nas suas proprias chouspanas, e q.
igualmente pratiquei com todas as outras Aldias, sem-
pre indagando sobre eruas medicinas, q. irião todos ge-
nralmente ser omotivo, q. metinho levado a quella Commar-
ca, como de facto fiz memoria de m. q. taõ bem estampei.

Es

|| f. 9v. ||

que acima ficaõ referidas. Em todas fui recebido, não só
 pelos novos hospedes, mas pelos Indios, *que* sempre nellas ex-
 265 istiraõ com muitas festas, *aque* taõbem os convidava aam-
 biçaõ das offertas, *que* esperavaõ, edeque os outros lhestinhaõ
 dado noticias; edo *que* em cada hua passei, eobservei irei
 dando amais exacta, efiel narraçaõ.

Pelo *que* pertence á Villa deSan-
 270 tarem, *que* contem o Mappa Numero 1º.

Chegando, como já disse, aesta Villa procurei
 omodo de Communicar particularmente acada huã fa-
 milia, atitulo de vizita, nas suas proprias choupanas, *oque*
 igualmente pratiquei em todas as outras Aldêas, sem-
 275 pre indagando sobre ervas medicinaes, *que* crêraõ todos ge-
 ralmente ser o motivo, *que* metinha levado áquella Commar-
 ca, como defacto fiz memoria demuitas, *que* taõbem estampeí.

Es-

Imagem 19: Reprodução do fólho 10r. da *Notícia da Viagem*

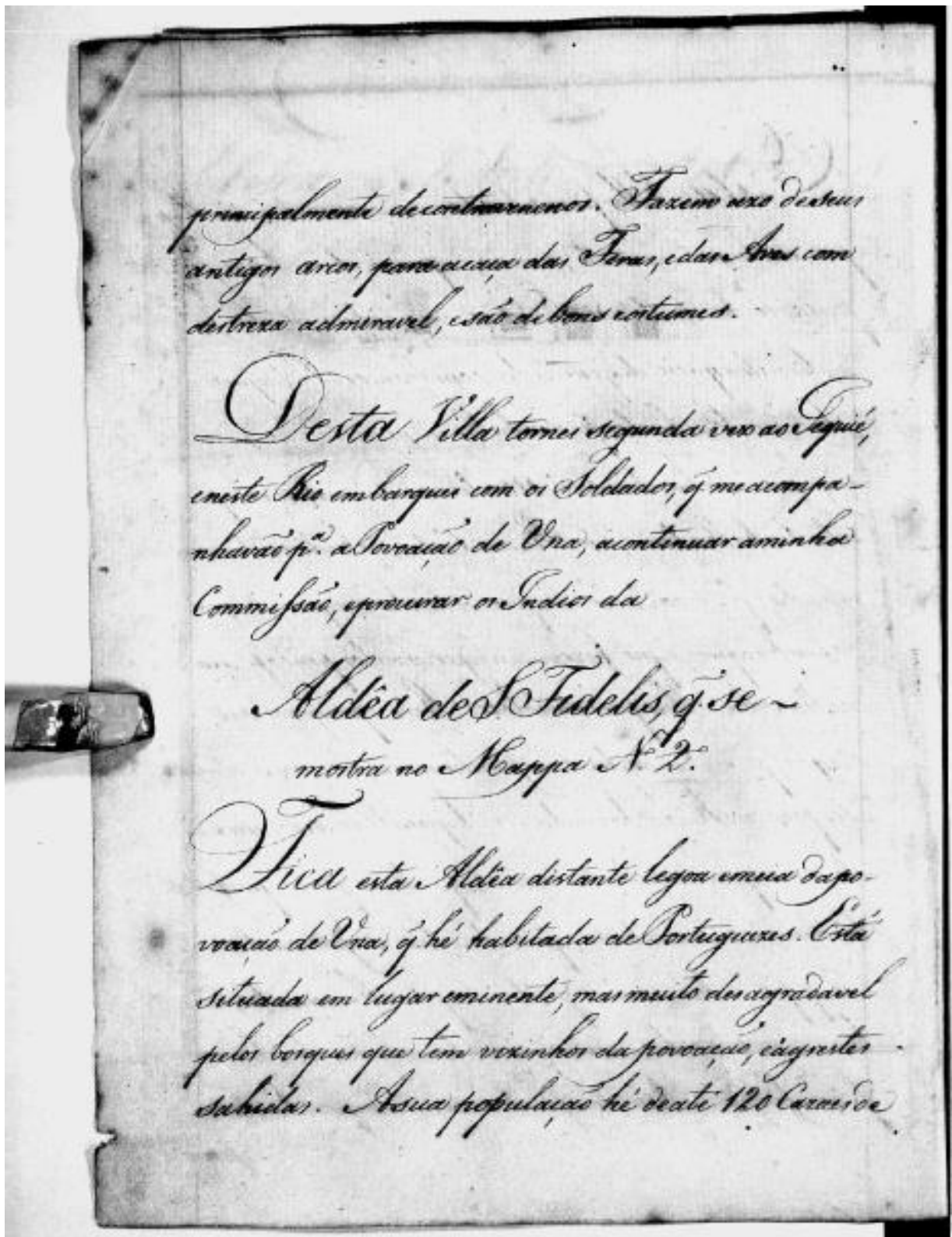
Esta Villa fica situada, como se mostra no Map-
 pa, em lugar eminente, ameno, e aprazivel. A sua po-
 pulação hi de até 300 Indios, em q. entrã muitas fa-
 milias de equic degenerados com brancos Portuguezes.
 São muito robustos p.^a o trabalho aspero do Campo, e
 insignes conhecedores de Maediras de construção, e pe-
 ritos trabalhadores dos Rios e Cortes, e abridores de novas
 estradas p.^a a conclusão dos pios á borda d'agua, e lugar
 do embarque, e que fazem navegar muitos ponde se aca-
 vallo sobre elles por caudalozos Rios, e penigosos saltos
 d'agua, p.^a evitar rodeios impracticaveis, e ás vezes maior
 despesa à Real Fazenda. Agricultura arros deixan-
 do no esquecimento a algodão, q. colhem pouco por fal-
 ta de maior sementeira, quando alia, segundo a brenha-
 ção, q. fix ahes a maior parte dos pios allí nascidos, m.
 bem reproduzidos, e os seus caxulos cobertos de alva, e
 fina felpa. São de igual modo insignes Evadinos

|| f. 10r. ||

Esta Villa fica situada, como se mostra no Map-
 280 pa, em lugar eminente, ameno, eaprazivel. Asua po-
 pulação hé de até 300 Indios, em*que* entraõ muitas fa-
 milias de especie degenerada combrancos Portuguezes.
 São muito robustos *para* otrabalho aspero do Campo, e-
 insignes conhecedores deMadeiras deconstrução, epe-
 285 ritos trabalhadores dosReaes Cortes, eabridôres de novas
 estradas *para* acondução dos páos áborda d'agoa, elugar
 do embarque, e que fazem navegár muitos pondose aca-
 vallo sobre elles por caudalozos Rios, eperigozos saltos
 d'agoa, *para* evitar rodeios impracticaveis, eás vezes maior
 290 despeza áReal Fazenda. Agriculturaõ arrôz deixan-
 do no esquecimento o algodão, *que* colhem pouco por fal-
 ta demaior sementeira, quando aliás, segundo aobserva-
 ção *que* fiz achei amaior parte dos pez alli nascidos, *muito*
 bem reproduzidos, eos seus cazulos cobertos de alva, e-
 295 fina fêlpa. São de igual modo insignes Ervolarios,

prin-

Imagem 20: Reprodução do fólio 10v. da *Notícia da Viagem*



|| f. 10v. ||

principalmente de(ilegível). Fazem uzo deseus
antigos arcos, para acaça das Feras, edas Aves com
destreza admiravel, esaõ debons costumes.

300 Desta Villa tornei segunda vez ao Iequié,
eneste Rio embarquei com os Soldados, *que* me acompa-
nhavaõ *para* aPovoação de Una, acontinuar aminha
Commissaõ, eprocurar os Indios da

305 Aldêa deSaõ Fidelis, *que* se ~
mostra no Mappa Numero 2°.

Fica esta Aldêa distante legoa emeia dapovo-
vação de Una, *que* hé habitada dePortuguezes. Está
situada em lugar eminente, mas muito desagradável
pelos bosques que tem vizinhos dapovoação, eagrestes
310 sahidas. Asua população hé de até 120 Cazaes de-

Imagem 21: Reprodução do fôlio 11r. da *Notícia da Viagem*

BIBLIOTHECA NACIONAL
SECCÃO DE MANUSCRIPTOS
RIO DE JANEIRO

de Indios pouco mais, ou menos, os quaes são docis, e
bem inclinados, e ao mesmo tempo robustos, e mais ne-
cessarios para o trabalho do corte das madeiras allí es-
tabelecido, por haverem nas vizinhanças da mesma
Aldeia, as melhores matas de bons paos de constru-
ção, e assim em qualidade, como em compatibilidade,
e rigidez, muito principalmente nos sitios chamado Em-
bô, onde reside a dispersão da Povoação alguns Caracs.
São peritos navegadores do caudalozo Rio Mapen-
dipe, pelo qual descom com incrível facilidade, sobre
menstruozos paos, até a bocca, ou foz da divisaõ deste
Rio, e do de Una, donde são embarcados p.^o a Portõa
Bahia em embarcações proprias, e ancoradas esperão
allí a sua correspondente carga. Do ^{me} modo são
os melhores serradores de madeiras, principalmente
de vinhatie, de q.^a abundaõ aquellas matas, e insignes
fabricadores de grandes Embarcações de hum só paos
aq.

|| f. 11r. ||

de Indios pouco mais, ou menos¹³, os quaes são docéis, e-
 bem inclinados, eao mesmo tempo robustos, eos mais neces-
 sarios para o trabalho do corte das madeiras alli es-
 tabehecido, por haverem nas vizinhanças damedesma
 315 Aldêa, as melhores mátas debons páos de constru-
 ção, assim em qualidade, como em compatibilidade,
 e rigêza, muito principalmente no sitio chamado Oro-
 bó, onde rezidem dispersos daPovoação alguns Cazaes.
 São peritos navegadores do caudalozo Rio Mapen-
 320 dipe, pelo qual descem com incrivel facilidade, sobre
 monstruozos páos, até abocca, oufós da divizaõ deste
 Rio, e do de Una, donde são embarcados *para* oPorto da-
 Bahia em embarçaõens proprias, *que* ancoradas esperaõ
 alli asua correspondente carga. Do *mesmo* modo são
 325 os melhores Serradores de madeiras, principalmente
 de vinhatico, de*que* abundaõ aquellas matas, e insignes
 fabricantes degrandes Embarçaõens de hum só páo,

aque

¹³ Acima da linha 311 consta um carimbo com o escrito “BIBLIOTHECA NACIONAL SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS RIO DE JANEIRO”.

Imagem 22: Reprodução do fôlio 11v. da *Notícia da Viagem*

aque no Brasil chamão Canoas, muito necessarias
 para a navigação interior dos Rios. Agricultura ar-
 rui correspondendo a cultura com grande exufo a de-
 mentura, por serem as terras sob a beira das matas m.
 proprias p.^a esta plantação. Também são grandes Corde-
 iros de diferentes estregas, no q.^o se empia muito a Real
 Fazenda no serviço das fazendas de gado, e operados p.^a.
 As Indias são famosas tecedores de pannos de algo-
 dão, principalmente para as chamadas tipicas, q.^o são
 as Camas ordinarias sustentadas por cordas, de q.^o fazem
 uso geral quasi todos os Indios do Brasil.

Desta Aldeia fiz jornada p.^a a Freguesia
 de Siquirica, e desta Província procurei a estrada de

Aldeia de N. Sr. dos Bra-
 xeres, q.^o mostra a Planta N.^o 3.^o

Ti-

|| f. 11v. ||

- aque no Brazil chamaõ Canõas, muito necessarias
 330 para a navegaçaõ interior dos Rios. Agriculturaõ ar-
 rõt correspondendo acolheita com grande excesso áSe-
 menteira, por serem as terras nabaixa das mattas *muito*
 proprias *para* esta plantaçaõ. Taõbem saõ grandes Cordo-
 eiros de differentes estrigas, no*que* poupaõ muito á Real
 335 Fazenda no serviço das puxadas degrossos, epezados páos.
 As Indias saõ famozas tecedeiras depannos de algo-
 daõ, principalmente para as chamadas tipoias, *que* saõ
 as Camas ordinarias sustentadas por cordas, de*que* fazem
 uzo geral quazi todos os Indios do Brazil.
- 340 Desta Aldêa fiz jornada *para* aFreguezia
 de Iequiriçá, edesta Povoaçãõ procurei aestrada da

Aldêa de *Nossa Senhora* dos Pra-
 zeres, *que* mostra a Planta *Numero 3º*.

Fi-

Imagem 23: Reprodução do fólio 12r. da *Notícia da Viagem*

Fica distante esta Aldeia duas Legoas da referida Povoação de Siquirica. Está situada em lugar eminente, e agradável. A sua população he de até 200 Indios, q' residem, não só no interior della, mas dispersos em pequenas distancias pela estrada, q' vai ter á Povoação. São alguma coisa revoltos, e ladros de embriagueza e facinos, cujos vicios, emã' indolhe he provem da falta de educação, por não terem há m. tempo, ou p.^a mais bem dizer há muitos annos Director, q' os adverte, nem Parochó que os instrua, por se querer poupar até a congrua que em algum tempo juntamente se pagava a hum Vigario, ordenando os encarregados da Administração da Fazenda Real, por huma especie de temeraria, e mal entendida economia, q' estes Indios podião concorrer nos actos de obrigação christã á referida Freguezia de S.^{to} Antonio de Siquirica, sem previrem a impossibilidade de accu-

|| f. 12r. ||

345 Fica distante esta Aldêa duas Legoas da-
referida Povoação de Iequiriçá. Está situada em-
lugar eminente, e agradavel. A sua população hé
de até 200 Índios, *que* rezidem, não só no interior del-
la, más dispersos em pequenas distancias pela estra-
350 da, *que* vai ter á Povoação. Saõ alguã coiza revoltosos,
edados a embriaguez, e (a) assassinos, cujos vicios, emá indole
lhe provem da falta de educação, por não terem há *muito*
tempo, ou *para* mais bem dizer há muitos annos Dire-
ctor, *que* os advirta, nem Parocho que os instrua, por se-
355 querer poupar até a congrua que em algum tempo jus-
tamente se pagava a hum Uigario, ordenando os en-
carregados da Administração da Fazenda Real
por hua especie de temeraria, emal entendida economia,
que estes Índios podião concorrer nos actos de obrigação
360 christã á referida Freguezia de Santo Antonio de-
Iequiriçá, sem preverem a impossibilidade de accu-

Imagem 24: Reprodução do fôlio 12v. da *Notícia da Viagem*

de acudir de improviso às mortes aprofundadas, e a qual
 a assistência espiritual nas enfermidades últimas, não
 fallando ainda em serem os caminhos de impracticavel
 vel arrefeo em tempo de inverno pelos regatos q' tem,
 e grandes pantanos.

Aqui me deu a noticia certa de que es-
 tes Indios tinham secreta communicação com Gentes.
 Não deixou isto de me causar grande cuidado. Po-
 rem examinando bem a sua origem com a modernidade,
 q' pedião as circumstancias ultimas de nobri, q' era com
 o Gento Mongolo Superior, q' está refugiado distan-
 te desta Povoação 10 legoas, no Lugar chamado Tam-
 boré, Serião da Lessaua, e Amayal da Conquista, que
 dizem ser de natureza docil, e aptos p.^a a agricultura
 em particularmente p.^a a creação de Gados, e q' de algum
 modo tem já dado a entender querer christianizar-se. Por

|| f. 12v. ||

de acudir de improvizo ás mortes apressadas, eáquel
 la asistencia espiritual nas enfermidades ultimas, não
 faltando ainda em serem os caminhos de impractica-
 365 vel accesso em tempo de inverno pelos regatos *que* tem,
 egrandes pantanos.

Aqui me deraõ noticia certa deque es-
 tes Indios tinhaõ secreta communicação com Gentio.
 Não deixou isto de me cauzar grande cuidado. Po-
 370 rem examinando bem asua origem com a moderação,
que pediaõ as circunstancias ultimas descobri, *que* era com
 oGentio Mongoio Tupessá, *que* está refugiado distan-
 te desta Povoação 70 legoas, no Lugár chamado Tam-
 borî, Sertaõ da ressaca, Arrayal daConquista, *que*
 375 dizem ser denatureza docil, eaptos *para* aagricultura,
 emuito particularmente *para* acreação de Gados, *eque* de algum
 modo tem já dado a entender querer christianizarse. Por-

Imagem 25: Reprodução do fólio 13r. da *Notícia da Viagem*

Por providencia interina porem impedida esta Communica-
 ção, fazendo estabelecer na passavel infalivel de trans-
 sar o Rio p.^o proseguir a jornada por huã trilhada ocul-
 ta q. tinhaõ aberto hum Legisto, e guarda de de Portugue-
 zes, q. alternão todos os meses, pormão ser convenien-
 te ao Serviço de S. Mag.^o no caso de se conseguir a
 conversão dos Mongiois, q. elles logo ao principio de-
 se alçarem recubão o maior costume destes Indios.
 Facilitei porem a communicação aos da Aldeia de S.
 Fidelis, por serem de bons costumes, e grandes Religiosos.

Ao mesmo tempo, q. procurava fazer
 estas observações tão bem com sagacidade commu-
 nicando com cada huã familia, nas suas mermas pa-
 thoas, atitulo de visita, sempre indagando sobre er-
 ras mediunas, q. crêas ser omotivo, q. metinha
 levado áquelle Comarca, e demisturaõ os sui Ceduridos
 com

|| f. 13r. ||

Por providencia interina porem impedi esta Coñunica-
 çãõ, fazendo estabelecer [napassavel infalivel de atraves-
 380 sar oRio *para* proseguir ajornada por huã trilhada occul-
 ta *que* tinhaõ aberto] hum registo, eguarda de (4) Portugue-
 zes, *que* alternaõ todos os mezes, pornaõ ser convenien-
 te aoServiço de*Sua Magestade*, no cazo deseconseguir a-
 conversaõ dos Mongoiós, *que* elles logo aoprincipio de-
 385 se aldêarem recebaõ os máos costumes destes Indios.
 Facilitei porem a communicaçãõ aos da Aldêa de*Saõ*
 Fidelis, por serem debons costumes, egrandes Religiozos.

Aomesmo tempo, *que* procurava fazer
 estas observaçoens hia taõbem com sagacidade commu-
 390 nicando com cada huã familia, nas suas mesmas pa-
 lhoças, atitulo devizita, sempre indagando sobre er-
 vas medicinaes, *que* crêraõ ser o motivo, *que* metinha
 levado áquella Comarca, ede mistura os fui reduzindo

com

Imagem 26: Reprodução do fôlio 13v. da Notícia da Viagem

com palmares, agasalhos, e presentes, á paz, concordia, e
 obediencia; repartindo á custa da minha fazenda por
 todos os Indios, e Indias, assim pequenos, como adul-
 tos, miçangas, contos, brinços, veronicas, estampas de va-
 rias Santos, puentes, navathas, fitas de varias cores, e fo-
 cos; vestindo aos necessitados, e pelas Indias q. sabias
 cozer, linhas, doidaes, agulhas, thezouras, e pelos agricul-
 tores, enxadaes, machados, e outros instrumentos p. tra-
 balho da sua cultura, e pelos Indios q. versavão em Es-
 cholas, livros espirituaes, e de instrucção. Fazendo mais
 á minha custa festividades, convocados para assistir
 os mesmos Indios, e fazendo celebrar Missas pelas
 preciozas vidas de S. Mag. e serenissimos Prin-
 cipes, p. assim se radicarem todos com os sugrados
 vinculos da Religião no amor e obediencia aos Sobe-
 ranos, convocando tambem hum Sacerdote p. ir offi-
 ciar na Aldeia dos Indios de S. Inz. dos Franceses
 cao.

|| f. 13v. ||

395 com palavras, agazalhos, eprezentes, á paz, concordia, e-
 obediencia, repartindo á custa da minha fazenda por-
 todos os Indios, e Indias, assim pequenos, como adul-
 tos, missangas, contas, brincos, veronicas, estampas de va-
 rias Santos, pentes, navalhas, fitas de varias cores, e fro-
 400 cos; e vestindo aos necessitados, e pelas Indias, *que* sabiaõ
 cozer, linhas, didaes, agulhas, thezouras, e pelos agricul-
 tores, enxádas, machados, e outros instrumentos *para* o tra-
 balho da sua cultura, e pelos Indios *que* versavaõ as Es-
 chólas, livros espirituaes, e de instrucão. Fazendo mais
 405 á minha custa festividades, convocados para assistirẽ
 os mesmos Indios, e fazendo celebrar Missas pelas
 preciozas vidas de *Sua Magestade* e *Serenissimos Prin-*
cipes, *para* assim se radicarem todos com os Sagrados
 Vinculos da Religiaõ no amor e obediencia aos Sobe-
 410 ranos, convocando taõbem hum Sacerdote *para* ir offi-
 ciar na Aldêa dos Indios de *Nossa Senhora dos Prazeres*,

ead-

Imagem 27: Reprodução do fólio 14r da Notícia da Viagem

e administrar lhes o parte espiritual, por sacramento,
 como dito fica sem Parocho, e repetindo tambem em al-
 ta voz no fim das mesmas festividades, em ajuntamento
 geral de todos os Indios, Paroquianos, cujos discursos os
 fixarem pender nas suas Villas, e Aldeas, e arre-
 pender dos delictos commettidos no tempo da sua dor-
 cao.

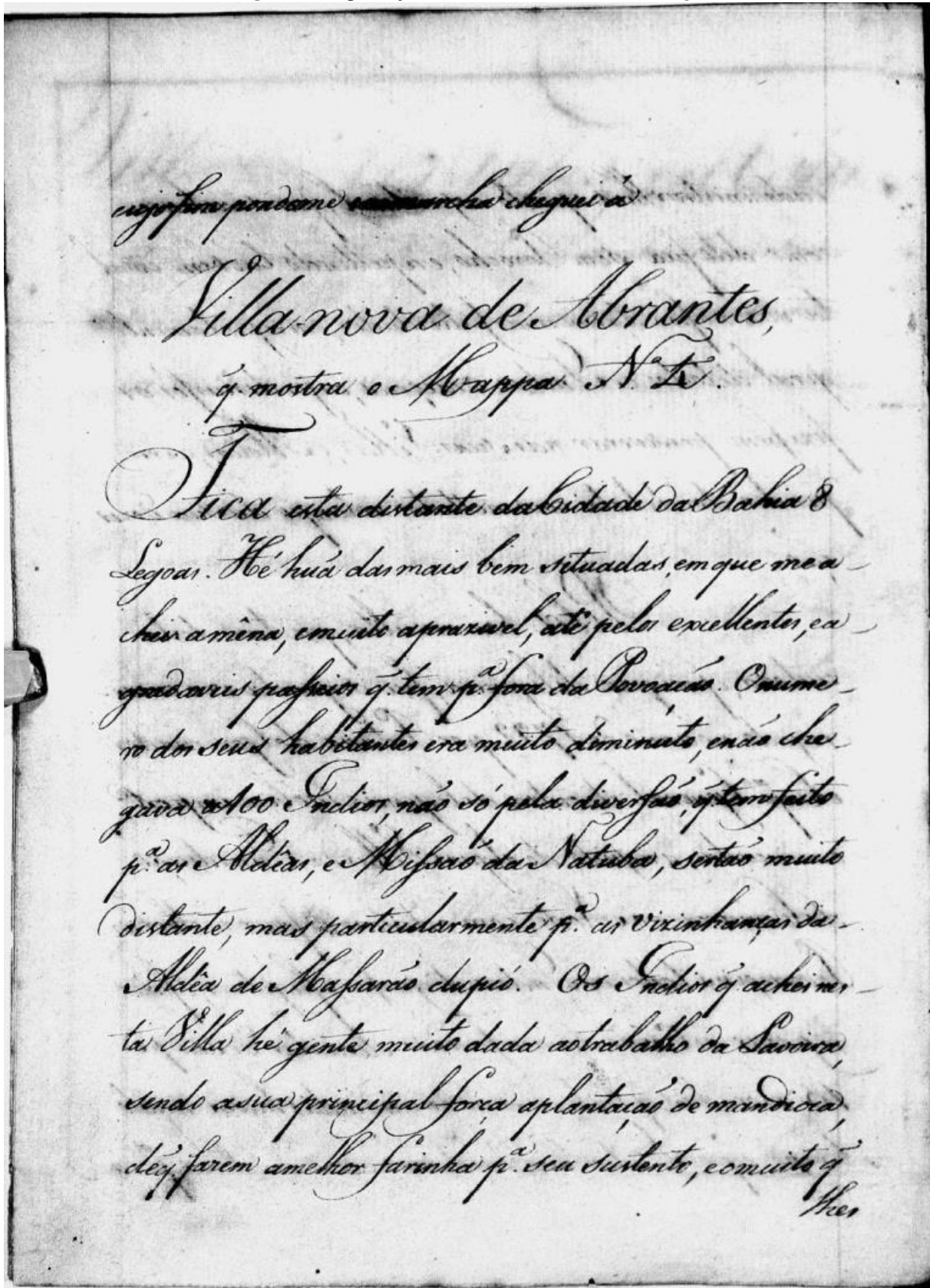
Dele boa resultta, que teve desta
 custosa, e perigosa diligencia, foi segunda vez enca-
 regado no anno de 1732 por Portaria do Governador,
 e Cap.º General de outra diligencia tambem importan-
 te, e arriscada, a respeito de algumas Villas da Jurisdicção
 da Comarca do Norte, com o destino de fazer recolher as
 Paroquianos todos os Indios dispersos, e fugitivos, e fazer
 reparar as Casas damnificadas, e levantar de seu pe-
 13 moradas, q.º tinham sido incendiadas havia muito
 tempo, e q.º os Indios não cuidavam em arconstruir p.º cu-

|| f. 14r. ||

415 eadministrar lhes (*opasto espiritual, por seacharem*),
 como dito fica sem Parocho, e repettindo taõbem em al-
 ta vóz no fim das mesmas festividades, em ajuntamento
 geral de todos os Indios, oraçoens, cujos discursos os-
 fizessem perseverar nas suas Villas, e Aldêas, e arre-
 pender dos delictos commettidos no tempo da sua dezer-
 ção.

420 Pela boa rezulta, que tive desta
 custoza, e perigoza diligencia, fui segunda vez (*encar*)-
 regado no anno de 1792 por Portaria do Governador,
 e Capitão General de outra diligencia taõbem importante,
 e arriscada, a respeito de alguãs Villas da Jurisdicção
 425 da Coõmarca do Norte, com o destino de fazer recolher ás-
 Povoaçõens todos os Indios dispersos, e fugitivos, e fazer
 reparar as Cazas damnificadas, e levantar deseus pé
 13 moradas, *que* tinhaõ sido incendiadas havia muito
 tempo, *e que* os Indios não cuidavaõ em as construir, *para cu-*

Imagem 28: Reprodução do fólho 14v. da Notícia da Viagem



|| f. 14v. ||

430 cujo (*fim pondome* (ilegível) *marcha*) cheguei á

Villa nova de Abrantes,

que mostra o Mappa Numero 4°.

Fica esta distante daCidade daBahia 8

Legoas. Hé huã das mais bem situadas, em que me a-

435 chei amêna, emuito aprazivel, até pelos excellentes, ea-
gradaveis passeios *que* tem *para* fora daPovoação. O nume-
ro dos seus habitantes era muito diminuto, enãõ che-
gava a100 Indios, naõ só pela diversaõ *que* tem feito
para as Aldêas, e Missaõ daNatuba, sertoã muito

440 distante, mas particularmente *para* as vizinhanças da-
Aldêa de Massaraõ dupió. (espaço) Os Indios *que* achei nes-
ta Villa hé gente muito dada ao trabalho daLavoira,
sendo asua principal força aplantação de mandioca,
de*que* fazem a melhor farinha *para* seu sustento, eo muito *que*

445

lhes

Imagem 29: Reprodução do f6lio 15r. da Not6cia da Viagem

Hees sobre a reputa6o na Cidade. Alem d'isto plantao
 algodao, q' produz m., e de fina selva, porem nao corres-
 ponde a um trabalho, porq' no tempo proprio da colhei-
 ta Hee iae, quasi sempre, hum certo orvalho, q' apodrecu
 quantidade de casulos. Os Indios que nao tem Lavoura
 na se empregao em huã grande Olaria, alli estabele-
 cida, de terra, etajolo, q' eu achei em alguma deteriora6o
 e promovi do modo possivel o seu adiantamento, fazendo
 de novo Salarias dos homens, q' mandei convidar das
 Ollarias da Villa de Jaguaripe, p.^a oensinar tambem
 a fabricar Louças p.^a o uso ordinario das cozinhas. Obser-
 vei tambem adocilio, e boa inclinac6o dos Indios, em q' pe-
 quenos, e a sua aptidao p.^a oprimeiros estudos, e p.^a a sciencia.

Fiz recollecter a esta Povoa6o, ainda q' com insano
 trabalho 22 Coxas, e 3 Indios solteiros, q' se achavao
 dispersos, a S.^{rs} 8 Coxas, e 6 Indios, q' estavao em Casa

|| f. 15r. ||

lhes sobra (*areputaõ*) na Cidade. Alem disto plantaõ
 algodaõ, *que* produz muito, edefina fêlpa, porem não corres-
 ponde olucro ao trabalho, porque no tempo proprio da colhei-
 ta lhe cáe, quazi sempre, hum certo orvalho, *que* apodrece
 450 quantidade de casulos. Os Indios que não tem Lavou-
 ra se empregãõ em huã grande olaríã, alli estabele-
 cida, detelha, etijolo, *que* eu achei em alguã deterioraçãõ,
 epromovi do modo possivel oseu adiantamento, fazendo
 denovo salariar dois homens, *que* mandei convidar das
 455 Olaríãs daVilla de Iaguaripe, para os ensinar taõbem
 afabricar Loiças para o uzo ordinario das cozinhas. Obser-
 vei taõbem adocilidade, eboa inclinaçãõ dos Indios, emquanto pe-
 quenos, easua aptidãõ para osprimeiros estudos, epara as Sciencias.

Fiz recolher aesta Povoaçãõ, ainda *que* com insano
 460 trabalho 22 cazaes, e9 Indios solteiros, *que* se achavaõ
 dispersos; aS(ab)er 8 cazaes, e 6 Indios, *que* estavaõ emCaza

de-

Imagem 30. Reprodução do fôlio 15v da Notícia da Viagem

de diversos parentes na Aldeia de Manarão dupio, e
 14 Caracés, e 3. Indios, q' os achei em diferentes partes nas
 terras desde o Rio de Pauipe, até os Campos do Bibó.

Finalizada a diligencia desta Villa con-
 tinui a minha jornada p.^a

Aldeia de Manarão du-
 pio, q' se mostra no Mapa N.º 5.

Fica distante da Cidade da Bahia 36 Le-
 goas. He' hua' das maiores donde me achei, situada
 em Lugar aprazivel. O numero dos seus habitantes
 he' de 400 Indios pouco mais, ou menor, muitos delles
 de especie degenerada com pretos, por serem as Indias
 Nacionais muito inclinadas aor desta Cor. Morao
 muitas familias juntas em hua' só casa. São m. docis,

|| f. 15v. ||

de diversos parentes na Aldêa deMassaraõ dupió, e-
 14 cazaes, e3 Indios, *que* os achei em diferentes partes nas-
 465 terras desde o Rio de Iacuipe, até os Campos do Bibó.

Finalizada adiligencia desta Villa con-
 tinuei aminha jornada *para* a

Aldêa de Massaraõ du-
 pió, *que* semostra no Mappa Numero 5.

470 Fica distante daCidade daBahia 36 Le-
 goas. Hé huã das maiores donde meachei, esituada
 em Lugar aprazivel. Onumero dos seus habitantes
 hé de 400 Indios pouco mais, ou menos, muitos delles
 de especie degenerada com pretos, por serem as Indias
 475 Nacionaes, muito inclinadas aos desta côr. Moraõ
 muitas familias juntas em huã só caza. Saõ *muito* doceis,

e-

Imagem 31: Reprodução do fólio 16r. da *Notícia da Viagem*

e debens costumes por natureza, mas sem educação. Por
 q. sendo o Director desta Aldeia hum Religioso Ma-
 riano, q. tambem serve de Parocho, e Missionario, contra
 o disposto no Directorio dos Indios, e aprovado por D. Ino-
 cancio, q. impede semelhante jurisdicção aos Men-
 dantes, m.º mais escandaloso se faz isto pela falta de obli-
 gação, q. observei no q. actualmente alli reside, porque
 estando sempre prompto, e com mãos aliadas, se faz
 aos Indios rigorosos castigos, e tirar todo o fructo proveito
 partido das suas sementeyras, só onas esta se ensinar
 a ler, e escrever aos pequenos, e q. não succede em outras
 muitas Missões encarregadas a diferentes Reli-
 giosos, q. mais bora se empregão nesta mal entendi-
 da commissão.

Foi mezes
 que nesta Aldeia mudé moris annui domos possivel
 maior plantação de algodão, e o m.º modo de cultura de

|| f. 16r. ||

edebons costumes por natureza, mas sem educaçãõ. Por-
 que sendo o Director desta Aldêa hum Religiozo Ma-
 480 riano, que taõbem serve deParocho, e Missionario, contra
 o disposto noDirectorio dos Indios, e reprovado por Direito
 Canonico, que impede similhante jurisdicçãõ aos Mendi-
 cantes, muito mais escandalozo sefaz isto pela falta de obri-
 gaçãõ, que observei no que actualmente alli rezide, porque
 485 estando sempre prompto, ecom maõ alçada, para fazer
 aos Indios rigorozos castigos, e tirar todo ofructo, proveito,
 epartido das suas sementeiras, só onaõ está para ensinar
 a lêr, eescrever aos pequenos, o que não sucede em outras
 muitas Missoens encarregadas adifferentes Reli-
 490 giosos, que mais bem se empregãõ nesta mal entendi-
 da commissãõ.

Nos mezes,

que nesta Aldêa medemorei animei do modo possivel
 maior plantaçãõ dealgodaõ, edo mesmo modo aextracçãõ do

Imagem 32: Reprodução do fôlio 16v. da Notícia da Viagem

do Tucum, ensinando aos Indios de melhor forma a separar a estriça, e a macerata, porq. do modo geralmente se quido por elles perdiaõ muita parte, q. hoje a aproveitãõ em maior utilid. sua, q. pode vir a ser hum grande artigo de Commercio, quando sedem as providencias p.^a a comodidade dos transportes, pela grande abundancia q. ha destas palmeiras nos matos vizinhos da Aldea principalmente nos q. confinãõ com os Campos do Bibõ, muito fertis p.^a todas as Sementeiras, e igualmente coizaes de estabelecer grandes Fazendas de Gado vacium, e Cavallar.

Fiz de novo levantar 13 moradas de Casas, q. haviaõ mais de 2 annos tinhaõ sido por descuido incendiadas, que são as q. se mostram no Mapa desde a Sit. = D = até a Sit. = R =

Obriguei com brandura, e sem ser necessario usar de

|| f. 16v. ||

495 doTicúm, ensinando aos Indios de melhor forma a sepa-
 rar a estriga, e a macerala, porque do modo geralmente se-
 guido por elles perdiaõ muita parte, *que* hoje aproveitaõ
 em maior utilidade sua, *que* pode vir aser hum grande ar-
 tigo deCommercio, quando se dem as providencias para
 500 acomõdidade dos transportes, pela grande abundancia,
que há destas palmeiras nos matos vizinhos da Aldêa, prin-
 cipalmente nos *que* confinaõ com os Campos doBibó, mui-
 to ferteis para todas as Sementeiras, e igualmente capa-
 zes de estabelecer grandes Fazendas de Gado (*vacum*),
 505 eCavallar.

Fiz de novo levantar 13 mo-
 radas deCazas, *que* haviaõ mais de4 annos tinhaõ sido
 por descuido incendiadas, que saõ as*que* semostraõ no-
 Mappa desde aLitografia.=D= até aLitografia¹⁴ =R=

510 Obriguei com brandura, esem ser necessario usar

de-

¹⁴ Abreviatura verificada em Flexor (2008, p. 247). Para saber mais, consultar:
 FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas*. Manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 3 ed. ver. aum. (Publicações
 Técnicas; n. 53). 600p. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

Imagem 33: Reprodução do fólio 17r. da *Notícia da Viagem*

de rigor algum, ainda que com insano trabalho, pelas
 distancias, em q. se achavao, e ser necessario atravessar m.
 lion caudaloxos, e perigosos, e vadias matos povoado de
 nas tragadoras, e animas venenosas, acotherem se aos seus
 antigos domicilios a 36 Caraes, e 15 Indios solteiros, q.
 se achavao dispersos; a saber: 12 Caraes, e 6 Indios nas
 pirais da Costa do mar, chamadas do Tagua, 8 Caraes,
 e 2 Indios nos Poceus. 6 Caraes, e 4 Indios no
 Anambebe. 4 Caraes, e 2 Indios nas margens do Rio
 Capiurara. 5 Caraes, e 1 Indio no Taispu; e 1 Indio
 no Embauahi.

Depois
 que conseguí restituir os Indios, tanto a Villa auiua re-
 ferida, como a esta e Aldea, p. o firmar mais na precia
 subordinacao, passei auzar com elles o mesmo q. tenha
 praticado nas Villas, e Aldeas da Comarca do Sul,
 fazendo se partir geralm. por todos muitos presentes, e ves

|| f. 17r. ||

de rigor algum, ainda que com insano trabalho, pelas
 distancias, em *que* se achavaõ, eser necessario atravessarmuitos
 rios caudalozos, eperigozos, evadiar matos povoados deFé-
 515 ras tragadôras, e animais venenozos, arecolherem-se aos seus
 antigos domicilios a 36 Cazaes, e15 Indios solteiros, *que*
 se achavaõ dispersos; asaber: 12 Cazaes, e 6 Indios nas-
 praias daCosta do Már, chamadas do Iaguá, 8 Caza-
 es, e 2 Indios nos Poçoens. 6 Cazaes, e4 Indios no-
 520 Arambebe: 4 Cazaes, e 2 Indios nas margens doRio
 Capivara: 5 Cazaes, e1 Indio. no Taipú; e 1 Indio
 no Imbassahi.

Depois

que consegui restituir os Indios, tanto áVilla acima re-
 525 ferida, como eaesta Aldêa, *para* os firmar mais napreciza
 subordinaçaõ, passei auzar com elles o mesmo, *que* tinha
 practicado nas Villas, e Aldêas daCommarca doSul
 fazendo repartir geralmente por todos muitos presentes, eves-

Imagem 34: Reprodução do fólio 17v. da *Notícia da Viagem*

vestimentas p.^a os mais pobres, e ferramentas para o tra-
 balho da Lavoura, tudo ajusta de minha Fazenda, da
 mesmo moda novas festiuidades, e Missas pelas precio-
 sas vidas de Sr. Mag.^e e Altes.^{as} p.^a q. assim ladi-
 cados com os sagrados vinculos da Religião, q. he o
 temo essencial, q. seguro a obediencia dos Povos, persue-
 rassem nas suas Aldeas, com respeito, e sujeição aos
 seus Superiores. Diligencias estas, q. me parece fo-
 rão muito importantes, não só ao Real Serviço de Sr.
 Mag.^e, mais á tranquillidade, e segurança do bem pu-
 blico daquelles Estado.

N.B.



Todo o contexto desta narração se prova com
 authenticos documentos, q. se achão affectos ad.
 Sr. Mag.^e pela Secretaria de Estado dos Negocios Es-
 tranjeros, e da Guerra, e Conselho Ultramarino.



|| 17v. ||

evestimentas para os mais pobres, eferramentas para outra-
 530 balho daLavoura, tudo ácusta de minha Fazenda, edo-
 mesmo modo novas festividades, eMissas pelas precio-
 zas vidas de Sua Magestade, eAltezas, para que assim radi-
 cados com os sagrados vinculos daReligião, que hé o-
 leme essencial, que segu(ra) aobediencia dos Povos, perseve-
 535 rassem nas suas Aldêas, com respeito, esujeição aos-
 seus superiores. Diligencias estas, que meparece fo-
 raõ muito importantes, naõ só aoReal Serviço deSua
 Magestade, más átranquilidade, esegurança dobem pu-
 blico daquelle Estado.

540 *Numero3.*¹⁵

Todo o contexto desta narração seprova com-¹⁶
 authenticos documentos, que se achaõ affectos aSua
 Magestade pela Secretaria de Estado dos Negócios Es-
 trangeiros, edaGuerra, eConcelho Ultramarino.

¹⁵ À altura da linha 540, consta um carimbo com o escrito: “BIBLIOTHECA NACIONAL SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS RIO DE JANEIRO”, do meio para a direita do suporte.

¹⁶ À altura das linhas 541 a 544, consta um carimbo com o escrito: “DA REAL BIBLIOTHECA”, ao lado direito da mancha escrita.

3.2 EDIÇÃO INTERPRETATIVA

No intuito de encontrar respostas às inquietações que fazem parte de nossa pesquisa e para as quais ainda não há resoluções, nós, filólogos, tomamos uma série de decisões que podem contribuir para o campo da pesquisa científica, quer seja com resultados positivos ao que esperávamos, quer não. Nesse contexto, em busca de textos ainda não editados, o historiador da língua, segundo Marquilhas (2004), parte “então para a edição de sua própria autoria, escolhendo uma aproximação ao texto adequada à curiosidade científica que tem” (MARQUILHAS, 2004, n.p). Contudo, essas escolhas reservam obstáculos ao editor, que se depara com impasses ao longo do percurso. De forma certa, Rita Marquilhas (2004) descreve alguns deles:

Na prática, sempre tolhido pelo medo de se afastar “da língua do autor e do seu tempo”, sempre indeciso entre o que são grafias fonetizantes e grafias só convencionais, sempre inseguro perante o enigma da pontuação antiga, opta pela solução conservadora, muito próxima do texto do original manuscrito. A edição enche-se de símbolos não alfabéticos, de algarismos, de itálicos e sublinhados, de grafias contrastantes com a ortografia actual. Dá-se conta do que estava na entrelinha, da dúvida na decifração desta ou daquela letra, da abreviatura, da variante gráfica, da emenda, da outra mão que interveio pontualmente... O texto fica diplomaticamente (ou paleograficamente) próximo do original, mas ganha uma codificação e um grafismo tão variáveis, que o resultado só pode ser um, do ponto de vista da sua leitura: - o da *ilegibilidade* do discurso escrito ali oferecido (MARQUILHAS, 2004, n.p).

Ao contrário da edição semidiplomática, apresentada na subsecção anterior, a edição interpretativa é ainda pouco difundida. Ela é mais comum em meio digital, cujas apresentações permitem o uso de *hiperlinks* e outros recursos da informática. Para Cambraia (2005, p. 96-97), “o passo mais à frente que se pode dar no processo de estabelecimento de um texto a partir de apenas um modelo acha-se na edição *interpretativa*, a que se pode atribuir o grau máximo de mediação admissível”. Para o autor, da mesma forma que acontece com a edição semidiplomática,

fazem-se operações como desenvolvimento de abreviaturas e conjecturas, mas, além disso, o texto passa por um forte processo de uniformização gráfica e as conjecturas vão além de falhas óbvias, compreendendo intervenções que aproximem o texto do que teria sido sua forma genuína. Esses procedimentos permitem, em primeiro lugar, apresentar o texto em uma forma acessível a um público amplo (já que dificuldades gráficas desaparecem com a uniformização); ademais, oferecem ao público um texto mais apurado, na medida em que os elementos estranhos à sua presumível forma genuína vêm claramente assinalados. (CAMBRAIA, 2005, p. 97)

Como escolha da editora, segue uma edição interpretativa que leva em conta não o desejo de modernizar o texto, mas o de torná-lo mais acessível àqueles que se interessam pela

temática constante no documento e o objetivo de tentar deixar a leitura mais confortável e fluida, visando a uma melhor compreensão de seu conteúdo. Para isso, a edição que se apresenta será feita de forma corrida, da mesma maneira que o fez o autor da *Notícia da Viagem*¹⁷.

3.2.1 Critérios da edição

Para a elaboração desta edição interpretativa, toma-se por base as normas sugeridas por Cambraia (2005, p. 131-132), com acréscimos e adequações ao corpus e aos objetivos de pesquisa:

- a) *Caracteres alfabéticos*: transcrever como caracteres romanos redondos. Uniformizar as diferenças de módulo segundo o sistema atual de uso de maiúscula e minúsculas. Uniformizar os alógrafos contextuais segundo sua forma atual. Uniformizar a representação gráfica segundo o sistema atual.
- b) *Abreviaturas*: desenvolver com base nas formas por extenso presentes no modelo, transcrevendo em tipos redondos os caracteres acrescentados.
- c) *Diacríticos*: uniformizar as formas e as funções de acordo com o sistema atual, respeitando as oscilações do original quanto à marca de nasalidade.
- d) *Sinais de pontuação*: uniformizar as formas e as funções de acordo com o sistema atual (baseado fundamentalmente em critérios sintáticos), suprimindo e inserindo quando necessário, de acordo com as normas atuais.
- e) *Caracteres de leitura duvidosa*: informar em nota.
- f) *Caracteres e palavras ilegíveis*: informar entre parênteses da seguinte forma: (...).
- g) *Caracteres nas entrelinhas e/ou nas margens*: transcrever, no ponto pertinente do texto; quando não fizer parte do texto, não transcrever.
- h) *Separação vocabular (intra- e interlinear)*: uniformizar segundo o sistema atual, baseado no vocábulo morfológico. Marcar elisões com apóstrofo; e mesóclises e ênclises, com hífen.
- i) *Paragrafação*: estabelecer segundo o sentido do texto.
- j) *Inserções conjecturais*: inserir elementos por força do contexto e por desgaste do suporte, informando ambos os casos em notas.

¹⁷ A reprodução do documento não consta aqui, por já precederem a edição semidiplomática.

k) *Mudança de fólho e face*: será informado juntamente à primeira palavra do fólho em questão. Ex.: “que só por tradição se possa saber o lugar || f. 3v. || em que foram situadas as vilas e Aldeias que hoje existem, como passo a mostrar”.

l) *Qualquer outra particularidade*: informar em nota sempre que pertinente ao texto.

m) *Vocábulos repetidos e reclames no documento modelo*: suprimir na edição.

n) *Antropônimos*: não serão uniformizados de acordo com a grafia atual, em virtude de existirem diferentes grafias para o mesmo nome. Desse modo, optou-se por mantê-los como no original.

3.2.2 Edição Interpretativa da *Notícia da Viagem*

|| f. 1r. || Notícia da viagem e jornadas que fez o Capitão Domingos Alvez Branco Muniz Barreto entre os índios sublevados nas vilas e aldeias das Comarcas dos Ilhéus e Norte, na Capitania da Bahia.

|| f. 2r. || A riqueza que oferecem as conquistas pela variedade das suas produções não se podem aproveitar sem que, primeiro, se tente a melhor civilização dos índios, que estão aldeados naquele vasto continente, e acostumá-los a cultivar para, depois, passar a amansar aos que se acham embrenhados e seguindo os erros do paganismo.

Deste modo, poucas terras ficariam no Brasil por cultivar e, até passados vinte anos, viria a diminuir o preço dos escravos vindos de África e Guiné, e de todo se desanimaria o violento comércio que se faz contra as leis da natureza, capiado com o título de redenção. Isto tem já sido demonstrado por muitos sábios, mas que aproveita-se a irresolução e timidez contínua!

|| f. 2v. || Eu já indiquei no Plano que ofereci ao Príncipe, Nosso Senhor, no ano de 1788, e que de novo aos pés do Trono lhe torno a entregar segunda cópia com mais prudentes reflexões, o modo de se pôr em prática com brandura este necessário benefício, para desterrar a opressão em que vivem milhares de desgraçados homens, que todos se podem empregar em serviço da pública utilidade.

Como, pois, esta inação não provém de ignorância, mas sim de desprezo, seria temeridade querer eu vencer com razões, talvez muito menos apropriadas e vigorosas, aquilo a que forças mais agigantadas do que as minhas têm ficado tributárias. Mas nem por isso se afrouxará o meu zêlo para deixar de escrever com pureza o que observei entre esta infeliz gente nas Comarcas dos Ilhéus e Norte, duas das seis que formam o governo da Capitania da Bahia.

|| f. 3r. || O descontentamento geral em que hoje vivem todos os índios aldeados no Brasil, que são duas partes menos daqueles que no seu descobrimento, se entregaram espontaneamente na vassalagem da Coroa Portuguesa e que, pelas muitas violências, injustiças e cativeiros com eles praticados naqueles mesmos tempos em que se lhes pregava a conversão, tornaram a procurar as brenhas para escapar de desumanos e ferozes senhores e opressores. Diminuiu a muito pequeno número as aldeias e vilas e ainda a população das que existem na Cidade da Bahia, de que particularmente me proponho a falar.

Para que se possa tirar uma certa e infalível consequência que, não se precavendo por uma parte os abusos e vícios opostos à moral santa do evangelho e, por outra, os obstáculos que impedem as comodidades relativas à agricultura e ao comércio dos índios, virá um dado tempo que só por tradição se possa saber o lugar || f. 3v. || em que foram situadas as vilas e aldeias que hoje existem, como passo a mostrar.

Tendo continuado a desordem, não só pelos motivos que ficam ponderados, mas ainda pela inconstância e incerteza que é natural entre esta gente, desertaram muitos índios e ainda famílias inteiras de algumas vilas da Comarca dos Ilhéus, refugiando-se na Ilha de Queipe, que fica fronteira à Barra do Camamu, sem que, porém, levantassem povoação alguma à borda do mar, mas sim palhoças concentradas pelo espesso e frondoso mato que se vê naquela ilha, saindo deste couto¹⁸ em tempos mais serenos a fazer muitos insultos e furtos aos moradores da terra firme, sem quererem, de modo algum, cederem às persuasões dos seus oficiais maiores e respectivos ministros para voltarem às suas aldeias, nem menos poderem ser obrigados por força || f. 4r. || de castigos, porque o mais reconcentrado do mato lhes servia de muito forte abrigo.

As funestas consequências que podiam resultar para o futuro, pelo grande número de índios que se achavam dispersos das suas povoações, esquecidos dos dogmas da religião, vivendo já como brutos à lei da natureza, diferindo bem pouco dos bárbaros gentios, fez tomar em consideração o modo com que este grande mal se podia remediar, para o que se formou, como uma espécie de Junta Particular, em cujas sessões¹⁹ alguns Vogais²⁰ deram razões e arbítrios que não me pareceram prudentes, sendo um deles o de fazer arder o espesso mato daquela ilha, prenhe de imensos índios, para que a voracidade das chamas os fizessem sair do centro dele.

Esta proposição, porém, ficou por mim destruída, por ter a honra de ter sido também unido a este Corpo mostrando, || f. 4v. || como mostrei, que semelhante arbítrio seria muito danoso à navegação, ainda não falando na desesperação em que ficariam os índios, porque consumidas que fossem as altas árvores, que de muito longe se avistam naquela ilha, naufragariam muitas embarcações nos baixos que a circulam e ainda muitos barcos que

¹⁸ Apesar da palavra aparecer como “coito” no documento, optamos por transcrevê-la na edição como “couto”, por ter aceção mais semelhante ao sentido do texto. De acordo com Bluteau (1728), couto seria uma “Povoação, que por estar distante das villas, & cidades, tem suas justiças, & tem suas terras, & lugares anexos, cujos negocios pertencem aos juizes, que nella assistem, & he lugar privilegiado, em que se acolhem devedores, ou malfeytores” (BLUTEAU, 1728, p. 596).

¹⁹ Optou-se por transcrever a palavra com *s*, por fazer mais sentido ao texto que a palavra *cessões*.

²⁰ Para Silva (1789, p. 863), “VOGÁL, s.m. O que tem voto nas Communidades, juntas, &c.”

navegam para a barra do Camamu e outros braços de rios que se comunicam com o mar e que, por não usarem de agulha que lhes mostre os rumos, lhes servem os troncos de balizas.

Aprovadas estas razões e outras muitas que ofereci, mostrando mais que só uma considerada brandura e muito modificado jeito, poderia reduzir aquela gente, quase sublevada há mais de oito anos, se assentou que devia eu ser encarregado desta importante diligência [sem embargo de haverem muitos Oficiais Militares muito hábeis, valorosos e de préstimo || f. 5r. || que serviam, como servem naquela Capitania, capazes para esta e outras iguais e arriscadas empresas] como, com efeito, me foi dada toda a autoridade para pôr em prática quanto eu visse era acertado, tudo por concessão do Excelentíssimo Governador daquela Capitania, que fez expedir as ordens necessárias pelo ilustrado e prudente Ouvidor da respectiva Comarca para o auxílio e obediência que me deviam prestar os encarregados do governo dela, nomeando-se também quatro soldados e um oficial inferior para me acompanharem.

Como o Excelentíssimo Governador e Capitão General tinha aprovado a representação que lhe fiz, de que por modo algum devia respirar o fim de semelhante diligência, nem fazer-se pública, para que os índios se não pusessem em desesperação, timidez e inquietação, divulguei que o meu destino era de fazer algumas observações sobre a história || f. 5v. || natural naquela rica Comarca, para a qual, embarcando no dia 2 de Setembro de 1791, procurei o Presídio do Morro de São Paulo, onde, depois de tomar largas informações do Comandante, o Capitão Dionizio Lourenço Marques, oficial que, pela sua honra e probidade, achei capaz de lhe comunicar o fim a que me dirigia.

Este, pois, é que me deu as primeiras informações do verdadeiro estado em que se achavam os índios e do grande número refugiado na Ilha de Quiepe, o que fez que eu, valendo-me das amplas Portarias e Carta particular de Ofício que me tinha dirigido o Excelentíssimo Governador, pedisse mais quatro soldados deste Presídio que, unidos aos outros que acima ficam referidos, com todos embarquei sem demora a procurar a Vila de Cairú, onde prezisti²¹ alguns dias a fazer espalhar por todas as partes daquela Comarca que eu vinha indagar e procurar na costa do mar produções naturais e examinar as ervas medicinais, || f. 6r. || que entre os índios fossem conhecidas, o que igualmente pus em prática para evitar toda a desconfiança.

²¹ Vocábulo de acepção desconhecida, mas para o qual supõe-se ter o *scriptor* trocado a ordem das letras. O que ficaria então “persisti”.

Depois desta necessária cautela, embarquei para o Porto de Jequié e, deste, marchei por terra em distância de quatro para cinco léguas para a Vila de Santarém dos Índios, da qual logo falarei mais, a propósito.

Desta Vila, descí ao porto do rio chamado “o grande” a embarcar, como embarquei para a Barra de Serenhém, onde, esperando monção oportuna, atravessei para a Ilha de Quiepe, que ainda assim é com grande risco e perigo de vida. [α]

[α]²² Os índios costumam atravessar em todo o tempo, sem maior susto, porque além de serem por natureza insignes nadadores, se valem de uns chamados cabaços, com que se cingem em roda para boiarem sobre a água, no caso de algum naufrágio.

|| f. 6v. || Logo que desembarquei com os soldados, mandei levantar pelos índios remadores que me acompanharam uma palhoça à borda do mar, fazendo crer a todos que o meu fim era unicamente o de examinar as ervas medicinais daquela ilha, como na verdade há, e muitas de grandes préstimos, sem lhes dar outra alguma ideia. Não deixaram os índios, porém, de me advertir que, pelo centro do mato, se achavam muitos casais refugiados, do que fingi um grande espanto e pedi a um deles que me acompanhou por guia que, no caso de encontrar algum em ocasião, que fossem ao mato, que o persuadissem a vir falar-me, pois que o queria presentear e vestir, se necessitasse.

Logo no dia seguinte, me apareceu o índio com dois dos refugiados e com uma índia pequena. Assim que os avistei, com toda a brandura os fui abraçar || f. 7r. || e lhes perguntei se gostavam de viver antes naquela ilha, deixando as suas povoações, sobre o que me deram algumas causas que, em muitas, tinham razão sobeja para a sua justa queixa e outras eram de pura desconfiança.

Levantei nos meus braços por algum tempo a pequena índia que era filha de um deles e, acarinhando-a e beijando-a muitas vezes, a vesti com uma das camisas e saia que, por prevenção, levava, feitas para servirem em diferentes idades, e a enfeitei com brincos de pouco custo, enfaida²³ de missanga, e lhe dei um rosário e estampas de vários santos. E aos índios lhes ofereci dois barretes vermelhos, a que são muito inclinados, e dois canivetes, que me agradeceram muito e se despediram.

No dia sucessivo, estando eu em observação das praias daquela ilha, foram ter ao lugar em que me achava 16 índios e 10 índias, levando-me estas de presente diferentes frutas

²² No documento *Notícia da Viagem*, percebe-se uma anotação na margem inferior do suporte, correspondente ao que conhecemos atualmente como nota de rodapé ou nota ao pé de página. Deste modo, optamos por transcrever a anotação da maneira como esta se apresenta no modelo.

²³ Vocábulo de acepção desconhecida, mas para o qual supõe-se ter o *scriptor* trocado a ordem das vogais. O que ficaria então “enfiada”.

silvestres e um dos índios dois famosos peixes da pescaria que || f. 7v. || tinham feito em a noite antecedente. Eu lhe agradei muito as ofertas e os abracei, conduzindo a todos para o lugar em que tinha mandado levantar a minha palhoça e nela entrei a enfeitar as índias, oferecendo a todas, segundo escolhiam, missangas, contas, fitas, frocos²⁴ etc. e, ao índio que me brindou com os peixes, um barrete vermelho e, aos mais, navalhas e estampas.

Fazendo-me desentendido inteiramente, não só dos crimes que tinham cometido em desamparar, sem ordem superior, as suas aldeias, mas do número dos casais, lhes perguntei se ainda haviam mais índios além deles embrenhados naquela ilha e, respondendo-me que sim, me convidei logo para ir ter ao lugar em que se achavam abarracados, o que pus em prática com bastante detrimento, por estarem abarracados mais longe do que eu pensava e não poder valer-me de modo algum || f. 8r. || de cavalgadura, ainda que a houvesse.

Assim que eu e os soldados que me acompanharam nos fomos avizinhandos ao lugar, começaram os índios, que nos serviam de guia, a bradar ao seu modo festivo com vivas e outras cerimônias de que usam, o que fez persuadir ao resto dos rebeldes que ainda me não tinham aparecido, que eu ia de paz. Todos me receberam com alegria e me conduziram para uma grande palhoça, onde me ofereceram para comer certos cereais, que aceitei, porque a fome me obrigou a gostar deste manjar.

Entre em conversação com eles tratando de ervas medicinais e, depois, com muita brandura, comecei a persuadi-los que se retirassem daquele quase deserto e que procurassem os povoados, e que não temessem castigos, porque eu os apadrinharia. Achei muita resistência nos índios da Aldeia de Jequiriçá, que se queixavam || f. 8v. || de algumas tiranias com eles praticadas, porém tais razões lhes dei e tantas foram as seguranças que, em nome de Sua Magestade lhes prometi, que vieram todos em procurar as suas aldeias.

Achei grandes roçados no interior daqueles matos que plantavam de legumes e cereais para seu sustento e lhes recomendei que não continuassem a derrubar paus, por servirem estes de baliza aos navegantes. Depois retirei-me, repartindo com todos algumas coisas de pequeno

²⁴ Consultando dicionários históricos de diferentes séculos, foram encontradas as seguintes acepções:

FROCO, s. m. cordão coberto de felpa de seda fina desfiada. § f. *Frocos de neve*, a que fica pendurada; ou antes a que cai ramificada sobre as arvores, e lhes faz como huma felpa de froco (BLUTEAU, 1789, p. 638).

Flocco s. m. Melhor que Floco e Froco. Cordãozinho de seda com felpa muito curta, e solta. Bocadinhos de seda crua, ou de lã fina para fiar, que se fazem redondos, e fofos. *Flocos de neve* se diz da que fica pendurada das arvores etc. como em fios. (PINTO, 1832)

froco m. Flocco de neve. Felpa de lan ou seda, cortada em bocadinhos, ou torcida em cordão, para ornatos de vestuário. Conjunto de filamentos subtis, que esvoaçam ao simples impulso da aragem. Felpa. Tufo de pelos, na cauda de alguns animais. Vaporização. Farfalha ou partícula de neve, que cái lentamente, esvoaçando como felpa branca. (Cp. *floco*) (Lat. *floccus*) (CANDIDO DE FIGUEIREDO, 1913, p. 920)

custo para os entreter, e lhes prometi que, quando voltassem às suas vilas e aldeias, nelas eu distribuiria por todas coisas de maior valor.

Como esta gente é bastante inconstante por gênio e má educação que se lhe tem dado, mandei logo aviso ao Capitão-Mor e Ouvidor Interino daquela Comarca, para aprontar canoas que os transportassem antes que se arrependessem, de modo que em dois dias conseguiria || f. 9r. || eu o voltarem às vilas e aldeias 113 casais e 7 índios solteiros, que tantos eram os que estavam ali sublevados, se os oriundos de Jequiriçá não tornassem a suscitar uma espécie de nova rebelião, pondo-me de má fé entre os mais índios, o que me pôs a perigo de perder a vida, se com novas estratagemas eu os não segurara do perdão e de uma nova reforma para o seu melhoramento e interesses, com o que então se embarcaram, a saber: 35 casais e 4 índios da Vila de Santarém; 22 casais e 3 índios da Aldeia de São Fidélis; 56 casais da Aldeia de Jequiriçá.

Dando a Deus as graças por ter conseguido em tão breve tempo o reduzir homens quase sublevados sem fazer sangue, mandei queimar todas as palhoças que tinham deixado e, embarcando-me depois disso para a Barra de Serenhêm, desta fui seguindo viagem por mar e rios e jornadas de terra, para as vilas e aldeias || f. 9v. || que acima ficam referidas. Em todas fui recebido não só pelos novos hóspedes, mas pelos índios que sempre nelas existiram com muitas festas, a que também os convidava a ambição das ofertas que esperavam e de que os outros lhes tinham dado notícias; e do que em cada uma passei e observei, irei dando a mais exata e fiel narração.

Pelo que pertence à Vila de Santarém, que contém o Mapa Número 1º.

Chegando, como já disse, a esta vila, procurei o modo de comunicar particularmente a cada uma família, a título de visita, nas suas próprias choupanas, o que igualmente pratiquei em todas as outras aldeias, sempre indagando sobre ervas medicinais, que creram todos geralmente ser o motivo que me tinha levado àquela Comarca, como de fato fiz memória de muitas, que também estampeei.

|| f. 10r. || Esta vila fica situada, como se mostra no Mapa, em lugar eminente, ameno e aprazível. A sua população é de até 300 índios, em que entram muitas famílias de espécie degenerada com brancos portugueses. São muito robustos para o trabalho áspero do campo e insignes conhecedores de madeiras de construção, e peritos trabalhadores dos Reais Cortes, e abridores de novas estradas para a condução dos paus à borda d'água e lugar do embarque, e que fazem navegar muitos, pondo-se a cavalo sobre eles por caudalosos rios e perigosos saltos d'água, para evitar rodeios impraticáveis e, às vezes, maior despesa à Real Fazenda.

Agricultam arroz, deixando no esquecimento o algodão que colhem pouco por falta de maior sementeira quando, aliás, segundo a observação que fiz, achei a maior parte dos pés ali nascidos, muito bem reproduzidos e os seus casulos cobertos de alva e fina felpa. São, de igual modo, insignes ervolários, || f. 10v. || principalmente de (...). Fazem uso de seus antigos arcos para a caça das feras e das aves, com destreza admirável e são de bons costumes.

Desta Vila, tornei segunda vez ao Jequié e, neste Rio, embarquei com os soldados que me acompanhavam para a Povoação de Una, a continuar a minha comissão e procurar os índios da Aldeia de São Fidélis, que se mostra no Mapa Número 2°.

Fica esta Aldeia distante légua e meia da Povoação de Una, que é habitada de portugueses. Está situada em lugar eminente, mas muito desagradável pelos bosques que tem vizinhos da povoação e agrestes saídas. A sua população é de até 120 casais || f. 11r. || de índios, pouco mais ou menos, os quais são dóceis e bem inclinados e, ao mesmo tempo, robustos e os mais necessários para o trabalho do corte das madeiras ali estabelecido, por haverem nas vizinhanças da mesma aldeia as melhores matas de bons paus de construção, assim em qualidade, como em compatibilidade e rizeza, muito principalmente no sitio chamado Orobó, onde residem dispersos da Povoação alguns casais.

São peritos navegadores do caudaloso Rio Mapendipe, pelo qual descem com incrível facilidade sobre monstruosos paus até a boca ou foz da divisão deste rio e do de Una, donde são embarcados para o Porto da Bahia, em embarcações próprias que, ancoradas, esperam ali a sua correspondente carga. Do mesmo modo, são os melhores serradores de madeiras, principalmente de vinhático, de que abundam aquelas matas e insignes fabricantes de grandes embarcações de um só pau, || f. 11v. || a que no Brasil chamam canoas, muito necessárias para a navegação interior dos rios.

Agricultam²⁵ arroz, correspondendo a colheita com grande excesso à sementeira, por serem as terras na baixa das matas, muito próprias para esta plantação. Também são grandes cordoeiros de diferentes estrigas, no que poupam muito à Real Fazenda no serviço das puxadas de grossos e pesados paus. As índias são famosas tecedeiras de panos de algodão, principalmente para as chamadas tipoias, que são as camas ordinárias sustentadas por cordas, de que fazem uso geral quase todos os índios do Brasil.

Desta Aldeia fiz jornada para a Freguesia de Jequiriçá e, desta povoação, procurei a estrada da Aldeia de Nossa Senhora dos Prazeres, que mostra a Planta Número 3°.

²⁵ O verbo *agricultar* está registrado em Bluteau (1789) e em Moraes Silva (1890) como *lavar, cultivar*.

|| f. 12r. || Fica distante esta aldeia duas léguas da referida Povoação de Jequiçá. Está situada em lugar eminente e agradável. A sua população é de até 200 índios, que residem não só no interior dela, mas dispersos em pequenas distâncias pela estrada que vai ter à Povoação. São alguma coisa revoltosos e dados a embriaguez e assassinos, cujos vícios e má índole lhe provêm da falta de educação, por não terem há muito tempo, ou para mais bem dizer, há muitos anos, Diretor que os advirta, nem Pároco que os instrua, por se querer poupar até a cõngrua que, em algum tempo, justamente se pagava a um Vigário, ordenando os encarregados da Administração da Fazenda Real, por uma espécie de temerária e mal entendida economia, que estes índios podiam concorrer nos atos de obrigação cristã à referida Freguesia de Santo Antônio de Jequiçá, sem preverem a impossibilidade || f. 12v. || de acudir de improviso às mortes apressadas e àquela assistência espiritual nas enfermidades últimas, não faltando ainda em serem os caminhos de impraticável acesso em tempo de inverno pelos regatos que tem e grandes pântanos.

Aqui me deram notícia certa de que estes índios tinham secreta comunicação com gentio. Não deixou isto de me causar grande cuidado. Porém, examinando bem a sua origem com a moderação que pediam as circunstâncias últimas, descobri que era com o gentio Mongoió Tupessá, que está refugiado distante desta Povoação 70 léguas, no lugar chamado Tambori, Sertão da Ressaca, Arraial da Conquista, que dizem ser de natureza dócil e aptos para a agricultura e muito particularmente para a criação de gados e que, de algum modo, tem já dado a entender querer cristianizar-se.

|| f. 13r. || Por providência interina, porém, impedi esta comunicação, fazendo estabelecer [na passável infalível de atravessar o rio para prosseguir a jornada por uma trilhada oculta que tinham aberto] um registo e guarda de 4 portugueses que alternam todos os meses, por não ser conveniente ao Serviço de Sua Majestade, no caso de se conseguir a conversão dos Mongoiós, que eles, logo ao princípio de se aldearem, recebam os maus costumes destes índios. Facilitei, porém, a comunicação aos da Aldeia de São Fidelis, por serem de bons costumes e grandes religiosos.

Ao mesmo tempo que procurava fazer estas observações (...) ia também com sagacidade comunicando com cada uma família, nas suas mesmas palhoças, a título de visita, sempre indagando sobre ervas medicinais, que creram ser o motivo que me tinha levado àquela Comarca, e de mistura os fui reduzindo || f. 13v. || com palavras, agasalhos e presentes à paz, concórdia e obediência, repartindo à custa da minha fazenda por todos os índios e índias, assim pequenos como adultos: missangas, contas, brincos, verônicas, estampas de vários santos, pentes, navalhas, fitas de várias cores e frocos, e vestindo aos necessitados. E

pelas índias que sabiam cozer: linhas, dedais, agulhas, tesouras. E pelos agricultores: enxadas, machados e outros instrumentos para o trabalho da sua cultura. E pelos índios que versavam as escolas: livros espirituais e de instrução. Fazendo mais à minha custa festividades, convocados para assistirem os mesmos índios e fazendo celebrar missas pelas preciosas vidas de Sua Majestade e Sereníssimos Príncipes, para assim se radicarem todos com os sagrados vínculos da religião, no amor e obediência aos Soberanos, convocando também um Sacerdote para ir officiar na Aldeia dos Indios de Nossa Senhora dos Prazeres || f. 14r. || e administrar-lhes o pasto espiritual, por se acharem, como dito fica, sem Pároco e repetindo também em alta voz no fim das mesmas festividades, em ajuntamento geral de todos os índios, orações, cujos discursos os fizessem perseverar nas suas vilas e aldeias e arrepende dos delitos cometidos no tempo da sua deserção.

Pela boa resulta que tive desta custosa e perigosa diligência, fui, segunda vez encarregado no ano de 1792 por Portaria do Governador e Capitão General de outra diligência também importante e arriscada, a respeito de algumas Vilas da Jurisdição da Comarca do Norte, com o destino de fazer recolher às povoações todos os índios dispersos e fugitivos e fazer reparar as casas danificadas e levantar de seu pé 13 moradas que tinham sido incendiadas havia muito tempo, e que os índios não cuidavam em as construir, para || f. 14v. || cujo fim pondo-me (...) marcha, cheguei à Vila Nova de Abrantes, que mostra o Mapa Número 4º.

Fica esta distante da Cidade da Bahia 8 léguas. É uma das mais bem situadas em que me achei, amena e muito aprazível, até pelos excelentes e agradáveis passeios que tem para fora da Povoação. O número dos seus habitantes era muito diminuto e não chegava a 100 índios, não só pela diversão que tem feito para as Aldeias e Missão da Natuba, sertão muito distante, mas particularmente para as vizinhanças da Aldeia de Massarandupió.

Os índios que achei nesta vila é gente muito dada ao trabalho da lavoura, sendo a sua principal força a plantação de mandioca, de que fazem a melhor farinha para seu sustento e o muito que || f. 15r. || lhes sobra a reputam na cidade. Além disto, plantam algodão, que produz muito e de fina felpa, porém não corresponde o lucro ao trabalho, porque no tempo próprio da colheita lhe cai, quase sempre, um certo orvalho, que apodrece quantidade de casulos. Os índios que não têm lavoura se empregam em uma grande olaria ali estabelecida de telha e tijolo, que eu achei em alguma deterioração e promovi do modo possível o seu adiantamento, fazendo de novo salariar dois homens, que mandei convidar das Olarias da Vila de Jaguaripe, para os ensinar também a fabricar louças para o uso ordinário das cozinhas. Observei também

a docilidade e boa inclinação dos índios enquanto pequenos e a sua aptidão para os primeiros estudos e para as ciências.

Fiz recolher a esta Povoação, ainda que com insano trabalho, 22 casais e 9 índios solteiros que se achavam dispersos, a saber: 8 casais e 6 índios que estavam em casa || f. 15v. || de diversos parentes na Aldeia de Massarandupió, e 14 casais e 3 índios que os achei em diferentes partes nas terras, desde o Rio de Jacuípe até os Campos do Bibó.

Finalizada a diligência desta Vila, continuei a minha jornada para a Aldeia de Massarandupió, que se mostra no Mapa Número 5.

Fica distante da Cidade da Bahia 36 léguas. É uma das maiores donde me achei e situada em lugar aprazível. O número dos seus habitantes é de 400 índios, pouco mais ou menos, muitos deles de espécie degenerada com pretos, por serem as índias nacionais muito inclinadas aos desta cor. Moram muitas famílias juntas em uma só casa. São muito dóceis || f. 16r. || e de bons costumes por natureza, mas sem educação. Porque sendo o diretor desta aldeia um religioso Mariano que também serve de pároco e missionário, contra o disposto no Diretório dos Índios e reprovado por Direito Canônico, que impede semelhante jurisdição aos Mendicantes, muito mais escandaloso se faz isto, pela falta de obrigação que observei no que atualmente ali reside, porque, estando sempre pronto e com mão alçada para fazer aos índios rigorosos castigos e tirar todo o fruto proveito e partido das suas sementeiras, só o não está para ensinar a ler e escrever aos pequenos, o que não sucede em outras muitas missões encarregadas a diferentes religiosos, que mais bem se empregam nesta mal entendida comissão.

Nos meses que nesta aldeia me demorei, animei do modo possível maior plantação de algodão e, do mesmo modo, a extração || f. 16v. || do Ticúm, ensinando aos índios de melhor forma a separar a estriga e a macerá-la, porque do modo geralmente seguido por eles perdiam muita parte, que hoje aproveitam em maior utilidade sua, que pode vir a ser um grande artigo de comércio, quando se dem²⁶ as providências para a comodidade dos transportes, pela grande abundância que há destas palmeiras nos matos vizinhos da aldeia, principalmente nos que confinam com os Campos do Bibó, muito férteis para todas as sementeiras e igualmente capazes de estabelecer grandes fazendas de gado vacum e cavalari.

Fiz de novo levantar 13 moradas de casas, que haviam mais de 4 anos tinham sido por descuido incendiadas, que são as que se mostram no Mapa desde a Litografia²⁷ =D= até a Litografia =R=.

²⁶ Vocábulo de leitura duvidosa. Supõe-se “se deem”.

²⁷ Abreviatura verificada em Flexor (2008, p. 247). Para saber mais, consultar:

Obriguei, com brandura e sem ser necessário usar || f. 17r. || de rigor algum, ainda que com insano trabalho pelas distâncias em que se achavam e ser necessário atravessar muitos rios caudalosos e perigosos, e vadiar matos povoados de feras tragadoras e animais venenosos, a recolherem-se aos seus antigos domicílios a 36 casais e 15 índios solteiros que se achavam dispersos, a saber: 12 casais e 6 índios nas praias da Costa do Mar, chamadas do Jaguá; 8 casais e 2 índios nos Poções; 6 casais e 4 índios no Arembepe²⁸; 4 casais e 2 índios nas margens do Rio Capivara; 5 casais e 1 índio no Taipú; e 1 índio no Imbassai.

Depois que consegui restituir os índios tanto à Vila acima referida, como e a esta Aldeia, para os firmar mais na precisa subordinação, passei a usar com eles o mesmo que tinha praticado nas vilas e aldeias da Comarca do Sul, fazendo repartir, geralmente, por todos muitos presentes || f. 17v. || e vestimentas para os mais pobres e ferramentas para o trabalho da lavoura, tudo à custa de minha fazenda e, do mesmo modo, novas festividades e missas pelas preciosas vidas de Suas Majestade e Altezas, para que, assim radicados com os sagrados vínculos da religião, que é o leme essencial que segura a obediência dos povos, perseverassem nas suas aldeias com respeito e sujeição aos seus superiores. Diligências estas que, me parece, foram muito importantes, não só ao Real Serviço de Sua Majestade, mas à tranquilidade e segurança do bem público daquele Estado.

Número 3.

Todo o contexto desta narração se prova com autênticos documentos, que se acham afetos a Sua Majestade pela Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra e Conselho Ultramarino.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas*. Manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 3 ed. ver. aum. (Publicações Técnicas; n. 53). 600p. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

²⁸ Transcrito de Arambebe.

4 BREVE PANORAMA DA SITUAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NA BAHIA DO SÉCULO XVIII

Conhecer o documento *Notícia da Viagem* e as narrativas apresentadas nele são relevantes não somente para os estudos no âmbito acadêmico, mas, sobretudo, para entender uma parte da história de populações que tiveram suas vozes silenciadas, sua cultura e história apagadas. Embora o documento editado não tenha sido escrito por sujeitos indígenas, mas atribuído a um Capitão submisso à Coroa, não podemos desprezar informações que estão presentes neste registro histórico relativo às populações indígenas.

A ausência de narrativas realizadas por estes povos revela a cultura de apagamento de sua história e reforça o silenciamento de suas vozes. Deste modo, não de forma contente, mas de forma necessária, torna-se preciso recorrer aos documentos escritos pelos colonizadores para termos acesso a informações relativas aos indígenas, visto que, conforme assevera Apolinário (2011, p. 2), “as variadas fontes históricas, mesmo que originárias dos interesses dos colonizadores, tratavam e tratam de vozes dissonantes de importantes e reais sujeitos da história da América Portuguesa que são os homens e mulheres indígenas”.

O silenciamento e a ausência, portanto, configuram-se também bastante elucidativos. Nesse sentido, colocar em foco os estudos que privilegiam sujeitos marginalizados pela historiografia tradicional, é não somente necessário como também algo a cada dia mais perceptível, graças às diferentes perspectivas que contemplam os interesses de pesquisadores. Nessa conjuntura, a temática indígena conquista lugar em novas pesquisas que repensam a historicidade desses povos a partir de seus próprios elementos (NASCIMENTO, 2017).

Posto isso e levando em consideração que mais de dois séculos já se passaram desde redigido o manuscrito que foi editado, faz-se necessário analisar o contexto em que estava inserido o território hoje brasileiro, sobretudo as regiões que foram palco destes acontecimentos, a fim de promover outras possibilidades de leituras e de perspectivas. Para isso, convêm os olhos indagadores de filóloga, afinal, os sujeitos aqui envolvidos têm histórias que vão além do que é contado sobre eles, pois construíram e ressignificaram as suas práticas culturais segundo as distintas etnicidades e situações que lhes foram impostas pela política indigenista (APOLINÁRIO, 2011).

4.1 O DIRETÓRIO POMBALINO E OS ALDEAMENTOS INDÍGENAS

Em meados do século XVIII foi publicada uma lei caracterizada por diretrizes que deveriam ser seguidas nas colônias de Portugal. O *Diretório que se deve observar nas Povoações dos Índios do Pará e Maranhão enquanto Sua Majestade não mandar o contrário*, publicado em 1758, objetivava, entre outras coisas, normatizar práticas coloniais e administrar a força de trabalho, além de regular a liberdade dos povos indígenas, ao passo em que institucionalizava o trabalho forçado dessas populações na produção de gêneros voltados ao comércio (FERNANDES, 2017).

Conhecida como Diretório dos Índios, a lei também visava à integração e assimilação dos povos indígenas à sociedade colonial. Para isso, mudanças na política referente à mão de obra indígena, criação de uma companhia de comércio e obrigatoriedade do uso da língua portuguesa foram algumas das medidas adotadas para a implantação do Diretório (FERNANDES, 2017). Conforme já mencionado, as viagens do Capitão ocorreram entre os povos que estavam sublevados. Mas por que sublevados? Quem eram esses povos? Quem era o Capitão e por que ele pretendia noticiar a situação dos indígenas? É importante conhecer um pouco mais acerca da influência que o Diretório Pombalino teve nos modos de viver daquelas populações.

O Diretório dos Índios foi criado em 1757, por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, à época, Governador e Capitão General do Estado do Grão-Pará e Maranhão. Era composto por noventa e cinco parágrafos e apresentava regras de convivência entre as populações indígenas e os brancos. Assim, as medidas estabelecidas eram importantes para o Marquês de Pombal, visto que levaria os nativos a aprenderem os costumes dos núcleos urbanos (CANCELA, 2007; SANTOS, 2016).

A partir de 1758, o Diretório se estendeu ao Estado do Brasil, consoante a determinação do Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo. O parágrafo terceiro do Diretório, entre diversas questões abordadas, apontava a necessidade de

cristianizar e civilizar os índios, para que, retirados do estado de barbaridade e rusticidade a que se achavam reduzidos em pleno século XVIII, como se ainda vivessem nos incultos sertões, a despeito de mais de dois séculos do início da colonização portuguesa, pudessem ser úteis a si mesmos, aos moradores e ao Estado (SOUZA; LOBO, 2016, p. 47).

O Diretório permaneceu até 12 de maio de 1798, quando foi então revogado por meio de Carta Régia. Não obstante as notícias do Capitão não apresentarem menção extensa e detalhada a Pombal ou ao Diretório, suas narrativas dialogam com a afirmação supracitada de

Souza e Lobo (2016), ao reclamar à Coroa Portuguesa que os indígenas habitantes daquelas localidades “sepodem empregar em serviço dapu- | blica utilidade” (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2v., L 34-35), considerando que o intuito de Pombal era integrar os indígenas à civilidade, inicialmente apaziguando-os para, em seguida, usá-los, também, na defesa do território (SANTOS, 2016).

Souza e Lobo (2016) afirmam que o Diretório Pombalino estabeleceu um conjunto de ações que deveriam ser executadas com ‘prudência’, ‘suavidade’ e ‘brandura’, para tornar aqueles povos seres civilizados. A mesma suposta e mal intencionada brandura no tratamento aos indígenas pode ser verificada nas narrativas do Capitão Muniz Barreto:

En- | trei em conversação com elles tractando de ervas me- | dicinaes, edepois com muita brandura comecei aper | suadilos, *que* se retirassem daquele quazi dezerto, *eque* | procurassem os povoados, *eque* não temessem castigos, por- | *que* eu os apadrinharia (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 8r., L 221-226).

Entre as diversas ações descritas, destacam-se ainda as que objetivavam torná-los cristãos e falantes da língua portuguesa, além de fazê-los fabricar as suas casas não mais da maneira como as faziam, com sua própria identidade, mas imitando as casas dos brancos, de modo que as famílias vivessem separadas. Ademais, objetivava-se fazê-los abandonar o vício da ebriedade (SOUZA; LOBO, 2016), o que é exposto também no documento como uma das considerações do Capitão Muniz Barreto a respeito dos indígenas: “Saõ alguã coiza revoltozos, | edados aembriaguez” (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 12r., L 350-351).

Além das ações civilizatórias, outras questões abordadas são as relativas ao cultivo da terra pelas populações indígenas e ao comércio dos produtos das suas plantações, visto que se tratava de uma medida tomada a fim de que saíssem da pobreza e da ociosidade, justificando-se que aqueles que mais rendessem no trabalho seriam retribuídos com a preferência nas honras e com privilégios concedidos pelo rei. Informação essa que também é possível verificar no manuscrito editado em: “se tente a melhor civilizaçã dos Indios, que | estão aldêados naquelle vasto Continente, ecostu- | ma-los a agricultural, *para* depois passar a amansar aos- | *que* se achaõ embrenhados, eseguindo os erros do paganismo.” (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2r., L. 15-18)

Cancela (2007, p. 45) destaca algumas das medidas mais importantes do Diretório, que seriam, para ele: “a extensão da vassalagem aos índios; a substituição dos missionários por párocos; [...] e a introdução do governador como mediador na distribuição da mão-de-obra indígena”. Este seria instituído na figura do Diretor de Índios para o cumprimento das ordens

descritas, deveria ser nomeado pelo Governador e Capitão Geral do Estado e deveria ficar responsável pela tutela dos aldeamentos indígenas, que aconteceriam em novos espaços, visto que o Diretório exigia a transformação das antigas aldeias indígenas em vilas (CANCELA, 2007).

O Diretor das povoações e vilas indígenas se constituía como “civilizador dos índios”, porém o Tribunal do Conselho Ultramarino²⁹ descartou a nomeação de diretores e sugeriu que os escrivães nomeados ocupassem provisoriamente a direção das povoações nas quais residiam. Dessa forma, os escrivães deveriam ensinar os meninos a ler e escrever e zelar pelo cumprimento de grande parte das ações dispostas no Diretório (SANTOS, 2016), no entanto, em algumas aldeias e vilas não havia nem um nem outro, segundo o Capitão Muniz Barreto:

cujos vicios, emá índole | lhe provem da falta de educação, por não terem há *muito* | tempo, ou *para* mais bem dizer há muitos annos Dire- | ctor, *que* os advirta, nem Parocho que os instrua (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 12r., L 351-354).

É necessário ressaltar, entretanto, que essa política de assimilação e integração dos povos indígenas à sociedade, através do ideal de civilidade pretendida, não foi completamente concretizada e nem tinha boas intenções, acarretando, sobretudo, o apagamento da história, da cultura, das línguas, dos modos de viver e da própria existência de numerosos povos indígenas.

Apesar de terem sofrido diversas reformas a partir da publicação do Diretório Pombalino, o sistema de aldeamentos surge muito antes, ainda no século XVI, com o intuito de propiciar um maior controle sobre as populações indígenas, sobre suas práticas culturais e romper com tudo que fosse considerado pelos missionários como contrário ao cristianismo (SANTOS, 2007). Inicialmente, os aldeamentos eram administrados pelos jesuítas, porém “na Bahia, capuchinhos, franciscanos e carmelitas da observância e reformados, além do próprio clero secular, administraram aldeias” (SANTOS, 2016, p. 37).

De acordo com Fabrício Lyrio Santos (2007), uma das razões para o estabelecimento do Diretório se deveu também ao fato de que

A partir de 1751 tem início, na região norte da América portuguesa, uma nova política no tocante aos aldeamentos indígenas, os quais eram vistos como verdadeiras “empresas” cuja prosperidade provocava nos colonos uma oposição ferrenha às ordens religiosas e à catequese. O objetivo era conter o “excessivo

²⁹ Sobre o funcionamento do Conselho Ultramarino, conferir: LOUREIRO, M. J. G. “Como poderemos restaurar depois de perdido, senão fazendo Justiça?” O Conselho Ultramarino e o diálogo com as conquistas em tempos de incerteza (1640-1656). *Locus: Revista de História*, [S. l.], v. 24, n. 1, 2021. DOI: 10.34019/2594-8296.2018.v24.20869. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20869>. Acesso em: 11 out. 2021.

domínio” que os religiosos supostamente possuíam sobre as terras e as populações indígenas. Em 1755 foram promulgadas duas Leis concedendo plena liberdade aos índios e tirando das mãos dos missionários a autoridade civil e religiosa sobre os aldeamentos, a qual lhes havia sido outorgada, depois de idas e vindas, pelo Regimento das Missões de 1686. As aldeias indígenas seriam transformadas em vilas ou povoados, não mais sendo administradas pelas ordens religiosas. A estas, restaria o trabalho de enfrentar os sertões bravios em busca de povos nativos na tentativa de conduzi-los pacificamente para junto das povoações coloniais a fim de serem convertidos e doutrinados. A publicação destas Leis se deu em 1757, ano em que foi também redigido o Diretório das Povoações dos Índios do Pará e Maranhão, propugnando uma série de medidas destinadas a melhor preparar os índios para assumirem o governo civil de suas aldeias (SANTOS, 2007, p. 114-115).

Portanto, era objetivo de Pombal tentar tornar os indígenas em aliados, contudo, caso não aceitassem as investidas dos colonizadores e houvesse resistência, seriam considerados rebeldes e inimigos, o que resultaria na “legitimação” do extermínio ou do domínio, haja vista que a regulação da liberdade dos indígenas agora se tratava de uma tentativa de diminuir o papel da Igreja e das ordens religiosas para que se pudesse então equiparar os indígenas aos demais vassallos do reino (SANTOS, 2016).

Imagem 35: Planta da Vila de Abrantes



Fonte: BNRJ_Manuscritos – CF-50,01,29³⁰

³⁰ A planta pertence à BNRJ e está disponibilizada juntamente com a *Notícia da Viagem* em escala de cinza no site da BND. Esta cópia colorida foi retirada da tese de doutorado de SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. Sobre o

Conforme já mencionado, o Capitão Muniz Barreto se refere a essas populações como “índios sublevados”, visto que, à época, estarem fora de seus aldeamentos configurava-se sublevar-se, como é possível verificar no trecho “Fazendo-me desentendido inteiramente, | não só dos Crimes, que tinhaõ coñettido em desampa- | rar, sem ordem superior, as suas Aldêas” (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 7v., L. 202-204). Deste modo, ressalta-se a importância de se conhecer um pouco mais a respeito dos aldeamentos citados pelo Capitão Muniz Barreto no manuscrito *Notícia da Viagem*.

De acordo com Rego (2016, p. 82-83; 100), a aldeia de Espírito Santo de Abrantes – atualmente distrito de Camaçari – foi fundada em 1558 e era composta por indígenas tupinambás. A aldeia de Santo Antônio, antes vinculada à vila de Jaguaripe, passou a compor a jurisdição de Nazaré e hoje se situa dentro dos limites do município de Aratuípe. A Aldeia de Serinhaém, no atual município de Ituberá, ficava situada às margens do rio *Serinhaém* e sob a jurisdição do atual município de Camamu. Em cumprimento ao Diretório Pombalino, em 1758, “o Ouvidor Luís Freire de Veras elevou a aldeia de Serinhaém [...] à condição de vila, doando aos seus habitantes uma légua de terra em quadra” (NOBRE, 2011, p. 116).

No que tange à aldeia de São Fidélis, atualmente distrito do município de Valença, foi um aldeamento fundado pelo frei Anselmo de Andorno em 1745 e era composta por indígenas de matriz tupinambá e aimorés (REGO, 2016). São Fidélis foi governada pelos capuchinhos até 1761, seguindo, posteriormente, sob administração secular. Rego (2016) ressalta que os indígenas de São Fidélis exerciam a função de canoeiros para transportar cargas, sobretudo de madeiras, ao longo do curso do rio Una, na direção do porto de Valença, o que pode ser verificado nas palavras do Capitão Muniz Barreto:

bem inclinados, eao mesmo tempo robustos, eos mais neces- | sarios para o trabalho do corte das madeiras alli es- | tabelecido, por haverem nas vizinhanças damesma | Aldêa, as melhores mátas debons páos de constru- | ção, assim em qualidade, como em compatibilidade, | e rigêza, muito principalmente no sitio chamado Oro- | bó, onde rezidem dispersos daPovoação alguns Cazaes. | Saõ peritos navegadores do caudalozo Rio Mapen- | dipe, pelo qual descem com incrível facilidade, sobre | monstrozos páos, até abocca, oufós da divizaõ deste | Rio, e do de Una, donde saõ embarcados para oPorto da- | Bahia em embarçaõens proprias, que ancoradas esperaõ | alli asua correspondente carga (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 11r., L. 312-324).

Massarandupió, também povoada de tupinambás, foi adquirida tardiamente pelos franciscanos, administrada pelos carmelitas descalços e, posteriormente, pelos padres marianos até 1831 (REGO, 2016). Outra aldeia citada nos registros do Capitão Muniz Barreto

é a de Nossa Senhora dos Prazeres, vinculada à vila de Jequiiricá. Rego (2016) informa que, nos documentos consultados por ele, não há menção ao grupo indígena componente de Prazeres, mas afirma que a aldeia estava situada em área de incidência do grupo tupinambá.

Quanto à Vila de Cairu, cuja fundação é datada de 1565, Nobre (2011) pontua:

foi fundada estrategicamente em uma ilha, entre o Morro de São Paulo e o continente, para que a sua população pudesse se proteger dos ataques *tapuias* que a assolavam quando estava em terra firme, pois o mar se constituía em um obstáculo natural à invasão da ilha pelos *tapuias*. [...] Medindo de 2 a 3 léguas de circunferência, a ilha onde foi fundada a Vila de Cairu é uma das mais setentrionais da Comarca de Ilhéus (NOBRE, 2011, p. 114-115).

Outro local mencionado pelo Capitão Muniz Barreto na *Notícia da Viagem* é a Ilha de Quiepe, que ficava situada ao norte da enseada da Barra Grande de Camamu e que foi palco de uma sublevação do povo tupinambá, ocorrida na segunda metade do século XVIII (NOBRE, 2011), como veremos a seguir.

4.2 OS “ÍNDIOS SUBLEVADOS” E O CAPITÃO MUNIZ BARRETO

Entre as narrativas do Capitão Barreto, menciona-se a sua ida à Ilha de Quiepe, pois encontravam-se lá diversos “índios sublevados” que precisavam ser persuadidos para que voltassem às suas aldeias, como é possível verificar no documento editado *Notícia da Viagem*:

Tendo continuado adordem, não só pelos | motivos, que ficaõ ponderados, mas ainda pela incons- | tancia, eincerteza *que* hé natural entre esta gente, dizer- | taraõ muitos Indios, eainda familias inteiras de al- | guas Villas daComãrca dos Ilheos, refugiandose na- | Ilha de Quiepe, *que* fica fronteira á barra do Camamú, | sem *que* porem levantassem povoação alguã á borda | do Már, mas sim palhoças concentradas pelo espesso, | efrondozo Matto, *que* sevê naquella Ilha, sahindo des- | te coito em tempos mais serenos afazer muitos insul- | tos, efurtos aos moradores da terra firme, sem quererem | de modo algum cederem ás persuaçoens dos Seus Offici- | aes maiores, erespectivos Ministros *para* voltarem ás Suas | Aldêas (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3v, L. 64-77).

O episódio ocorrido na Comarca de Ilhéus, em 1784, é considerado uma sublevação, visto que os povos indígenas envolvidos não podiam sair das aldeias nas quais estavam confinados, sem que tivessem a autorização dos seus respectivos Diretores ou Capitães-Mores aos quais estavam subordinados (NOBRE, 2011) e, ainda assim, abandonaram os seus aldeamentos e permaneceram na Ilha de Quiepe durante oito anos.

Além de informar sobre a situação dos “índios sublevados” em Quiepe, o Capitão Muniz Barreto

afirma ter pacificado e conduzido novamente às aldeias e vilas muitos índios que se achavam “descontentes e hum grande número dispersos das suas habitações, esquecidos muitos delles dos dogmas da religião, vivendo como brutos, a lei da natureza, differindo bem pouco dos barbaros gentios”. Sua próxima viagem, no âmbito das mesmas questões, ocorre no ano seguinte. A partir do distrito da Comarca da Bahia, passa pela aldeia de Massarandupió e pela Vila de Abrantes. [...] O militar passou pelas aldeias de São Fidelis e Nossa Senhora dos Prazeres, e pela vila de Santarém, com o objetivo de reunir os índios que haviam se distanciado das povoações. Além de distribuir presentes para os índios, promoveu festividades públicas e mandou rezar missas em honra da família real (SANTOS, 2016, p. 52-53).

O Capitão Domingos Alves Branco Muniz Barreto nasceu em 1748, na Bahia e faleceu em 1831, no Rio de Janeiro. Recebeu o nome de seu pai e seguiu a mesma carreira das armas, a qual iniciou com a patente de capitão de infantaria, em 1790 (SANTOS, 2017). Segundo Pereira (2017), o Capitão ingressou na carreira militar em 1773 e, em 1796, foi assumiu o posto de capitão de infantaria da companhia que guarnecia o presídio do Morro de São Paulo (SANTOS, 2017). O Capitão Domingos Barreto, segundo registros, era fiel à Coroa e, ao longo de sua vida, fez viagens a seu serviço, “civilizando e apaziguando” os povos indígenas.

Em 1792, em meio a uma licença de seu posto militar, Muniz Barreto foi encarregado de se dirigir à Ilha de Queipe – situada em frente à Baía do Camamu, território ao sul do recôncavo baiano para dissipar a maior sublevação indígena já registrada nesse território. Cerca de 2000 pessoas, de diferentes localidades, estavam refugiadas nesta localidade quando o militar – disfarçado de naturalista – ali aportou. Acompanhado de alguns indígenas e divulgando seu interesse pela ciência, Muniz Barreto se aproximou das lideranças e em pouco tempo conseguiu convencê-los a retornar ao continente sob sua proteção. (PEREIRA, 2017, n.p).

De acordo com a documentação em análise, o Capitão Muniz Barreto já havia enviado à Coroa observações feitas anteriormente³¹, como pode ser percebido em trecho do verso do segundo fólio do documento editado: “Eu ja indiquei noPlano que offereci aoPrin- | cipe Nosso Senhor no anno de1788, eque denovo aos | péz doThrono lhetorno aentregar segunda Copia com | mais prudentes reflexoens” (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2v, L. 28-31) e conforme se verifica em Santos (2016)

Em suas obras, podemos encontrar escritos voltados para aspectos científicos (agricultura, botânica, mineralogia, conservação das matas, pesca predatória), jurídicos (civil, crime, contencioso, fiscalidade, orfanologia) e militares (textos sobre as fortificações do Brasil). O seu perfil político também foi muito enfatizado

³¹ O documento em questão trata-se, possivelmente, do *Plano Sobre a Civilização dos Índios do Brasil*, manuscrito editado por Bruna Trindade Lima Santos, em sua Dissertação de Mestrado. Para saber mais, consultar:

SANTOS, Bruna Trindade Lima. *Edição do Plano Sobre a Civilização dos Índios do Brasil: contribuições para aspectos sócio-históricos do português no Brasil do século XVIII*. 130 p. Dissertação (Mestrado). – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa, 2016.

pela historiografia, com pesquisas que destacam suas ideias reformistas, principalmente sobre a civilização dos índios, e a sua participação “acidentada” no projeto de independência do Brasil (SANTOS, 2016, p. 51).

Nas notícias de suas passagens por diversas vilas, o Capitão Muniz Barreto relata a situação em que viviam os povos indígenas, expondo algumas reflexões acerca do seu comportamento que, conforme já mencionado, poderia ser pacífico ou rebelde, dados à embriaguez e uma série de outros adjetivos. Assim, o que de fato os indígenas eram, mais uma vez se apagou no tempo. No que concerne ao comportamento de povos marginalizados, retratado por aqueles que costumavam registrar as narrativas, Apolinário (2011, p. 1) ressalta que “em séculos anteriores a questão indígena era um apêndice de uma história político-administrativa da América Portuguesa”, de maneira que os povos “nativos eram repetidamente descritos pela historiografia nacional como ‘gentios’, ‘bárbaros’ e ‘não civilizados’, reproduzindo os pensamentos, linguagens e impressões eurocêntricas monumentalizadas” em diversos documentos no decorrer dos séculos. Deste modo, novos olhares e novas leituras são cada vez mais necessários e pertinentes, ao se voltar para a história das populações indígenas e dos que foram subalternizados ao longo do tempo e, por esse motivo, mais documentos que registrem essa temática, precisam ser editados.

5 ASPECTOS DA ESCRITA DO DOCUMENTO

5.1 ANÁLISE PALEOGRÁFICA

A Paleografia é o estudo das formas de escritas e da evolução dos tipos caligráficos em textos escritos em material perecível, como o papiro, o pergaminho e o papel (SPINA, 1977; AZEVEDO FILHO, 1987). De acordo com Gomes (2018), ela

intermedeia a leitura do documento ou do livro antigo, recorrendo a métodos analíticos que procuram a arqueologia do morfema, procurando disponibilizar ao leitor contemporâneo, ultrapassada a fase heurística, uma lição que é uma reescrita do texto paleográfico. Acresce, ainda, que no verdadeiro rigor da palavra, interessam à Paleografia todas as formas e enunciações da escrita, manuscrita e também não manuscrita, códices, incunábulo e livros antigos, presentes e inscritos no documento e/ou no monumento que demarca o passado histórico (GOMES, 2018, p. 290).


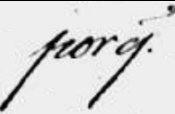
Desse modo, apresenta-se, nesta seção, uma breve análise paleográfica, com o fim de auxiliar a leitura do manuscrito editado. O documento em questão, *Notícia da Viagem*, é uma digitalização com datação posterior a 1792. Possui 17 fólios escritos em recto e verso, exceto o fólio 1, escrito apenas no recto. Contém, ao todo, 544 linhas, com uma média de 15 a 16 linhas por fólio. O manuscrito editado apresenta escrita humanística cursiva, levemente inclinada para a direita e ligaduras entre as palavras. Possui variedade em algumas letras e outras são bastante elegantes, ocorre também a presença de letras capitulares ao longo de todo o documento.

Nas edições da *Notícia de Viagem*, foram identificadas 307 abreviaturas, de classificações diversas e com variação de produção de um mesmo tipo abreviativo. Essas abreviaturas foram desenvolvidas seguindo os critérios utilizados nas edições do documento. Costa (2006, n.p) explica que “abreviatura, do grego *braqui* (curto) e *graphein* (escrever), é uma forma reduzida de se escrever uma palavra. O que se abrevia são sílabas, palavras ou frases de um conjunto escrito, das quais se reduz alguma ou algumas de suas letras.”

As abreviaturas foram classificadas, seguindo a leitura de Flexor (2008) e suas localizações foram indicadas em quadros. De acordo com Flexor (2008, p. 14), as abreviaturas podem tomar por base os “sinais gerais”, que “são aquelas que indicam simplesmente a abreviação de uma palavra sem apontar o elemento que falta”. Considerando-se o aspecto classificatório, as abreviaturas que são apresentadas no documento *Notícia da Viagem* podem se subdividir em:

1. Abreviaturas por suspensão ou apócope - quando falta o final da palavra. Por exemplo: Jub. = jubilado; Mag. = magestade; Igr. = igreja. Exemplos de abreviação por suspensão ou apócope podem ser visualizadas no quadro abaixo:

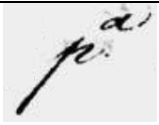
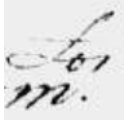
Quadro 1 – Exemplos de abreviaturas por suspensão ou apócope localizadas na *Notícia da Viagem*

Imagem	Forma abreviada	Forma desenvolvida	Ocorrências ³²³³
	q̃.	que	f. 3r, L. 45, 46, 49, 51, 54, 55, 56, 57, 59, 61.
	por q̃.	por que	f. 4r, L. 78.

Fonte: Elaboração da autora


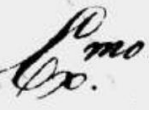
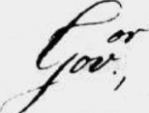
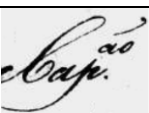

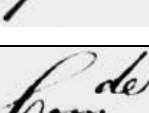
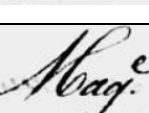
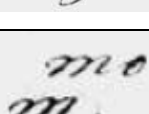
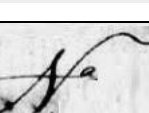
2. Abreviaturas por letras sobrescritas ou sobrepostas – neste tipo de abreviação, é colocada a letra inicial ou prefixo da palavra, e, em suspensão, a última ou as últimas letras da palavra. Por exemplo: Sor = senhor; S'º = santo; Tam = tabelião; Cappam = capitão (FLEXOR, 2008). Exemplos de abreviação por letras sobrescritas ou sobrepostas podem ser visualizadas no quadro a seguir:

Quadro 2 – Exemplos de abreviaturas por letras sobrescritas ou sobrepostas localizadas na *Notícia da Viagem*

Imagem	Forma abreviada	Forma desenvolvida	Ocorrências
	p. ^a	para	f. 3r, L. 52, 56.
	m. ^{tas} .	muitas	f. 4v, L. 104.
	m. ^{tos}	muitos	f. 2r, L. 25.

³² Não estão registradas nos quadros todas as ocorrências encontradas no texto, visto que a inserção deixaria os quadros demasiadamente extensos.

³³ Foram encontradas apenas dois exemplos de abreviatura por suspensão.

	m. ^{to}	muito	f. 4v, L. 110.
	Ex. ^{mo}	Excellentissimo	f. 5r, L. 116, 122.
	Gov. ^{or}	Governador	f. 5r, L. 122.
	Cap. ^{ao}	Capitão	f. 5r, L. 122.
	Cap. ^{nia}	Capitania	f. 5r, L. 112, 116.
	Com. ^{de}	Comandante	f. 5v, L. 131.
	Mag. ^e	Magestade	f. 8v, L. 231.
	m. ^{mo} .	mesmo	f.11r, L. 312, 324.
	N ^o	Numero	f. 9v, L. 290.

Fonte: Elaboração da autora

3. Abreviaturas por contração ou por síncope - quando falta uma ou mais letras no meio do vocábulo. Por exemplo: ADS = a Deus; Frz = Fernandes. Exemplos de abreviação por contração ou síncope podem ser visualizadas no quadro abaixo:

Quadro 3 – Exemplos de abreviaturas por contração ou síncope localizadas na *Notícia da Viagem*

Imagem	Forma abreviada	Forma desenvolvida	Ocorrências
	Alz.	Alvez	f. 1r, L. 4.

Fonte: Elaboração da autora

4. Abreviaturas por sigla simples - quando indicadas apenas por uma letra. Por exemplo: S. = Sua. Exemplos de abreviação por sigla simples podem ser visualizadas no quadro abaixo:

Quadro 4 – Exemplos de abreviaturas por sigla simples localizadas na *Notícia da Viagem*

Imagem	Forma abreviada	Forma desenvolvida	Ocorrências
	S.	Sua	f. 13r, L. 383.
	S.	São	f. 10v, L. 304.
	N.	Nossa	f. 13v, L. 411.

Fonte: Elaboração da autora

É necessário salientar que não foi possível ter acesso ao documento original na íntegra, pois, durante o momento pandêmico pelo qual passamos, a BNRJ esteve funcionando somente de forma remota. Após o retorno das atividades presenciais, a BNRJ foi novamente contatada a respeito da consulta e reprodução do documento original, colorido, mas negou a possibilidade de acesso ao manuscrito ou a uma digitalização colorida dele, afirmando que esse tipo de consulta não é mais permitida ao documento, em virtude de seu estado de conservação. Sendo assim, toda a análise feita aqui se deu por meio da reprodução do manuscrito constante no Acervo Digital da Biblioteca Nacional, não tendo sido possível analisar o tamanho e o tipo de suporte, o tipo da tinta, entre outras informações.

No que diz respeito aos carimbos, o manuscrito editado *Notícia da Viagem*, apresenta 3 diferentes tipos. O primeiro situado acima da linha 01 do fôlio 1r, escrito “BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro”. O segundo tipo de carimbo possui o registro “BIBLIOTHECA NACIONAL SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS RIO DE JANEIRO”. Há também um carimbo

deste mesmo tipo à altura da linha 3, um acima da linha 78, um acima da linha 311 e outro à altura da linha 540. O terceiro tipo é um carimbo “DA REAL BIBLIOTHECA” e encontra-se no primeiro fólio verso (sem mancha escrita), além de ser possível encontrar outro à altura das linhas 541, 542, 543 e 544.

Imagem 36: Carimbo BIBLIOTECA NACIONAL – Rio de Janeiro



Fonte: *Notícia da Viagem* f. 1r.

Imagem 37: Carimbo BIBLIOTHECA NACIONAL SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS RIO DE JANEIRO



Fonte: *Notícia da Viagem*, f. 1r.



Fonte: *Notícia da Viagem*, f. 11r.



Fonte: *Notícia da Viagem*, f. 4r.



Fonte: *Notícia da Viagem*, f. 17v.

Imagem 38: Carimbo DA REAL BIBLIOTHECA



Fonte: *Notícia da Viagem*, f. 1v.



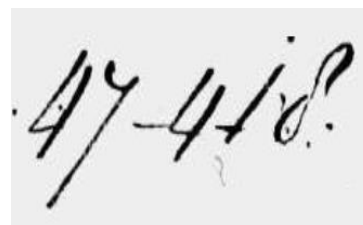
Fonte: *Notícia da Viagem*, f. 17v.

Percebe-se uma anotação não legível e uma intervenção de terceiros abaixo da linha 11, que indica o número de registro do documento na Biblioteca.

Imagem 39: Anotações de mãos não identificadas



Fonte: *Notícia da Viagem*, f. 1r.



Fonte: *Notícia da Viagem*, f. 1r.

Há uma nota marginal abaixo da linha 156, no fólho 6r. O documento, aparentemente, não apresenta manchas ou rasgaduras, mas apresenta pouquíssimas rasuras. A documentação original possui um total de 44 fólhos, sendo 17 fólhos e 05 estampas coloridas, que possivelmente foram feitas à mão. As estampas são, na verdade, mapas ou plantas, de acordo com as palavras do Capitão Muniz Barreto, porém são indicadas como estampas na Biblioteca Nacional Digital (BND).

Ao ser consultado no site da Biblioteca Nacional Digital, o documento disponibilizado para consulta apresenta-se catalogado com 58 páginas. Ao abrir o arquivo, é possível

visualizar que há uma repetição de fólios, mas sem a indicação de quais sejam, há apenas uma capa com a palavra “correção”.

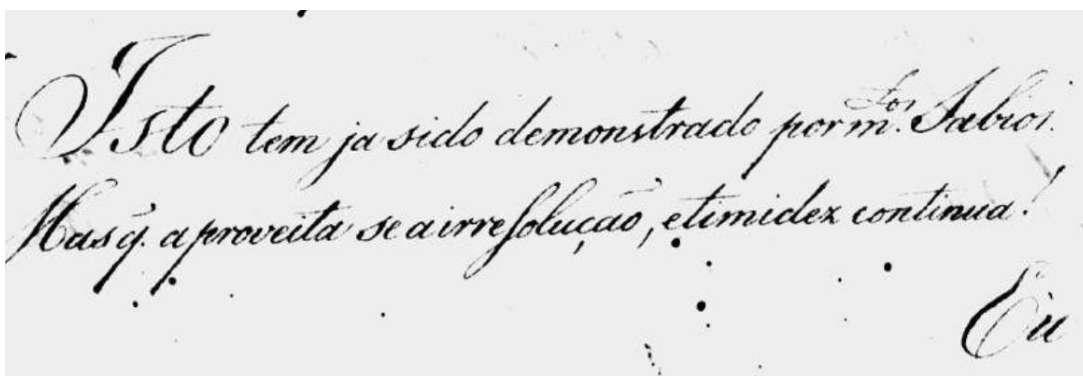
Ademais, percebe-se a ocorrência de reclames nos fólios 2r, 2v, 4r, 4v, 6r, 6v, 7v, 8r, 8v, 9r, 9v, 10r, 11r, 11v, 13r, 13v, 14v, 15r, 15v e 16v. Segundo Dias (2005, p. 6), são chamados reclames “as repetições de palavras que se dão ao final de um fólio e no início do fólio seguinte. Uma das utilidades reconhecidas do reclame é indicar a seqüência dos fólios e adiantar sua leitura”. Conforme já mencionado, o manuscrito editado não apresenta numeração nos fólios. Deste modo, a presença dos reclames foi de fundamental importância para identificar a ordem correta de leitura do texto, dificultada sobretudo pela correção na digitalização. Para Dias (2018),

Estamos tão acostumados a folhear um livro no transcorrer da leitura de um texto, que pouco nos damos conta de sua materialidade. O modo como o livro é construído, a forma como as folhas se unem, a seqüência das páginas, a existência da numeração e a organização em cadernos costurados ou em folhas coladas à lombada, raramente chamam a atenção do leitor comum. No passado, o que hoje chamamos de livro possuía características bastante diversas.

Para organizar o material escrito e garantir que a ordem das páginas fosse correta, os autores colocavam sinais para identificá-las. A função desses sinais era permitir a edição do livro e a facilitação de leitura, numa época em que não existia a impressão como a conhecemos hoje. O reclame era justamente aquela letra ou pedacinho de palavra, ou mesmo uma palavra inteira, que era colocada no fim da página e se repetia no começo da página seguinte. (DIAS, 2018, p. 13)

A seguir, são apresentadas algumas imagens de reclames localizados na *Notícia da Viagem*, com suas respectivas localizações e transcrições:

Imagem 40: Reclame encontrado no f. 2r.



Transcrição:

“Isto tem ja sido demonstrado por muitos Sabios | Mas que aproveita se a irresoluçãõ, etimidez continua! | Eu” (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2r., L. 25-27).

Imagem 41: Reclame encontrado no f. 2v.

o q. observei entre esta infeliz gente nas Commarcas dos Ilheos e Norte, duas das seis q. formão o govêrno da Capitania da Bahia.

O des

Transcrição:

“o que observei entre esta infeliz gente nas Commarcas dos Ilheos, e | Norte, duas das seis que formão o govêrno da Capitania da Bahia. | O des” (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2v, L. 42-44).

Imagem 42: Reclame encontrado no f. 4r.

le. Esta proposição porem ficou pormim destruida, por ter a honra de ter sido taõbem unido aeste Cõrpo, mostrando,

co-

Transcrição:

“Esta proposição porem ficou pormim destruida, por- | ter a honra de ter sido taõbem unido aeste Cõrpo, mostrando, | co-” (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 4r., L. 94).

Imagem 43: Reclame encontrado no f. 4v.

portante diligencia] sem embargo de haverem muitos Officiaes Millitares, muito habeis, valerosos, e de prestimo, que

Transcrição:

“portante diligencia [sem embargo de haverem muitos | Officiaes Millitares, muito habeis, valerosos, e de prestimo, | que” (NOTÍCIA DE VIAGEM, século XVIII, f. 4v., L. 109-111).

Por fim, no tocante à datação cronológica do documento, embora já tenhamos anteriormente afirmado que não há no texto uma data atribuída a sua redação, a BND informa, nos dados do arquivo, que o documento foi escrito posteriormente ao ano de 1792. No entanto, é preciso mencionar uma informação que pode ser crucial. Consta no texto, o seguinte trecho:

Eu ja indiquei noPlano *que* offereci aoPrin- | cipe *Nosso* Senhor no anno de1788, *eque* denovo aos | péz doThrono lhetorno aentregar segunda Copia com | mais prudentes reflexoens, o modo de sepôr empracti | ca combrandura este necessario beneficio, *para* desterrar | a oppressão em que vivem milhares de desgraçados ho- | mens, *que* todos sepodem empregar em serviço dapu- | blica utilidade”. [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2v. L. 28-35].

O Plano a que se refere o Capitão Muniz Barreto trata-se do *Plano sobre a civilização dos índios do Brasil*. O documento possui mais de uma versão, sendo a primeira delas datada de 1788, conforme aparece inclusive no trecho acima. Existe também uma outra versão do Plano, ampliada, datada de 1794. Apesar de não haver menção ao ano de 1794, no texto da *Notícia da Viagem*, nota-se que o Capitão Muniz Barreto se refere ao manuscrito de 1788 utilizando o verbo no passado: “Eu já indiquei” (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2v. L. 28), mas refere-se à segunda cópia no tempo presente: “*que* denovo aos | péz doThrono lhetorno aentregar segunda Copia com | mais prudentes reflexoens” (NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2v. L. 29-31). Embora sejam necessários mais estudos e fontes para afirmar esta proposição, vale considerar a possibilidade da *Notícia da Viagem* ter sido escrita juntamente ou, ainda, posteriormente, à versão ampliada do *Plano sobre a civilização dos índios do Brasil*, de 1794.

5.2 O GÊNERO TEXTUAL EM FOCO

Pouco se conhece sobre notícias de viagem. Quer seja como gênero textual, quer seja como espécie documental, não é possível encontrar muitas discussões acerca deste tipo de texto, principalmente no que diz respeito aos escritos posteriores ao século XVII. Alguns teóricos o chamam de relatos de viagem, outros o chamam de relação de viagem e não há um consenso sobre ser um texto literário, informativo, ou híbrido. Para Cezar (2010),

O relato de viagem é um gênero literário sem lei. Apesar de sua tradição ser bem estabelecida e sua leitura atravessar o tempo, este tipo de escrita continua avesso a debates teóricos. Contudo, mesmo sendo uma narração fugidia que resiste a toda descrição minuciosa que não seja uma simples taxonomia de seus conteúdos, a versatilidade do texto que narra uma viagem se manifesta através de uma certa liberdade formal e de uma plasticidade que o tornam adaptável a numerosas sociedades. (CEZAR, 2010, p. 28)

Para Lara e Fachin (2021, p. 68), “*Relação* é um gênero textual por meio do qual se narram acontecimentos com a finalidade de informar, solenizar sucessos e enaltecer determinadas autoridades”. Assim, percebe-se uma consonância em relação às funções, ainda que não exatamente ocorra em relação ao tipo. Era comum que os viajantes que exploravam as terras “desconhecidas” relatassem as suas descobertas. Muitas dessas viagens tinham motivações políticas e militares, como é o caso das viagens feitas pelo Capitão Muniz Barreto, ainda que disfarçado de naturalista. A verdade é que a primeira motivação não anulava a segunda.

De acordo com Cezar (2010, p. 29), “o relato de viagem se constitui em um campo disponível aos múltiplos discursos que o percorrem e que o articulam”, tais como o do naturalista, do militar, do missionário, do escritor e do historiador. Para o autor, cada um desses discursos possui o seu próprio léxico, mas isso não impede que eles se cruzem reciprocamente. É exatamente o caso da escrita do Capitão Muniz Barreto. Homem de armas como era, considerado ilustrado e exercendo também o papel de um naturalista, é possível perceber em seus escritos a variedade de suas funções.

Os principais objetivos desse tipo de registro eram contar sobre o que viam e também sobre o que faziam os seus escritores, visto que muitas vezes os escreviam almejando se promoverem diante de seus superiores. Assim, analisando a *Notícia da Viagem*, é possível notar também que seus discursos englobavam mais que aspectos sociais, envolvia sua autopromoção perante a Coroa. Segundo Rossato (2005), “as aspirações políticas, econômicas e intelectuais [...] contribuíram para multiplicar as viagens científicas e não científicas durante o século XVIII”. Esse tipo de texto geralmente era feito através das notas que seus autores produziam ao longo de suas viagens e, posteriormente, elaboravam os seus relatos, o que era, indubitavelmente, um trabalho que se assegurava na memória (CEZAR, 2010).

6 A ELABORAÇÃO DE PRODUTOS LEXICOGRÁFICOS A PARTIR DE EDIÇÕES

A língua de um povo está diretamente ligada a sua cultura e a sua história, pois atravessa o decorrer do tempo, acompanhando o desenvolvimento das pessoas e das sociedades. Assim, a história da língua caminha lado a lado com a história do povo que a fala. Desse modo, estudar o léxico de um povo significa considerar, entre outros elementos, questões históricas e socioculturais, visto que a forma de falar de um indivíduo, por vezes, revela traços socioculturais de seu local de origem e das comunidades linguísticas de que são provenientes. Com o intuito de conhecer um pouco mais a respeito do léxico presente na *Notícia da Viagem*, apresenta-se, neste capítulo, um glossário com unidades lexicais pertinentes ao estudo e à compreensão da documentação em análise. No entanto, é necessário, antes, ponderar sobre algumas questões a respeito dos estudos do léxico.

A relação existente entre a história e a língua se manifesta através das palavras e, de acordo com Abbade (2006, p. 213), “estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias”. Para a autora, através do léxico é possível mergulhar na vida e na história de um povo. Para Vilela (1997), é possível considerar o léxico por duas perspectivas distintas, uma *cognitivo-representativa* e outra *comunicativa*. Na primeira, o léxico seria “a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística” (VILELA, 1997, p. 31). Já sob o prisma da segunda perspectiva, o léxico é o conjunto de palavras utilizadas pelos membros de uma comunidade linguística para comunicarem-se uns com os outros.

Vilela (1997) apresenta ainda uma subdivisão do léxico, o vocabulário, e os distingue da seguinte maneira: o vocabulário seria, por exemplo, o léxico de um autor, de um texto, de uma escola, de uma área do saber, entre outros. No entanto, o autor destaca que essa distinção não se trata exatamente de uma distinção entre ‘parte’ e ‘todo’, isto é, o vocabulário não seria **uma parte** do léxico, visto que:

O léxico é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística; O léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório (VILELA, 1997, p. 31-32).

Entende-se aqui, portanto, que a definição supracitada não se trata da concepção de vocabulário enquanto um produto lexicográfico, mas de um conceito sobre a escolha lexical que, conscientemente ou não, os falantes fazem a fim de se adequarem a determinados

espaços sociais. Acrescenta-se ainda uma outra perspectiva na abordagem de Vilela (1997): a de “coleção de unidades”. Nesse sentido, introduzem-se aqui os conceitos relativos aos produtos lexicográficos, obras decorrentes de uma das Ciências do Léxico: a Lexicografia.

Na perspectiva apresentada por Vilela (1997), o vocabulário se opõe ao dicionário e, ainda, ao glossário, conceituando o dicionário como a recolha ordenada dos vocábulos de uma língua, o vocabulário como uma compilação de um setor determinado de uma língua e o glossário como o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época. No que tange à classificação desses conceitos, faz-se necessário ressaltar que não há ainda um consenso entre os estudiosos sobre quais exatamente seriam as características de cada um destes produtos lexicográficos. Nesse caminho, Barbosa (2001) elabora um amplo estudo sobre as variações de conceptualização das obras lexicográficas e afirma que, “ainda nos tempos atuais, persiste pluralidade de denominações de um mesmo conceito de obra lexicográfica e, inversamente, pluralidade de conceitos para uma mesma denominação” (BARBOSA, 2001, p. 25). Em Boutin-Quesnel (1985, apud BARBOSA, 2001, p. 29), vocabulário e glossário são definidos da seguinte forma:

Vocabulaire : Répertoire qui inventorie les termes d'un domaine, et qui décrit les notions désignées par ces termes au moyen de définitions ou d'illustrations. (...)
Glossaire : Répertoire qui définit ou explique des termes anciens, rares ou mal connus (BOUTIN-QUESNEL, 1985, apud BARBOSA, 2001, p. 29)³⁴.

Krieger (2006, p. 141) aponta que os glossários nasceram na Grécia Antiga e, de acordo com a autora, era possível encontrar listadas e definidas neles as palavras de difícil compreensão de obras literárias. A autora destaca que, quando as palavras encontravam-se organizadas alfabeticamente após os textos, constituíam os glossários, “que representam as primeiras formas de manifestação lexicográfica”. Em relação à chegada aos países latinos, Haensch (1982) esclarece que o uso de glosas surge na Idade Média, período no qual era necessário explicar as palavras incompreensíveis, visto que já eram perceptíveis as distinções entre o latim vulgar e o clássico. Haensch (1982), apresenta um outro conceito a respeito dos glossários, explicando por que são assim chamados, em sentido histórico:

Cuando las glosas aparecen en forma alfabética o sistemática, al final de un texto, hablamos de ‘glosario’. Hoy en día, el término ‘glosario’ se utiliza en lexicografía con dos acepciones distintas:
Repertorio de voces destinado a explicar un texto medieval o clásico, la obra de un autor, un texto dialectal, etc.

³⁴ Tradução livre: “Vocabulário: Diretório que lista os termos de um domínio e que descreve as noções designadas por esses termos por meio de definições ou ilustrações. (...) Glossário: Diretório que define ou explica termos antigos, raros ou pouco conhecidos”.

Repertorio de palabras, en muchos casos de términos técnicos (monolingüe o plurilingüe), que no pretende ser exhaustivo, y en que la selección de palabras se ha hecho más o menos al azar; por ejemplo, glosario de términos ecológicos español-inglés (HAENSCH, 1982, p. 106)³⁵.

O vocabulário, de acordo com Xavier e Mateus (1992), trata-se de um arrolamento exaustivo das palavras de um corpus, uma espécie de dicionário constituído pelos vocábulos mais frequentes da língua corrente. Desse modo, apesar de apresentarem semelhanças bastante acentuadas, percebe-se que há algumas características que permitem distinguir os glossários dos vocabulários, a exemplo da época a ser destacada ou da restrição aos usos incomuns/desconhecidos das palavras apresentadas nos glossários, um dos poucos elementos que parecem ser consensuais entre os estudiosos.

Barbosa (2001) chama a atenção a essas semelhanças, inclusive entre os produtos provenientes das ciências do léxico, afirmando que “são bastantes tênues as fronteiras entre um e outro tipo de texto lexicográfico ou terminográfico”. Para a autora, não há “uma relação biunívoca entre conceitos e termos, ainda que sejam considerados numa área bem delimitada, como, por exemplo, o da lexicografia, ou da terminologia e da terminografia” (BARBOSA, 2001, p. 32). Infelizmente essas conceptualizações ainda ficam à mercê da escolha dos autores ou editores, justamente por não haver uma unanimidade em suas definições. Assim, Barbosa (2001) complementa, afirmando que

Esses elementos parecem confirmar que, não raras vezes, obras da mesma natureza e função são classificadas de maneira diversa, segundo os critérios adotados por este ou aquele autor, fato que conduz à existência de numerosas denominações para o mesmo núcleo conceptual “obra lexicográfica / terminográfica” (BARBOSA, 2001, p. 32).

Outras distinções e semelhanças entre os vocabulários e os glossários são apresentados por Barbosa (2001). Para a autora, um exemplo da falta de consenso nas definições seriam os glossários que se encontram ao final de determinada obra e que, apesar de assim chamados, são de certa forma vocabulários, visto que, geralmente, estão reunidos nele os seus variados empregos, “ou seja, as várias palavras-ocorrências de um mesmo vocábulo, conquanto sejam essas ocorrências levantadas de um único texto”. No entanto, Barbosa (2001) elucida que, se o objetivo for apresentar um exemplo de palavra-ocorrência *stricto sensu*, é necessário então

³⁵ Tradução livre: “Quando as glosas aparecem em ordem alfabética ou sistemática no final de um texto, falamos de um 'glossário'. Hoje, o termo 'glossário' é usado na lexicografia com dois significados diferentes: repertório de vozes destinado a explicar um texto medieval ou clássico, a obra de um autor, um texto dialetal, etc. Repertório de palavras, em muitos casos de termos técnicos (monolíngues ou multilíngues) que não pretende ser exaustivo, e em que a seleção de palavras foi feita de forma mais ou menos aleatória; por exemplo, glossário de termos ecológicos Espanhol-Ingles”.

apresentá-la em um contexto definido de uma única atualização. Desse modo, chega-se à conclusão de que

O vocabulário técnico-científico/especializado deve recuperar, armazenar vocábulos de um universo de discurso, enquanto elementos configuradores de uma norma discursiva, ou seja, vocábulos de alta frequência e distribuição regular, (...); o vocabulário fundamental deve recuperar vocábulos de alta frequência e distribuição regular entre os falantes-ouvintes, (...); o glossário, no sentido em que aqui o empregamos, deve recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências de um *chronos*, de um *topos*, de uma *phasis*, ou, noutros termos, extraídas de um único discurso concretamente realizado (BARBOSA, 2001, p. 40-41).

Por fim, vale ressaltar que, conforme asseveram Barbosa (2001) e Cunha e Aguilera (2022), o estabelecimento das tipologias das obras e suas respectivas conceptualizações podem estar baseados em critérios linguísticos, em trabalhos já existentes ou ainda na história da lexicografia. Uma coisa, todavia, é certa: tanto os dicionários, quanto os glossários e os vocabulários são lugares de memória, que resguardam partes da língua como tesouros da humanidade. No entanto, no que tange aos estudos do léxico e aos produtos decorrentes deles, ainda há muito o que se discutir.

6.1 A ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO

Após a reflexão em torno dos principais tipos de obras lexicográficas, suas respectivas semelhanças e distinções, objetivos e público-alvo, chegou-se à escolha do tipo de produto lexicográfico a ser apresentado para o manuscrito editado *Notícia da Viagem*: o glossário. Como foi possível perceber na discussão anterior, diversos estudiosos classificam o glossário como um produto que tem por objetivo elucidar palavras que já caíram em desuso ou que são, de alguma forma, desconhecidas. Contudo, há de se considerar também os fatores ocorrência, obra e campo semântico. Desse modo, em decorrência da escolha de um campo semântico para a composição do produto lexicográfico, optou-se pelo glossário.

Isquierdo (2008) manifesta a necessidade de considerar que os escritos deixados por viajantes europeus fazem parte da origem do discurso lexicográfico no Brasil, por conterem comentários e explicações relativos também aos habitantes do país. As unidades lexicais, portanto, foram selecionadas no manuscrito editado, visando a melhor compreensão das narrativas da *Notícia da Viagem*, pois, de acordo com Nunes (2001 p. 73-74), “os primeiros relatos de viagens constituem um corpus privilegiado para observar a construção de um modo de dizer o léxico no território brasileiro [...]”.

É importante ressaltar que a *Notícia da Viagem* possui diversas possibilidades de estudos, porém, considerando que o foco de discussão do contexto social e cultural do documento é elucidar a resistência indígena na Bahia e tendo em vista que a resistência geralmente é proveniente de algum tipo de violência, optou-se pelas unidades lexicais que dizem respeito a esta temática, violência – resistência. Posteriormente à seleção das unidades lexicais, realizou-se a lematização dos dados e definiu-se a organização da microestrutura do glossário e a elaboração dos verbetes, considerando, inicialmente, para fins de definição lexicográfica, as obras de Rafael Bluteau (1789), de Domingos Vieira (1871) e de Antônio de Moraes Silva (1890), seguindo os pressupostos da lexicografia histórica (GONÇALVES, 2020b; BIDERMAN 2001; MURAKAWA, 1998).

No que tange à escolha dos dicionários utilizados, vale pontuar algumas considerações a respeito dos dicionários históricos. Biderman (2001) elabora uma valiosa explanação acerca dos dicionários históricos em língua portuguesa. Para a autora, o melhor dentre os mais antigos é o dicionário bilíngue de Rafael Bluteau — *Vocabulário Portuguez e Latino*, dividido em 8 volumes e realizado em Coimbra, 1712-1721.

Trata-se de um dicionário bilíngue português-latim que contém muita informação e bastante variada sobre essas duas línguas. Foi escrito para um falante do português. Tem características enciclopédicas com numerosos detalhes sobre a realidade e o mundo, evidenciando a vasta cultura do Padre Bluteau. Um dos méritos desse dicionário é o de alistar todos os autores portugueses que compuseram o corpus que forneceu o exemplário das abonações dos verbetes. O dicionarista indica o autor, a(s) obra(s), o local e data da impressão. Não é apenas um dicionário bilíngue cujo objetivo seria fornecer a palavra ou expressão latina que traduzisse um termo português; na verdade, Bluteau elaborou um trabalho misto, pois a parte relativa à língua portuguesa constitui praticamente um dicionário da língua portuguesa (BIDERMAN, 2001, p. 4)

Outro dicionário utilizado é o de Moraes, intitulado *Dicionário da Língua Portuguesa recopilado dos vocabulários impressos até agora e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado por Antônio de Moraes e Silva*. Biderman (2001) destaca que a primeira edição de 1789 é uma obra rara, “quase incontrolável”, detalhando que

Moraes considerou esta primeira edição como obra do Padre Rafael Bluteau, visto que escreveu no frontespício desse dicionário: "... composto pelo Padre Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antônio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro." A segunda edição de 1813, porém, Moraes já atribui a si próprio, antepondo-lhe o seu nome. Essa edição é rara. Felizmente Laudelino Freire fez dela uma reprodução fac-simile em 1922 no Rio de Janeiro. É a versão mais encontrada do velho Moraes em bibliotecas públicas e particulares, embora também seja obra rara. Seguiram-se numerosas edições do Moraes, todas elas, porém, inferiores à edição de 1813 (2.a ed.). (BIDERMAN, 2001, p. 4)

Ainda segundo Biderman (2001), o dicionário de Moraes (2 ed., 1813) é um marco na lexicografia de língua portuguesa, pois é o primeiro dicionário de **uso** da língua e demonstra avanço em relação aos padrões lexicográficos da época. A autora explica que

Apesar de ter-se baseado na obra do Padre Bluteau, sobretudo na primeira edição, na segunda edição Moraes libertou-se de seu modelo, ampliou consideravelmente a obra com respeito ao número de verbetes, incluídos, e mais que isso, apurou o seu trabalho lexicográfico. Omitiu informações de tipo enciclopédico incluídas no Bluteau, revelando consciência de que um dicionário da língua não é uma enciclopédia. No prólogo Moraes informa o leitor como executou o seu trabalho, de quais critérios se serviu, repassando problemas como: o corpus usado na abonação dos verbetes, a escolha das entradas, a elaboração do verbete, a ortografia. (...) Preocupou-se ainda com registrar termos de linguagens especiais de uso na linguagem comum. Um dos méritos do seu dicionário é exatamente de indicar o registro lingüístico da palavra-entrada. (BIDERMAN, 2001, p. 5)

No que diz respeito à disposição dos verbetes, cabe mencionar que, para Welker (2004), a macroestrutura diz respeito à forma de organização do corpo do dicionário. Deste modo, é necessário ponderar algumas questões que devem ser respondidas como, por exemplo, se esta organização das entradas será temática ou alfabética, se os verbetes terão todos o mesmo formato etc. A microestrutura, de acordo com Barreiros (2017, p. 138), refere-se à estrutura interna do artigo e é “constituída por um conjunto de informações ordenadas que se seguem à entrada e são lidas horizontalmente”. Barreiros (2017) destaca ainda que, embora a microestrutura possa ter formatos variados, é preciso haver um padrão no interior de um produto lexicográfico, de modo que as suas características atendam a sua função, visto que padronizar essa estrutura é fundamental para os usuários e também para os redatores.

Posto isso, o glossário organiza-se da seguinte maneira:

- Macroestrutura: em consonância com os princípios de Haensch (1982, p. 452), a macroestrutura será feita seguindo a ordem alfabética das entradas.
- Microestrutura: apenas as unidades lexicais simples, apresentando: **lema principal** (minúscula, exceto em caso de nomes próprios, negrito e no singular) ~ **lema secundário** (minúscula, negrito e no singular; variante gráfica, quando houver) - *classificação gramatical* em itálico e com abreviatura, por exemplo: *s. m.* Definição(ões) antecedida(s) da numeração(ões). “Abonação extraída da edição semidiplomática, apresentando, em negrito, o item lexical a que se refere o lema”. [IDENTIFICAÇÃO DO DOCUMENTO, século, numeração do fólio e linha em que se encontra] (GONÇALVES, 2017; 2020b; MURAKAWA, 2010; 2015).

Exemplo:

desordem - *s. f.* Motim, alvoroço; perturbação das coisas que estavam dispostas e ordenadas. “Tendo continuado **adesordem**, não só pelos | motivos, que ficaõ ponderados, mas ainda pela incons- | tancia, eincerteza *que* hé natural entre esta gente, [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3v. L. 64].

Para a composição do glossário, foram selecionadas 39 (trinta e nove) unidades lexicais, sendo 30 (trinta) delas com uma única ocorrência e 09 (nove) com mais de uma ocorrência. A escolha de utilizar as unidades com mais de uma ocorrência se deu pela relevância que elas possuem para o texto, inclusive “aldêa”, que possui 14 ocorrências ao longo do documento.

6.2 O GLOSSÁRIO DA NOTÍCIA DA VIAGEM

aldêa – *s. f.* Povoação pequena, de poucos vizinhos, que não tem jurisdição própria, mas depende da vila ou cidade vizinha³⁶. “Noticia da | Viagem, ejornadas, que fêz o | Capitaõ | Domingos Alvez Branco Muniz | Barreto, | Entre os Indios sublevados nas | Villas, e**Aldêas** das Co- | marcas dos Ilheos, | e Norte | Na | Capitania da Bahia.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 1r.,L. 07].

aldêado – *adj.* Que vivia distribuído por aldeias, conforme o sistema de aldeamentos da época. “A riqueza que of- | ferecem as Conquistas pela variedade das suas | produçoens não sepodem aproveitar, sem *que* pri- | meiro se tente a melhor civilizaçaõ dos Indios, que | estaõ **aldêados** naquelle vasto Continente, ecostu- | ma-los a agricultural, *para* depois passar a amansar aos- | *que* se achaõ embrenhados, eseguindo os erros do paganismo.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, 2r. L. 16]; “O descontentamento geral em *que* hoje vi- | vem todos os Indios **aldêados** noBrazil, *que* são duas | partes menos daquelles, que no seu descobrimento se en- | tregaraõ espontaneamente na Vassallagem daCoroa Por- | tugueza, *eque* pelas muitas violencias, injustiças, ecapti- | veiros com elles practicados naquelles mesmos tempos | em *que* se lhes pregava aconversaõ, tornaraõ aprocurar | as brenhas *para* escapar de deshumanos, eferozes Senhores [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3r. L. 46].

³⁶ “No Brasil, aldeias de índios são as povoações dos dosmeticados” (BLUTEAU, 1789, p. 54).

amansar - v. Domar, domesticar. “A riqueza que of- | ferecem as Conquistas pela variedade das suas | producçoens não sepodem aproveitar, sem *que* pri- | meiro se tente a melhor civilizaçã dos Indios, que | estaõ aldêados naquelle vasto Continente, ecostu- | ma-los a agricultar, *para* depois passar a **amansar** aos- | *que* se achaõ embrenhados, eseguindo os erros do | paganismo”. [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2r. L. 17].

assacino – s. m. Indivíduo que tira vidas de forma violenta. “Saõ alguã coiza revoltosos, | edados aembriaguez, e(a)**assacinos**, cujos vicios, emá indole | lhe provem da falta de educaçã, por não terem há *muito* | tempo, ou *para* mais bem dizer há muitos annos Director, *que* os advirta, nem Parocho que os instrua [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, 12r. L. 351].

barbaro – *adj.* Rude; grosseiro; selvagem. “Asfunestas consequencias, *que* podiaõ re- | zultar *para* ofuturo pelo grande numero de Indios, *que* | se achavaõ dispersos das suas povoaçoens, esquecidos | dos dogmas daReligiã, vivendo já como brutos á Ley | da natureza, differindo bem pouco dos **barbaros** Gentios, | fez tomár em consideraçã o modo com *que* este grande | mal sepodia remediar [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 4r. L. 84].

bruto – *adj.* Bravo, grosseiro, sem educação. “Asfunestas consequencias, *que* podiaõ re- | zultar *para* ofuturo pelo grande numero de Indios, *que* | se achavaõ dispersos das suas povoaçoens, esquecidos | dos dogmas daReligiã, vivendo já como **brutos** á Ley | da natureza, differindo bem pouco dos barbaros Gentios, | fez tomár em consideraçã o modo com *que* este grande | mal sepodia remediar, [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 4r. L. 83].

captiveiro – s.m. Estado de servidão, de escravidão, de aprisionamento. “O descontentamento geral em *que* hoje vi- | vem todos os Indios aldêados noBrazil, *que* saõ duas | partes menos daquelles, que no seu descobrimento se en- | tregaraõ espontaneamente na Vassallagem daCoroa Por- | tugueza, *eque* pelas muitas violencias, injustiças, **ecapti-** | **veiros** com elles practicados naquelles mesmos tempos | em *que* se lhes pregava aconversaõ, tornaraõ aprocurar | as brenhas *para* escapar de deshumanos, eferozes Senhores [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3r. L. 49].

christianizar – *v.* Tornar cristão, adotando a religião de Cristo. “[...] as circunstancias ultimas descobri, *que* era com | oGentio Mongoio Tupessá, *que* está refugiado distan | te desta Povoação 70 legoas, no Lugár chamado Tam- | borí, Sertaõ da ressaca, Arrayal daConquista, *que* | dizem ser denatureza docil, eaptos *para* aagricultura, | emuito particularmente *para* acreação de Gados, *eque* de algum | modo tem já dado a entender querer **christianizarse.**” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, 12v. L. 377].

civilização – *s. f.* Domesticação; ato de civilizar, considerando-se o estado do povo civilizado, seu progresso e o desenvolvimento do estado social, *que* se manifesta nas leis e na brandura dos costumes. “A riqueza *que* of- | ferecem as Conquistas pela variedade das suas | produçoens não sepodem aproveitar, sem *que* pri- | meiro se tente a melhor **civilização** dos Indios, *que* | estaõ aldêados naquelle vasto Continente, ecostu- | ma-los a agricultar, *para* depois passar a amansar aos- | *que* se achaõ embrenhados, eseguindo os erros do paganismo.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, 2r. L. 15].

degenerada – *adj.* Diz-se da *que* foi corrompida, por não imitar a nobreza e as virtudes dos maiores. “Esta Villa fica situada, como se mostra no Map- | pa, em lugar eminente, ameno, eaprazivel. Asua po- | pulação hé de até 300 Indios, em*que* entraõ muitas fa- | milias de especie **degenerada** combrancos Portuguezes.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, 10r. L. 282]; “Onumero dos seus habitantes | hé de 400 Indios pouco mais, ou menos, muitos delles | de especie **degenerada** com pretos, por serem as Indias | Nacionaes, muito inclinadas aos desta côr.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, 15r. L. 474].

descobrimento – *s. m.* Ação de descobrir; a descoberta dos portugueses. “O descontentamento geral em *que* hoje vi- | vem todos os Indios aldêados noBrazil, *que* saõ duas | partes menos daquelles, *que* no seu **descobrimento** se en- | tregaraõ espontaneamente na Vassallagem daCoroa Por- | tugueza, *eque* pelas muitas violencias, injustiças, ecapti- | veiros com elles practicados naquelles mesmos tempos | em *que* se lhes pregava aconversaõ, tornaraõ aprocurar | as brenhas *para* escapar de deshumanos, eferozes Senhores [...]”. [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3r. L. 47].

descontentamento – *s. m.* Desgosto, insatisfação. “O **descontentamento** geral em *que* hoje vi- | vem todos os Indios aldêados noBrazil, *que* saõ duas | partes menos daquelles, *que* no seu descobrimento se en- | tregaraõ espontaneamente na Vassallagem daCoroa Por- | tugueza,

eque pelas muitas violencias, injustiças, e capti- | veiros com elles practicados naquelles mesmos tempos | em *que* se lhes pregava aconversaõ, tornaraõ aprocurar | as brenhas *para* escapar de deshumanos, eferozes Senhores [...]”. [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3r. L. 45].

desesperaçã ~ **dezesperaçã** – *s. f.* Estado de aflição e inquietude. “Como o *Excellentissimo Governadôr*, e *Capitaõ* General tinha | aprovado arepresentaçã *que* lhe fiz, deque pormodo al- | gum devia respirar ofim desimilhante diligencia, nem | fazerse publica, *para que* os Indios se não pozessem em **des- | esperaçã**, timidêz, einquietaçã [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 5r. L. 125]; “[...] como mostrei, que semilhante arbitrio seria muito dam- | nozo á Navegaçã, ainda não fallando na **dezesperaçã** | em*que* ficariaõ os Indios, porque consumidas que fossem as | altas arvores, *que* de muito longe se avistaõ naquella- | Ilha, naufragariaõ muitas embarçaõens nosbaixos [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 4v. L. 96].

desgraçado – *adj.* Que está fora da graça de Deus; infeliz; pessoa digna de compaixão. “Eu ja indiquei noPlano *que* offereci aoPrin- | cipe *Nosso* Senhor no anno de1788, *eque* denovo aos | péz doThrono lheterno aentregar segunda Copia com | mais prudentes reflexoens, o modo de sepôr empracti- | ca combrandura este necessario beneficio, *para* desterrar | a oppressã em que vivem milhares de **desgraçados** ho- | mens, *que* todos sepodem empregar em serviço dapu- | blica utilidade”. [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2v. L. 33].

deshumano – *adj.* Cruel, bruto. “O descontentamento geral em *que* hoje vi- | vem todos os Indios aldêados noBrazil, *que* são duas | partes menos daquelles, que no seu descobrimento se en- | tregaraõ espontaneamente na Vassallagem daCoroa Por- | tugueza, *eque* pelas muitas violencias, injustiças, e capti- | veiros com elles practicados naquelles mesmos tempos | em *que* se lhes pregava aconversaõ, tornaraõ aprocurar | as brenhas *para* escapar de **deshumanos**, eferozes Senhores [...]”. [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3r. L. 52].

desordem - *s. f.* Motim, alvoroço; perturbação das coisas que estavam dispostas e ordenadas. “Tendo continuado **adesordem**, não só pelos | motivos, que ficaõ ponderados, mas ainda pela incons- | tancia, eincerteza *que* hé natural entre esta gente, [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3v. L. 64].

disperso – *adj.* Debandado, separado de outros; posto em fuga. “Asfunestas consequencias, que podiaõ re- | zultar para ofuturo pelo grande numero de Indios, que | se achavaõ **dispersos** das suas povoaçõens, esquecidos | dos dogmas daReligiaõ, vivendo já como brutos á Ley [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 4r. L. 83]; “[...] as melhores mátas debons páos de constru- | çãõ, assim em qualidade, como em compatibilidade, | e rigêza, muito principalmente no sitio chamado Oro- | bó, onde rezidem **dispersos** daPovoação alguns Cazaes.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 11r. L. 318]; “A sua populaçãõ hé | de até 200 Indios, *que* rezidem, não só no interior del- | la, más **dispersos** em pequenas distancias pela estra- | da, *que* vai ter á Povoação.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 12r. L. 349]; “[...] a respeito de alguãs Villas da Jurisdicçãõ | daCoñmarca do Norte, com o destino defazer recolher ás- | Povoaçõens todos os Indios **dispersos**, efugitivos, efazêr | reparar as Cazas damnificadas, elevantár deseu pé | 13 moradas, *que* tinhaõ sido incendiadas havia muito [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 14r. L. 426].

docil – *adj.* Capaz de receber ensino; brando, submisso, obediente. “Asua populaçãõ hé de até 120 Cazaes de | de Indios pouco mais, ou menos, os quaes são **doceis**, e- | bem inclinados, eao mesmo tempo robustos, eos mais neces- | sarios para o trabalho do corte das madeiras alli es- | tabelecido [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 11r. L. 311]; “Moraõ | muitas familias juntas em huã só caza. São *muito* **doceis**, | edebons costumes por natureza, mas sem educaçãõ.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 15v. L. 476]; “[...] as circunstancias ultimas descobri, *que* era com | oGentio Mongoio Tupessá, *que* está refugiado distan | te desta Povoação 70 legoas, no Lugár chamado Tam- | borî, Sertaõ da ressaca, Arrayal daConquista, que | dizem ser denatureza **docil**, eaptos para aagricultura, | emuito particularmente para acreaçãõ de Gados, *eque* de algum | modo tem já dado a entender querer christianizarse.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 12v. L. 375].

docilidade – *s. f.* Boa disposiçãõ para ouvir, receber doutrina e ser submisso. “Obser- | vei taõbem **adocilidade**, eboa inclinaçãõ dos Indios, emquanto pe- | quenos, easua aptidãõ para osprimeiros estudos, epara as Sciencias.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 15r. l. 457].

embrenhado – *adj.* Escondido entre brenha, mato ou bosque. “A riqueza que of- | ferecem as Conquistas pela variedade das suas | producçoens não sepodem aproveitar, sem *que* pri- | meiro se tente a melhor civilizaçãõ dos Indios, que | estaõ aldêados naquelle vasto

Continente, ecostu- | ma-los a agricultural, para depois passar a amansar aos- | que se achão **embrenhados**, eseguinto os erros do | paganismo.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2r. L. 18]; “Fazendo-me desentendido inteiramente, | não só dos Crimes, que tinhaõ coñettido em desampa- | rar, sem ordem superior, as suas Aldêas, mas do nu- | mero dos Cazaes lhes perguntei se ainda haviaõ mais | Indios, alem delles, **embrenhados** naquella Ilha, | erespodendome que sim meconvidei logo para ir ter ao- | Lugar, em que se achavaõ abarracados, o que puz em practi- | ca combastante detrimento, por estarem abarracados mais lon- | ge do que eu pensava [...]”. [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 7v. L. 206].

escapar – *v.* Fugir; ficar livre de algum dano, perigo, morte ou prisão. “O descontentamento geral em que hoje vi- | vem todos os Indios aldêados noBrazil, que são duas | partes menos daquelles, que no seu descobrimento se en- | tregaraõ espontaneamente na Vassallagem daCoroa Por- | tugeza, equé pelas muitas violencias, injustiças, ecapti- | veiros com elles practicados naquelles mesmos tempos | em que se lhes pregava aconversaõ, tornaraõ aprocurar | as brenhas para **escapar** de deshumanos, eferozes Senhores [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3r. L. 52].

feroz - *adj.* Desumano, violento. “O descontentamento geral em que hoje vi- | vem todos os Indios aldêados noBrazil, que são duas | partes menos daquelles, que no seu descobrimento se en- | tregaraõ espontaneamente na Vassallagem daCoroa Por- | tugeza, equé pelas muitas violencias, injustiças, ecapti- | veiros com elles practicados naquelles mesmos tempos | em que se lhes pregava aconversaõ, tornaraõ aprocurar | as brenhas para escapar de deshumanos, **eferozes** Senhores [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3r. L. 52].

fugitivo – *adj.* Que foge ou fugiu. “[...] a respeito de alguãs Villas da Iurisdicção | daCoñmarca do Norte, com o destino defazer recolher ás- | Povoaçãoens todos os Indios dispersos, **efugitivos**, efazêr | reparar as Cazas damnificadas, elevantár deseu pé | 13 moradas, que tinhaõ sido incendiadas havia muito [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 14r. L. 426].

gentio – *adj.* Aquele que não segue as doutrinas cristãs; pagão. “[...] se achavaõ dispersos das suas povoaçãoens, esquecidos | dos dogmas daReligiaõ, vivendo já como brutos á Ley | da natureza, differindo bem pouco dos barbaros **Gentios** [...]”. [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3v. L. 84].

“Aqui me deraõ noticia certa deque es- | tes Indios tinhaõ secreta communicacão com **Gentio**. | Naõ deixou isto de me cauzar grande cuidado. Po- | rem examinando bem asua origem com a moderaçãõ, | *que* pediaõ as circunstancias ultimas descobri, *que* era com | o **Gentio** Mongoio Tupessá, *que* está refugiado distan | te desta Povoaçãõ 70 legoas, no Lugár chamado Tam- | borí, Sertaõ da ressaca, Arrayal da Conquista, que | dizem ser denatureza docil, e aptos *para* a agricultura, | emuito particularmente *para* a creacão de Gados, *eque* de algum | modo tem já dado a entender querer christianizarse.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 12v. L. 368, 372].

incerteza – *s. f.* Estado de dúvida. “Tendo continuado adesordem, naõ só pelos | motivos, que ficaõ ponderados, mas ainda pela incons- | tancia, **eincerteza** *que* hé natural entre esta gente, dizer- | taraõ muitos Indios, e ainda familias inteiras de al- | guas Villas da Comãrca dos Ilheos, refugiandose na- | Ilha de Quiepe, *que* fica fronteira á barra do Camamú, | sem *que* porem levantassem povoaçãõ alguã á borda | do Már, mas sim palhoças concentradas pelo espesso, | efronozo Matto, *que* sevê naquella Ilha, sahindo des- | te coito em tempos mais serenos afazer muitos insul- | tos, e furtos aos moradores da terra firme, sem quererem | de modo algum cederem ás persuaçoens dos Seus Offici- | aes maiores, e respectivos Ministros *para* voltarem ás Suas | Aldêas [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3v. L. 66].

inconstancia – *s. f.* Instabilidade; falta de perseverança e firmeza; que tende a mudar de ideia com facilidade. “Tendo continuado adesordem, naõ só pelos | motivos, que ficaõ ponderados, mas ainda pela **incons- | tancia**, **eincerteza** *que* hé natural entre esta gente, dizer- | taraõ muitos Indios, e ainda familias inteiras de al- | guas Villas da Comãrca dos Ilheos, refugiandose na- | Ilha de Quiepe, *que* fica fronteira á barra do Camamú, | sem *que* porem levantassem povoaçãõ alguã á borda | do Már, mas sim palhoças concentradas pelo espesso, | efronozo Matto, *que* sevê naquella Ilha, sahindo des- | te coito em tempos mais serenos afazer muitos insul- | tos, e furtos aos moradores da terra firme, sem quererem | de modo algum cederem ás persuaçoens dos Seus Offici- | aes maiores, e respectivos Ministros *para* voltarem ás Suas | Aldêas [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3v. L. 65].

infeliz – *adj.* Diz-se do que é mal sucedido; infortunado. “Como pois esta iñacção naõ provem de ig- | norancia, mas sim de desprezo, seria temeridade que- | rer eu vencer com razoens, talvez muito menos apropriã | das, e vigorozas, aquillo *aque* forças mais agigantadas do- | que as minhas tem ficado (*tribu*)tarias. Mas nem poris- | so se afrouxará o meu zêlo *para* deixar de

escrever compurêza | o *que* observei entre esta **infeliz** gente nas Comarcas dos Ilheos, e | Norte, duas das seis *que* formão o govêrno da Capitania da Bahia.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2v. L. 42].

injustiça – *s. f.* Violação dos direitos de alguém. “O descontentamento geral em *que* hoje vi- | vem todos os Indios aldêados no Brazil, *que* são duas | partes menos daquelles, que no seu descobrimento se en- | tregaraõ espontaneamente na Vassallagem da Coroa Por- | tugueza, e *que* pelas muitas violencias, **injustiças**, e capti- | veiros com elles practicados naquelles mesmos tempos | em *que* se lhes pregava a conversão, tornaraõ a procurar | as brenhas *para* escapar de deshumanos, e ferozes Senhores [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3r. L. 49].

insulto – *s. m.* Injúria verbal; ataque repentino com palavras ou obras. “Tendo continuado a desordem, não só pelos | motivos, que ficaõ ponderados, mas ainda pela incons- | tancia, e incerteza *que* hé natural entre esta gente, dizer- | taraõ muitos Indios, e ainda familias inteiras de al- | guas Villas da Comarca dos Ilheos, refugiandose na- | Ilha de Quiepe, *que* fica fronteira á barra do Camamú, | sem *que* porem levantassem povoação alguma á borda | do Már, mas sim palhoças concentradas pelo espesso, | e frondoso Matto, *que* sevê naquella Ilha, sahindo des- | te coito em tempos mais serenos a fazer muitos **insul- | tos**, e furtos aos moradores da terra firme, sem quererem | de modo algum cederem ás persuasões dos Seus Offici- | aes maiores, e respectivos Ministros *para* voltarem ás Suas | Aldêas [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3v. L. 73].

opressão – *s. f.* Coerção com uso de força ou violência para demonstrar autoridade. “Eu ja indiquei no Plano *que* offereci ao Prin- | cipe *Nosso* Senhor no anno de 1788, e *que* denovo aos | péz do Throno lhe torno a entregar segunda Cópia com | mais prudentes reflexões, o modo de sepôr em practi- | ca a combandura deste necessario beneficio, *para* desterrar | a **opressão** em que vivem milhares de desgraçados ho- | mens, *que* todos se podem empregar em serviço da pu- | blica utilidade.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2v. L. 33].

opressôr – *s. m.* Diz-se daquele que impõe força a um considerado mais fraco; que age com crueldade. “O descontentamento geral em *que* hoje vi- | vem todos os Indios aldêados no Brazil, *que* são duas | partes menos daquelles, que no seu descobrimento se en- | tregaraõ espontaneamente na Vassallagem da Coroa Por- | tugueza, e *que* pelas muitas violencias,

injustiças, ecapti- | veiros com elles practicados naquelles mesmos tempos | em *que* se lhes pregava aconversaõ, tornaraõ aprocurar | as brenhas *para* escapar de deshumanos, eferozes Senhores, | e **oppressõres**, diminuiu a muito pequeno numero as- | Aldêas, eVillas, eainda apopulação das *que* existem | naCidade daBahia [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3r. L. 53].

paganismo – *s. m.* Religião dos pagãos; religião constituída pelo politeísmo, que admite muitos deuses. “A riqueza que of- | ferecem as Conquistas pela variedade das suas | producçoens naõ sepodem aproveitar, sem *que* pri- | meiro se tente a melhor civilizaçã dos Indios, que | estaõ aldêados naquelle vasto Continente, ecostu- | ma-los a agricultural, *para* depois passar a amansar aos- | *que* se achaõ embrenhados, eseguindo os erros do **paganismo**.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 2r. L. 18].

rebelde – *adj.* Amotinado, revoltoso; o que não se deixa domar nem domesticar. “[...] os Indios, *que* nos serviaõ de guia abradar ao seu modo | festivo com vivas, eoutras ceremonias deque uzaõ, oque | fez persuadir ao resto dos **Rebeldes**, *que* ainda menaõ ti- | nhaõ apparecido, *que* euhia depaz.” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 8r. L. 217].

rebelião – *s. f.* Levantamento dos vassalos contra seu Soberano. “[...] *que* tantos eraõ os *que* estavaõ alli sublevados, se os ori- | undos de Iequiriçá naõ tornassem asuscitar huã especie | de nova **rebelião**, pondome de má fé entre os mais In- | dios, oque mepõs aperigo deperder avida [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 9r. L. 249].

refugiado – *part.* de refugiar. Aquele que busca asilo, que busca abrigar-se, fugindo de algo ou alguém. “[...] no dia 2 deSetembro de1791 procurei oPrezidio do- | Morro deSaõ Paulo, onde depois de tomar largas informa- | çoens doComandante oCapitaõ Dionizio Lourenço Marques, | Official, *que* pela sua honra, eprobidade achei capaz de | lhe comũnicar ofim aque me dirigia, este pois hé que | me deu as primeiras informaçoens do verdadeiro estado, | em *que* seachavaõ os Indios, edo grande numero **refugi- | ado** na Ilha de Quiepe, [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 5v. L. 135]; “[...] Naõ deixaraõ os Indios porem de- | me advertir, *que* pelo centro do Matto seachavaõ mui- | tos Cazaes **refugiados**, do *que* fingi hum grande espanto, | epedi ahum delles, que me acompanhou por guia, *que* | no cazo de encontrar algum, em occaziaõ, *que* fossem ao- | Matto, *que* opersuadissem avir fallarme, pois que oque- | ria presentear, evestir se necessitasse. | Logo no dia seguinte meappareceu o In- | dio com

dois dos **refugiados**, ecom huã India pequena [...]”. [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 6v. L. 169; L. 175]; “[...] examinando bem asua origem com a moderação, | *que* pediaõ as circunstancias ultimas descobri, *que* era com | oGentio Mongoio Tupessá, *que* está **refugiado** distan | te desta Povoação 70 legoas [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 12v. L. 372].

refugiar – *v. refl.* Tomar asilo; asilar-se; retirar-se para lugar em que haja segurança e proteção. “[...] dizer- | taraõ muitos Indios, eainda familias inteiras de al- | guas Villas daComârca dos Ilheos, **refugiandose** na- | Ilha de Quiepe, *que* fica fronteira á barra do Camamú [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3v. L. 68].

revoltozo – *adj.* Rebelde; que se rebela, organizadamente ou não, contra uma autoridade ou algo. “Saõ alguã coiza **revoltozos**, | edados aembriaguez, e(a)assacinos, cujos vicios, emá indole | lhe provem da falta de educação, por não terem há *muito* | tempo, ou *para* mais bem dizer há muitos annos Dire- | ctor, *que* os advirta, nem Parocho que os instrua, [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 12r. L. 350].

sublevada – *adj.* Que rebelou-se e levantou-se contra o seu legítimo senhor, superior ou rei; revoltosa, amotinada. “Approvadas estas razoens, eoutras *muitas*, | *que* offereci, mostrando mais, *que* só huã considerada | brandura, emuito modificado geito, poderia reduzir | aquella gente, quazi **sublevada** a mais deoito annos, | se assentou, que devia eu ser encarregado desta im- | portante diligencia [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 4v. L. 107].

suscitar – *v. trans.* Fazer aparecer; provocar. “*que* tantos eraõ os *que* estavaõ alli sublevados, se os ori- | undos de Iequiriçá não tornassem **asuscitar** huã especie | de nova rebeliaõ, pondome de má fé entre os mais In- | dios, o*que* me pôs aperigo deperder a vida [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 9r. L. 248].

vassallagem - *s. f.* O estado de súdito, de sujeição; obediência. “O descontentamento geral em *que* hoje vi- | vem todos os Indios aldêados noBrazil, *que* saõ duas | partes menos daquelles, que no seu descobrimento se en- | tregaraõ espontaneamente na **Vassallagem** daCoroa Por- | tugueza, e*que* pelas muitas violencias, injustiças, ecapti- | veiros com elles practicados naquelles mesmos tempos | em *que* se lhes pregava aconversaõ, tornaraõ aprocurar | as

brenhas *para* escapar de deshumanos, eferozes Senhores [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3r. L. 48].

violencia – *s. f.* Abuso da força; força feita a alguém contra direito. “O descontentamento geral em *que* hoje vi- | vem todos os Indios aldêados noBrazil, *que* são duas | partes menos daquelles, que no seu descobrimento se en- | tregaraõ espontaneamente na Vassallagem daCoroa Por- | tugueza, *eque* pelas muitas **violencias**, injustiças, ecapti- | veiros com elles practicados naquelles mesmos tempos | em *que* se lhes pregava aconversaõ, tornaraõ aprocurar | as brenhas *para* escapar de deshumanos, eferozes Senhores [...]” [NOTÍCIA DA VIAGEM, século XVIII, f. 3r. L. 49].

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa, que objetivou a elaboração da edição semidiplomática, da edição interpretativa e da construção de um glossário, buscou levantar reflexões a respeito da temática indígena, resgatar vestígios da língua portuguesa de períodos pretéritos e fornecer *corpora* para o estudo dos textos e da história da língua portuguesa no Brasil. Os registros apresentados no documento editado são pertinentes para os estudos no âmbito acadêmico, por contribuírem para os estudos linguísticos, filológicos e sociohistóricos, bem como para entender uma parte da história de populações que vivenciaram, durante muito tempo, o silenciamento de suas vozes, de sua cultura e o apagamento de suas vivências.

Ainda hoje essa realidade está presente em nosso cotidiano. Lamentavelmente, a história se repete e os povos originários da terra continuam tendo suas vozes silenciadas e sofrendo violências dos mais diversos tipos. A ausência de documentos escritos por estes povos revela uma cultura de apagamento e silenciamento por parte dos considerados não-índios, desse modo, colocar em foco os estudos relativos aos sujeitos excluídos pela historiografia tradicional continua sendo extremamente necessário. Apesar de estarmos avançando, no que diz respeito aos estudos nesse âmbito, pode-se dizer que ainda é insuficiente e essa carência reflete na cultura do povo brasileiro, na educação de nossos jovens e na forma como as populações indígenas são tratadas ainda hoje.

Como forma de tentar contribuir um pouco para esses estudos, a editora buscou enfatizar que os indivíduos aqui envolvidos têm histórias que vão muito além do que é contado sobre eles. Nesse contexto, o documento editado, *Notícia da Viagem*, evidencia que novos olhares e novas leituras continuam sendo necessários e pertinentes, sobretudo no que diz respeito aos assuntos indígenas, ressaltando a urgência de outros documentos também serem editados. Amparar esta pesquisa sob a luz da Filologia foi fundamental para atingir os resultados esperados, visto que ela fornece ferramentas aos pesquisadores para que possam extrair do melhor modo as características intrínsecas e extrínsecas ao documento.

Acompanhada da história de um povo está a língua, diretamente ligada a sua cultura e a sua história, caminhando lado a lado. Assim, estudar o léxico de uma comunidade significa considerar, entre outros elementos, questões históricas e socioculturais relativas a ela. A elaboração das edições, a fim de conservar características linguísticas e tornar mais acessível o conteúdo do texto, por meio da edição semidiplomática e interpretativa, respectivamente, contribui para resgatarmos vestígios da língua em outros estágios. As edições realizadas contribuem também para a constituição de *corpora*, bem como para difundir o conhecimento

dessas narrativas, ao passo em que conserva a integridade do documento. As edições do texto fixam em um novo suporte os registros de determinado momento da história do nosso povo, impedindo que se percam com o tempo, e possibilita que outras áreas do saber tenham acesso a essas narrativas.

Considerando a vasta gama de estudos linguísticos que podem ser desenvolvidos a partir dos documentos históricos, a elaboração de um produto lexicográfico é uma delas. Neste caso, a realização do glossário foi fundamental para evidenciar parte da realidade pela qual os povos indígenas passavam naquele período, visto que o glossário apresenta unidades lexicais relativas à violência contra as populações indígenas e seus respectivos modos de resistência. Assim, a consulta ao glossário desperta reflexões que talvez deixássemos passar somente com a leitura das edições do texto. Ademais, o produto lexicográfico corrobora também para os estudos em Linguística, evidenciando os elementos linguísticos provenientes das escolhas do autor do documento. Desse modo, firmar essas unidades lexicais em um glossário é de suma importância, tendo em vista que os produtos lexicográficos atuam também como uma espécie de tesouros, responsáveis por resguardarem os patrimônios linguísticos que, com o passar do tempo, se tornarão ainda mais preciosos.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do Léxico. In: Maria da C. R. Teixeira; Rita de Cássia R. Queiroz; Rosa B. dos Santos. (Org.). **Diferentes Perspectivas dos Estudos Filológicos**. 1ed. Salvador: Quarteto, 2006, v. 1, p. 213-226.
- ANDRADE, Elias Alves de. Aspectos paleográficos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], n. 10-11, p. 149-172, 2009. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v0i10-11p149-172. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59820>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- ANDRADE, Elias Alves de; FAÇANHA, Juliana Lima. Edições fac-similar e semidiplomática de manuscrito oitocentista: aspectos paleográficos. In: **Polifonia**. Cuiabá, MT. V.18, n.23, p.177-192, jan./jun., 2011.
- APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. Documentos e Instrumentos de pesquisa de História Indígena e do Indigenismo d'Aquém e d'Além-Mar Atlântico: uma discussão “necessária, urgente e inadiável”. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH: 50 anos, 2011, São Paulo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH** - Associação Nacional de História, 2011.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001, p. 23-45.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana. **O Vocabulário de Eulálio Motta**. 2017. 359 f. Tese. (Doutorado em Língua e Cultura) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **O conhecimento, a terminologia e o dicionário**. Cienc. Cult., São Paulo, v. 58, n. 2, p. 35-37, jun. 2006.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Terminologia e lexicografia. **Tradterm**, [S. l.], v. 7, p. 153-181, 2001. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2001.49147. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147>.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.
- BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES et al. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, 2012.
- CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CANCELA, Francisco. A Presença de não-índios nas vilas de índios de Porto Seguro: Relações Interétnicas, Territórios Multiculturais e Reconfiguração de Identidade - Reflexões Iniciais. **Espaço Ameríndio** (UFRGS), v. 1, p. 42, 2007.
- CEZAR, Temístocles. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relatos de viagem. **Almanack Braziliense**, v. 11, p. 26-33, 2010.

COSTA, Renata Ferreira. Abreviaturas: simplificação ou complexidade da escrita? **Histórica** (São Paulo. Online), v. 1, p. n° 15, 2006.

COSTA, Renata Ferreira. **Edição semidiplomática de "Memória histórica da Capitania de São Paulo", códice E11571 do arquivo do Estado de São Paulo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.8.2007.tde-10012008-112512. Acesso em: 2021-11-06.

CUNHA, Claudio de Assis da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Tipologia das obras lexicográficas e o léxico histórico do Português Brasileiro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 99-114, 2019. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v21i1p99-114. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/157934>. Acesso em: 10 jun. 2022.

DOMINGUES, Ângela. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII. **Revista Brasileira de História**, vol. 28, n° 55, 2008. p. 133-152.

DIAS, Elizangela Nivardo. A História, a Codicologia e os Reclames. **Histórica** (São Paulo), São Paulo, v. 4, p. 1-9, 2005.

DIAS, Elizangela. **De uma página a outra: o reclame em livros manuscritos e impresso do século XVI ao XIX**. 1. ed. São Paulo: Miró Editorial, 2018. 176 p.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. Critérios de leitura de manuscritos: em busca de lições fidedignas. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], n. 10-11, p. 237-262, 2009. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v0i10-11p237-262. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59824>. Acesso em: 9 nov. 2021.

FIGUEIREDO, Luciano. **Rebeliões no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas**. Manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 3 ed. ver. aum. (Publicações Técnicas; n. 53). 600p. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

GOMES, Flávio dos Santos; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Indígenas e africanos. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.) **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 260-267.

GOMES, Saul António. Paleografia: passado e presente. In: LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento. (orgs.) **A Paleografia e suas interfaces**. Salvador: Memória & Arte, 2018. p. 286-293.

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. A Filologia e o estudo de Requerimentos do Arquivo Histórico Ultramarino. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 22, n. Especial, 75-92, 2020a. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v22iEspecialp75-92>

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. A Paleografia na leitura da documentação histórica sobre a Bahia. In: LOSE, Alcília D.; SOUZA, Arivaldo S. (Orgs.). **Paleografia e suas Interfaces**. 1 ed. Salvador: Memória & Arte: Edufba, 2018, p. 125-142.

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. Léxico e história da escravatura: reflexões críticas a partir de documentos históricos. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, 6(3):224-244, set./dez. 2020b.

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. Léxico e história: lutas e contextos de violência em documentos da Capitania da Bahia. **Revista da Abralin**: Associação Brasileira de Linguística, volume 16, n. 2, p. 191- 218, jan./fev./mar./abril de 2017.

HAENSCH, G., WOLF, L., ETTINGER, S., WERNER, R. **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982. p. 91 – 126.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Normas lexicais no português do Brasil e desafios para a lexicografia brasileira. In: José Sueli de Magalhães; Luiz Carlos Travalia. (Org.). **Múltiplas Perspectivas em Linguística**. 1. ed. Uberlândia - MG: EDUFU, 2008, v. I, p. 447-458.

JESUS, Pollyana Macêdo de; GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. Lugares, registros e memórias: contribuições extraídas de relatos de viagem pela Bahia do século XVIII. **Estudos Interdisciplinares da Linguagem** – v. 02. Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 231-246. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/71978>>. Acesso em: 09/11/2021 15:19

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. Documento e história: a memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.) **O historiador e suas fontes**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KRIEGER, Maria da Graça. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia. **Confluência**, p. 323-334, jan. 2014.

KRIEGER, Maria da Graça. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. **Calidoscópico**, 2006, v. 4, n. 3, p. 141-147.

LARA, Silvia Hunold. Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.17-39, dez. 2008.

LARA, Silvia Hunold; FACHIN, Phablo Roberto Marchis, (org.). **Guerra contra Palmares: o manuscrito de 1678**. 1. ed. São Paulo: Chão Editora, 2021.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; LOPES, Célia Regina dos Santos; BASTOS, Mário Jorge da Motta; OLIVEIRA, Thiago Laurentino. **Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. v. 1. 362p.

MARQUILHAS, Rita. "O preço da ilegibilidade. Nota em defesa das edições interpretativas, seguida da edição de cartas privadas e de cartas testemunhais portuguesas (séc. XVII)". In: **Novi te ex nomine. Estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer**, editado por Boullón Agrelo, Ana Isabel, 721-747. A Coruña, Espanha: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição lexicográfica portuguesa: Bluteau, Moraes e Vieira. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 ed. Campo Grande/MS. EDUFMS. 1998. p. 151-177.

NASCIMENTO, Patricia Emanuelle. Atuação e política indígena em Goiás e suas implicações na política indigenista de aldeamentos no século XVIII: o atraso na aplicação da Lei do Diretório dos Índios.. In: **XXIX Simpósio Nacional de História. Contra os preconceitos: História e Democracia**. Brasília: 2017. p. 1-14.

NOBRE, Wagner Carvalho de Argolo. **Introdução à história das línguas gerais no Brasil: processos distintos de formação no período colonial**. 229 f. il. 2011. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

NORMAS de Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos - Edição Semidiplomática (2020). Para a história do português brasileiro. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1-HwBcjGkNTR9RQz8L1Jvle97OY6FAmiY/view>

NOTÍCIA da viagem e jornadas que fez o Capitão Domingos Alves Branco Muniz Barreto, entre os índios, sublevados nas Vilas e Aldeas das Comarcas de Ilheus e Norte da Capitania da Bahia. Bahia: [s.n.], [Séc. XVIII]. 44 p. BNRJ_Manuscritos – CF-50,01,29. Nº de registro no Acervo Digital: s. 1., s.d. (POSTERIOR A 1792). 3,1,18.

NUNES, José Horta. Léxico e língua nacional: apontamentos sobre a história da lexicografia no Brasil. In: ORLANDI, Eni P. (org.). **História das Ideias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas: UNICAMP; Cáceres: Unemat/Pontes, 2001, p. 71-87.

PEREIRA, Gustavo. "Onde a natureza inclina a tumultos, e persuade desordens": reflexões sobre cultura política e protestos na América portuguesa. In: **Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro-RJ, 2010.

PEREIRA, Rodrigo Osório. O naturalista Domingos Alves Branco Muniz Barreto no Império Botânico Colonial: uma análise de aspectos da produção científica de um autodidata da Filosofia Natural na Bahia Atlântica (1968-1808). In: **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**, Brasília. 2017.

REGO, André de Almeida. Os Aldeamentos indígenas fundados na Bahia e capitanias vizinhas durante o período colonial. **Opará**, v. 4, p. 81-108, 2016.

ROSSATO, Luciana. A natureza da capitania de Santa Catarina a partir dos relatos dos viajantes. ANPUH – **XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**. Londrina, 2005.

SÁEZ SÁNCHEZ, Carlos; CASTILLO GÓMEZ, Antonio. **Paleografía e historia de la cultura escrita: del signo a lo escrito**. Madrid: Síntesis, 1999.

SANTOS, Bruna Trindade Lima. **Edição do Plano Sobre a Civilização dos Índios do Brasil: contribuições para aspectos sócio-históricos do português no Brasil do século XVIII**.

130 p. Dissertação (Mestrado). – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Universidade Nova de Lisboa. 2016.

SANTOS, Fabricio Lyrio. Aldeamentos jesuítas e política colonial na Bahia, século XVIII. **Revista de Historia** (USP), v. 156, p. 107-128, 2007.

SANTOS, Fabricio Lyrio. Colonização e pensamento ilustrado: Domingos Álvares Branco Muniz Barreto e seus primeiros escritos. In: Francisco Topa; Joelma Santana Siqueira; Solange Yokozawa (coords.). (Org.). **Estudos de literatura Brasileira em Portugal - Travessias**. 1ed. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2017, v. 1, p. 187-197.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza**. 8ª ed. Volume 08. Rio de Janeiro, 1890.

SILVA, Antônio de Moraes; BLUTEAU, Raphael. **Diccionario da língua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro...** Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

SILVA, Roberto Airon. Das antiguidades americanas: arqueologia e relatos dos viajantes naturalistas no Nordeste do Brasil - séculos XVIII e XIX. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 6, n. 13, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/273>. Acesso em: 11 set. 2022.

SOUZA, Pedro Daniel dos Santos; LOBO, Tânia Conceição Freire. Da aplicação do Diretório Pombalino ao Estado do Brasil: povos indígenas e políticas linguísticas no século XVIII. **A Cor das Letras** (UEFS), v. 17, p. 46-59, 2016.

SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. **Sobre o uso da Língua do Príncipe**: história social da cultura escrita, reconfigurações linguísticas e populações indígenas na Bahia setecentista. 2019. 531 f. Tese. (Doutorado em Língua e Cultura) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica**: crítica textual. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Um caminho de retorno como base: proposta de normas de transcrição para textos manuscritos do passado. **Travessias Interativas**, v. n.20/v.10, p. 192-208, 2020.

VIEIRA, Domingos. **Grande Diccionario Portuguez ou Thezouro da Lingua Portugueza**. Porto, Portugal. 1871-1874.

VILELA, Mário. O léxico do Português: perspectivação geral. In.: **Filologia e Linguística Portuguesa**, nº 1, p. 31-50, 1997.

XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena. **Dicionário de termos linguísticos**. Lisboa: Cosmos, 1992, v. 2.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Normas de edição: o compromisso com a objetividade. In: II Sinael - II Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2011, Catalão-GO. **II Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística: Linguagem, História e Memória**. Catalão-GO: UFG, 2011. p. 714-723.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à Lexicografia. 2 ed. revista e ampliada – Brasília: Thesaurus, 2004. Disponível em: https://filologiauefs.files.wordpress.com/2019/03/welker_-herbert_dicionarios_uma_pequena_introducao-a-lexicografia.pdf